

ESTUDO PANORÂMICO DOS **PROFETAS MENORES**

Introdução aos “Profetas Menores”

Esse grupo de livros bíblicos que muitas vezes tem sido negligenciado no estudo comunitário como no particular, tem muito a nos ensinar. A proposta dessa série de estudos panorâmicos é levar cada um de nós ao conhecimento das verdades divinas reveladas nestes livros, e este conhecimento à obediência a tais verdades, e, por fim, às bênçãos reservadas para aqueles que se dedicam ao estudo e prática da Palavra de Deus.

Bem vindo ao período de 855 A.C. – 450 A.C.

Quem são os “Profetas Menores”?

O grupo de profetas que são assim chamados é composto por doze nomes: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Porque eles recebem o nome de “Profetas Menores”?

Comentando sobre o assunto, Stanley Ellisen diz¹:

As designações “Profeta Maior” e “Profeta Menor” foram cunhadas por Agostinho no princípio do século IV D.C. “Menor” refere-se à brevidade do segundo grupo, certamente não à sua importância relativa. Os hebreus chamavam-nos de “O Livro dos Doze”. Foram provavelmente agrupados dessa maneira por Esdras e a “Grande Sinagoga”, mais ou menos em 425 A.C., talvez a fim de acomodá-los em um rolo. O grupo todo é mais curto que Isaías, Jeremias ou Ezequiel.

Então, não nos esqueçamos: quando estivermos estudando esses livros não os consideremos inferiores em nada aos do grupo chamado de “Profetas Maiores”, a saber, Isaías, Jeremias (Lamentações, que embora seja pequeno, mas, está junto com o livro de Jeremias), Ezequiel e Daniel, até mesmo porque todos foram muito importantes em sua época, e foram instrumentos de Deus.

O nome de cada profeta

Na cultura hebraica o nome de uma pessoa dizia muito sobre o caráter da mesma. Não podia ser diferente com os profetas.

Via de regra, o significado do nome de cada um deles tem a ver com a mensagem por eles anunciada, mostrando também o relacionamento que cada um deles tinha com Deus.

Oséias: “Deus salvou”

Joel: “O SENHOR é Deus”

Amós: “Carregador de fardos”

Obadias: “Servo do SENHOR”

Jonas: “Pomba”

Miquéias: “Quem é igual a Javé (YAHWEH)”?

Naum: “Consolação”

¹ ELLISEN, 2007, p.315

Habacuque: “Abraçar”
Sofonias: “O SENHOR esconde, protege”
Ageu: “Festivo, minha festa”
Zacarias: “O SENHOR lembra”
Malaquias: “Meu mensageiro”

Síntese dos “Profetas Menores”

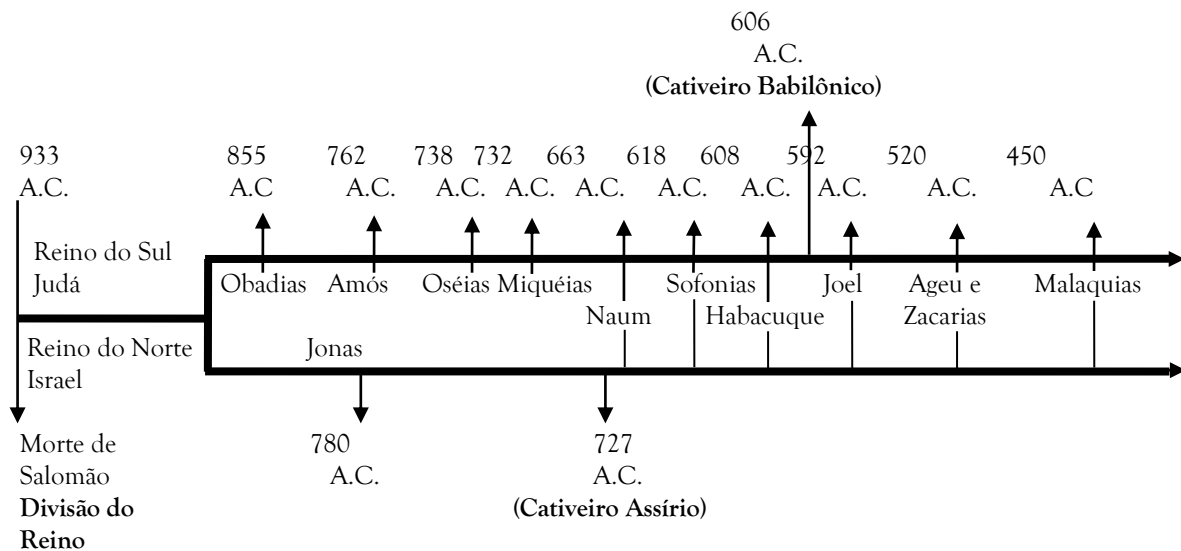
O seguinte gráfico sintetiza a mensagem de cada livro e apresenta um esquema de fácil memorização para retermos a mensagem desses profetas.

Profeta	Data	Caráter de Deus	Mensagem da Aliança
Obadias	855 A.C.	Vingança	Advertência a Judá do julgamento devido ao pecado
Jonas	780 A.C.	Misericórdia	Censura a Israel pelo egoísmo da nação
Amós	762 A.C.	Justiça	Aviso a Israel do julgamento amadurecido
Miquéias	732 A.C.	Perdão para com o mundo	Censura a Judá pelas injustiças sociais
Oséias	738 A.C.	Amor	Aliança violada por Israel
Cativo Assírio 722 A.C.			
Naum	663 A.C.	Zelo	Terror de Deus sobre os atacantes de Judá
Sofonias	618 A.C.	Indignação	Cumprimento da aliança no dia do SENHOR
Habacuque	608 A.C.	Santidade	Uso divino de estrangeiros para a disciplina
Cativo Babilônico 606 A.C.			
Joel	592 A.C.	Julgamento	Aviso a Judá do julgamento devido ao pecado
Ageu	520 A.C.	Glória	Glória verdadeira na presença de Deus
Zacarias	520 A.C.	Livramento	Cumprimento da aliança por meio do Messias
Malaquias	450 A.C.	Grandeza	Obrigações da aliança até que o Messias venha

Linha do tempo

Como já dissemos, possivelmente, foi Esdras quem colocou esses livros agrupados num único rolo por volta de 425 A.C. Essa disposição dificulta a nossa compreensão da mensagem desses profetas pelo fato de não estar em ordem cronológica.

Apresentamos a seguir a ordem cronológica desses livros, ainda que admitamos a não concordância entre os estudiosos do assunto sobre essa ordem cronológica.



Para efeito dos nossos estudos adotaremos essa ordem cronológica a fim de entendermos melhor a mensagem dos profetas dentro dos contextos em que elas foram dadas ao povo de Deus.

ESTUDO PANORÂMICO DOS **PROFETAS MENORES**

OBADIAS

Introdução

Dos profetas “menores”, Obadias é o menor de todos, e, por conseguinte, o menor livro do Antigo Testamento. Com apenas 21 versículos, Obadias comunica uma profecia difícil de carregada da advertência divina contra o pecado de Edom.

1 – Dados importantes sobre o Livro e o Profeta

Data

A questão da data em que essa profecia foi escrita tem gerado certa discussão. Há os que coloquem a data bem próxima ao Cativo Babilônico, ou até mesmo depois deste (final do VI século A.C.). Somos da posição que a profecia dada por Deus a Obadias esteja por volta de 855 A.C. a 845 A.C. o que torna ainda mais impressionante e vigorosa essa profecia.

Autor

Quanto ao autor do livro, o profeta Obadias, sabemos que seu nome significa “servo do Senhor” e que ele estava em Jerusalém na ocasião dos violentos ataques dos edomitas (Edom) à cidade (cf. ELLISEN, 2007, p.342). Mais do que isso nada sabemos sobre o profeta.

Ocasão

No tocante à ocasião, como já foi mencionado, há muita discussão sobre quando exatamente o livro foi escrito. Como adotamos a data mais antiga (855 A.C a 845 A.C.) então temos como “pano de fundo” o ataque que Edom realizou contra Judá. Edom (edomitas) era parente de Israel. Edom que também é chamado de “Hor” (Nm.20.23), de “Seir” (Gn.36.8-9) ou ainda de Esaú (Dt.2.4-5) era o irmão de Jacó (Israel) conforme Gn.25.12-24. Os patriarcas Edom e Israel são os mesmos Esaú e Jacó.

Edom estava instalado nos planaltos e desfiladeiros de arenito na extremidade sudeste do Mar Morto. Sempre ofereceu resistência a Israel, mas, nos dias de Saul e Davi (1Sm 14.47; 2Sm 8.13,14). Judá dominava Edom como “Estado Satélite”. Nos dias do rei Jorão, quando já havia ocorrido a divisão do reino de Israel, Edom se libertou de Judá.

Quando por fim se cumpriu a profecia de Obadias, em 597 A.C. por ocasião da invasão da Babilônia no território de Judá, os edomitas ocuparam as terras de Judá que ficaram vazias em decorrência do cativeiro babilônico. Dessa forma Edom não só auxiliou a Babilônia na pilhagem de Jerusalém em 587 A.C., mas também ocupou algumas vilas de Judá até o período do Império Persa, o qual sucedeu o Império Babilônico (cf. HILL-WALTON, 2006, p.544).

2 – Esboço do livro de Obadias

Entre os vários esboços sugeridos adotaremos aqui o que é apresentado pela Bíblia de Estudo de Genebra.

I – Deus declara guerra sobre Edom (v.1-14)

- A. Cabeçalho: chamado às nações (v.1)
- B. A decisão de Deus de humilhar o soberbo Edom (v.2-4)
- C. A decisão de Deus de saquear o próspero Edom (v.5-7)
- D. A vulnerabilidade de Edom diante do julgamento de Deus (v.8-9)
- E. A cruel indiferença de Edom diante dos problemas de Judá (v.10-14)

II – A promessa de Deus de uma nova ordem moral (v.15-21)

- A. Vingança contra as nações e contra Edom (v.15-16)
- B. O livramento de Jerusalém (v.17-18)
- C. O povo do Senhor toma posse da terra (v.19-21)

3 – Analisando a mensagem do livro**I – Deus declara guerra sobre Edom (v.1-14)**

- A. Cabeçalho: chamado às nações (v.1)

“Visão de Obadias”. Assim começa esse vigoroso livro. Uma “visão” era uma revelação sobrenatural de Deus dirigida aos sentidos (visão e audição) do profeta. Não era um delírio, um êxtase ou mesmo um sonho. No momento em que uma visão era dada, a pessoa conservava-se consciente e lúcida podendo assim transmitir com clareza o que Deus queria que fosse comunicado.

“Assim diz o SENHOR Deus”. Nessas palavras encontramos não só a autoridade e autenticidade da profecia (o próprio Deus é quem a deu), mas, também, a seriedade e pureza moral da mesma, pois, reflete o caráter do próprio Senhor Deus.

Essa profecia aponta para o juízo de Deus contra Edom pela sua maldade em relação a Judá. Essa rivalidade começou com os patriarcas Esaú (Edom) e Jacó (Israel), e tomou proporções nacionais a ponto de Edom ser reconhecido como “o inimigo de Deus”.

“Levantai-vos e levantemo-nos contra Edom...”. Obadias não somente se incluía nessa luta, como principalmente, via na mesma a ação do próprio Deus conduzindo os fatos soberanamente.

- B. A decisão de Deus de humilhar o soberbo Edom (v.2-4)

Como já foi mostrado, Edom estava instalado nos planaltos e desfiladeiros de arenito na extremidade sudeste do Mar Morto. Era um lugar de difícil acesso para os inimigos, e, por isso, Edom se julgava inatingível. Estava seguro de si e em mesmo, mas justamente essa atitude soberba foi a sua ruína. Para Deus não importava onde quer que Edom estivesse instalado. Se ele até mesmo tivesse posto seu “ninho entre as estrelas” (v.4), de lá Deus o derrubaria. O grande problema da soberba é que ela cega o homem para ver sua própria insignificância diante de Deus, e dá ao homem a falsa ideia de ser maior do que o próprio Deus.

Edom se achava seguro contra os inimigos, mas, seu principal inimigo era alguém que não tem problema algum com a geografia, tempo e espaço, a saber, o próprio Deus.

C. A decisão de Deus de saquear o próspero Edom (v.5-7)

Edom experimentou do mesmo veneno que dera a Judá. Ele atacou seu irmão (Judá) e espoliou seus bens. Agora, da mesma forma, Deus retribuía a Edom permitindo que seus aliados (v.7) o traíssem e o “...levaram para fora dos teus limites”, que lhe colocassem armadilhas para os pés (v.7).

Toda riqueza e bens de Edom foram saqueados a ponto do profeta ter exclamado: “como estás destruído!” (v.5). Se ladrões tivessem saqueado Edom o estrago não teria sido tão grande. Mas, aqui vemos Deus vingando o mal feito ao Seu povo.

D. A vulnerabilidade de Edom diante do julgamento de Deus (v.8-9)

Em sua soberba, Edom se via intransponível e inexpugnável. Contudo, ele não entendera (é isso que quer dizer “não He em Edom entendimento”, v.7) que seu principal inimigo era Deus e não as nações. Estas, não eram nada mais que meros instrumentos de Deus para executarem Seu juízo.

Nem os sábios de Edom, nem os valentes de Temã (um dos descendentes de Esaú), eram páreos para Deus. Ele aniquilaria a todos: os sábios em sua sabedoria e os valentes em sua valentia e arrogância.

E. A cruel indiferença de Edom diante dos problemas de Judá (v.10-14)

Esses versos descrevem a perversidade da nação de Edom que deixou de ter compaixão para com sua irmã a nação de Judá para unir-se com os inimigos de Deus. E não somente isso, mas, Edom sentiu prazer em ver a desgraça de seu irmão.

O que Edom queria era se projetar diante das nações ímpias e isso à custa de seu irmão Judá. Não levou em conta os absolutos morais e espirituais. A nação de Edom refletia o mesmo caráter depravado de seu ancestral Esaú que amou mais as coisas deste mundo e os prazeres dessa vida do que o Reino de Deus, pois, desprezou a bênção de Deus (cf. Gn 25.29-34; 26.34-35).

II – A promessa de Deus de uma nova ordem moral (v.15-21)

Deus corrige Seu povo. Para isso Ele pode até usar inimigos, mas, esses inimigos não ficam impunes. É importante destacarmos que Deus não usa os ímpios como “peças de um tabuleiro de xadrez”, mas, sim, eles são maus e perversos, e Deus permite que na perversidade deles eles sejam esse instrumento para punir o povo Dele. Quando Deus então retribui aos ímpios, Ele lhes dá a justa paga de sua maldade.

A. Vingança contra as nações e contra Edom (v.15-16)

O “Dia do Senhor está prestes a vir” (v.15). Essa expressão está sempre ligada ao julgamento de Deus contra os ímpios e perversos. É o dia em que Deus executa Sua vingança contra a maldade e o pecado das nações ímpias. Edom, aqui, era o modelo dessa punição divina contra as nações. Deus faria com as nações o mesmo que Ele fez com Edom. Em muito maior escala foi o sofrimento que Deus fez vir sobre Edom porque este fizera sofrer os filhos de Deus. O Dia do Senhor é a ocasião em que Ele é glorificado como o Justo Juiz.

B. O livramento de Jerusalém (v.17-18)

Não foi somente um livrar Judá das mãos de seus inimigos, mas, sim, dar a Judá a chance de reverter a situação e de ser honrado diante daqueles que o humilharam. Note que Deus é quem fez tudo isso. Judá teve apenas que confiar em Deus.

Judá veria a glória de Deus sobre o Monte Sião novamente, isto é, veria o culto a Deus ser restaurado nesse monte. Deus humilharia a tal ponto Edom, que este seria como restolho ao passo que Judá seria a chama que o consumiria.

C. O povo do Senhor toma posse da terra (v.19-21)

O que estes versos estão dizendo é que o povo de Deus após o exílio voltaria a ocupar todas as terras que um dia deixaram e foram ocupadas por Edom. A terra era de Judá e não de Edom. Deus assim restituiria a terra (apontou todas as divisas da terra) aos seus verdadeiros adoradores.

A esperança do povo de Deus não é outra coisa senão o poder de Deus. Não é a nossa força ou habilidade que nos garante essa vitória, mas, sim, o braço do Senhor.

4 – Contribuições singulares de Obadias²

I – O triste destino do filho favorito de Isaque

O casal Isaque e Rebeca tiveram os gêmeos Esaú (Edom) e Jacó (Israel). Esaú era o favorito de Isaque ao passo que Jacó, o de Rebeca. Mas, não fora só Rebeca que havia escolhido Jacó – Deus também o escolhera. Esaú por ter rejeitado a bênção de Deus sempre viveu à parte dela, e agora, seus descendentes viam o fim de sua linhagem. A história descreve o perigo das escolhas humanas em oposição às divinas.

II – Uma lição sobre o perigo de rancor na família

Apesar de serem irmãos gêmeos se tornaram inimigos mortais. Tudo começou num lar piedoso, porém, que não soube lidar com o favoritismo dos pais em relação aos filhos. Ciúmes, invejas e disputas tornaram-se corriqueiras nessa família, e perduraram nos descendentes. Tal inimizade ainda permanece em nossos dias, pois, embora os edomitas agora existam com outro nome: árabes.

Stanley Ellisen diz (ELLISEN, 2007, p.348):

Os edomitas permitiram que um antigo ciúme se transformasse em amargura e vingança, incorrendo no eterno julgamento divino. São extremamente raros os edomitas de renome, tais como Doegue, que matou os sacerdotes de Nobe; Hadade, inimigo de Davi; e Herodes, que tentou matar o Messias (1Sm 22.18; 1Re 11.14 ss; Mt 2.16).

O livro de Obadias vem nos lembrar do perigo de abrigarmos em nosso coração sentimentos pecaminosos como amargura e rancor que podem se transformar em assassinato e num veneno para nós mesmos! O único remédio é o perdão sincero.

² Cf. ELLISEN, 2007, p.346.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

JONAS Parte I

Introdução

Na ordem cronológica que temos seguido, Jonas é o segundo livro dos Profetas Menores que estudaremos. Dado a extensão do assunto, dividiremos em três estudos esse livro, sendo que primeiramente veremos os dados gerais do livro, em segundo lugar, os capítulos 1 e 2 que tratam do chamado, rebeldia e castigo de Jonas, e por fim os capítulos 3 e 4 que tratam das boas novas pregadas a Nínive, do seu arrependimento, da misericórdia de Deus e da lição que Deus deu a Jonas.

1. Autoria

Apesar de haver alguma discordância (não muito expressiva) quanto ao assunto a autoria deste livro sempre foi atribuída a Jonas, o “filho de Amitai” (Jn 1.1.; 2Re14.25). Ele era da cidade de Gate-Héfer, uma pequena aldeia de Zebulom, mais ou menos a 3 quilômetros a nordeste de Nazaré (conhecida agora como Mashhad).

O nome de Jonas significa “pomba”, e ele fora chamado por Deus para ser um mensageiro da paz a Nínive. Mas, como disse Stanley Ellisen sua atitude foi “*mais de um gavião do que de um pombo*” (ELLISEN, 2007, p.350).

Jonas trouxe sua profecia no começo do reinado de Jeroboão II. Em 2Re 14.23-28, encontramos Jonas anunciando a Israel que o Senhor voltaria a ter misericórdia dele e lhe concederia uma época de grande desenvolvimento nacional. Esse ato misericordioso de Deus foi um estímulo para que Israel se arrependesse de seu pecado e se voltasse para Deus.

2. Cenário Histórico

Quanto a data da escrita do livro ficamos com 780 a 765 A.C., uma vez que Jeroboão II reinou entre 793 – 753 A.C., e Jonas foi profeta em seus dias.

Quanto à historicidade do seu livro ressaltamos os seguintes pontos³:

Dois pontos de vista

Apesar de muitos críticos modernos lançarem dúvidas quanto ao livro dizendo que ele não passe de mito, esse livro tornou-se uma “prova de fogo”, pois, duvidar dele implica em duvidar do restante da Bíblia. Em decorrência disso há dois pontos de vista sobre o livro: um alegórico e outro literal. O ponto de vista alegórico vê o livro como mito, ficção que transmite verdades de grande valor espiritual semelhante às parábolas que Jesus contou. O ponto de vista literal reconhece-o como história verídica. Nós a reconhecemos como verdadeira Palavra de Deus, e, portanto, verídica, pois:

³ Cf. ELLISEN, 2007, p.351.

- Em momento algum a história dá indicação de que é fictícia. Os lugares, a ocasião e as personagens descritas por ela, mostram que de fato ela aconteceu.
- Há mais de uma referência bíblica falando da existência de Jonas;
- A tradição judaica sempre atribuiu credibilidade e veracidade ao livro;
- Cristo mencionou não somente Jonas, mas, ambos os milagres descritos no livro, atribuindo-lhes caráter de verdadeiros (Mt 12.40-42; 16.4; Lc 11.29-32), associando a historicidade de Jonas à de Salomão;
- Embora nos cause espanto saber que um homem esteve no ventre de um grande peixe por alguns dias e saiu vivo de lá, a história secular conta-nos semelhantes casos em menor escala – embora o registro bíblico não dependa de tais confirmações;
- Não aceitar essa história como verdadeira a despeito dos milagres aqui relatados, é o mesmo que questionar toda a Escritura que narra tantos outros casos sobrenaturais. Definitivamente, não temos essa autoridade.

3. A Perversa Nínive

Nínive ficava a mais ou menos 960 quilômetros de Israel, a leste setentrional na Mesopotâmia. Era também uma das cidades mais antigas do mundo (foi fundada por Ninrode, Gn 10.11), era também uma das mais perversas cidades que já existiram. Apesar de sua importância ela não era a capital do Império Assírio. Calá era a capital do império.

Os habitantes de Nínive eram conhecidos como uma “raça sensual e cruel”. Eram saqueadores e assassinos cruéis. Faziam questão de exibirem as cabeças de dos inimigos derrotados, fazendo montões com as mesmas. Antes de lhes cortar a cabeça matavam-nos com uma técnica muito cruel, o empalamento.

Os ninivitas eram orgulhosos porque sua cidade era fortificada com um muro de 96 quilômetros de extensão, na altura de 30 metros, com a largura que dava para passar três carruagens emparelhadas. Além disso, 50 torres de 60 metros de altura estavam espalhadas pela extensão da muralha permitindo assim uma vigilância muito forte.

Por tudo isso, Nínive representava não só para Israel, mas para todos os povos uma ameaça mortal. Desde os tempos do rei Onri (880 A.C.) a Assíria tinha forçado Israel a pagar tributo até 790 A.C. quando Jeroboão II despontava como o futuro rei de Israel.

Devemos perguntar por que será que Jonas fugiu para Társis no lado oposto, no Mar Mediterrâneo⁴. E a resposta se faz clara diante desse cenário horrível. Contudo, não podemos nos esquecer que Deus é quem mandara Jonas para lá e ele deveria obedecer a todo custo. Não lhe competia questionar a ordem de Deus.

Deus queria revelar Sua graça também a Nínive e competia a Jonas ser o mensageiro dessas boas novas de salvação.

4. Objetivo e Tema do Livro

Diante de tudo isso fica claro que o objetivo de Deus com o livro é nos mostrar como a Sua graça pode ser revelada e alcançar o mais degradante pecador (no caso os ninivitas) e dar restauração a um servo rebelde (no caso Jonas).

⁴ A identificação exata de Társis é difícil, embora seja frequentemente indicada com o porto de mineração de Tartesso, no Sul da Espanha. Algumas vezes, porém, o termo designa o distante litoral mediterrâneo em geral (Bíblia de Estudo de Genebra, nota de Jn 1.3).

Stanley Ellisen propõe como tema central do livro o seguinte: **A amplitude da misericórdia de Deus e a limitada obstinação de Jonas**. O que parece estar de acordo com o que vimos até aqui.

5. Contribuições Singulares de Jonas

Podemos tirar as seguintes contribuições:

- **Comparação entre Jonas e Obadias:** enquanto Obadias ressalta a ira de Deus contra os inimigos de Israel, o livro de Jonas nos mostra o quanto Deus pode ser misericordioso com os ímpios.
- **Laconismo de Jonas:** diferentemente dos outros profetas, a mensagem de Jonas é curtíssima: “Ainda quarenta dias e Nínive será subvertida” (3.4), e não só isso, mas, ele não viu sua profecia se cumprir como puderam ver os demais profetas em relação às suas profecias. No caso de Jonas, a profecia surtiu o efeito que Deus sempre quer ver nos pecadores: arrependimento.
- **Milagres de Jonas:** os milagres relatados em 1.15,17; 2.10; 3.5-10; 4.6, embora sejam contestados pelos críticos e descrentes, foi em Jonas que Jesus buscou similaridade com Sua obra, à qual Ele chamou de “sinal de Jonas” (Mt 12.39-41; 16.4).
- **Arrependimento de Nínive:** é um dos maiores avivamentos descritos na Bíblia (e talvez na História). Se levarmos em consideração que havia em Nínive cerca de 600 mil habitantes, veremos que a conversão maciça da cidade (3.5-10) foi obra divina. É importante notarmos que aqui não se tratou de uma imposição da liderança (como acontece com o Islamismo, pois, quando um líder político se converte ao Islamismo, toda a nação passa a ser muçumana), mas, sim, comelou com o povo e a notícia chegou ao rei depois.
- **“Arrependimento” de Deus:** o livro também registra que “Deus se arrependeu”. Voltaremos a esse assunto mais detidamente. Por enquanto, basta-nos entender que esse “arrependimento” de Deus é a Sua compaixão sendo exercida em favor dos corações que se arrependeram. Devemos entender que o julgamento divino **sempre depende** das ações do homem (se o homem não pecasse não haveria julgamento), mas, a misericórdia e graça de Deus não dependem do homem – elas são incondicionais. Deus teve compaixão da cidade de Nínive mesmo antes desta saber que precisava se arrepender.
- **Arrependimento de Jonas:** embora no livro de Jonas o arrependimento de Nínive ganhe destaque, não podemos deixar de ver que 3 dos 4 capítulos tratam do arrependimento de Jonas. Parece que Jonas teve mais dificuldade de ser trabalhado em seu coração do que os perversos ninivitas. Isso nos mostra como somos propensos à hipocrisia. Vemos o pecado dos outros com muita facilidade, mas, o nosso não está tão visível assim para nós. Contudo, um fato que passa despercebido por nós muitas vezes é que Jonas escreveu seu livro e em momento algum ele escondeu seus fracassos e pecados; ele não “pintou” de si uma imagem mentirosa.
- **Cristologia em Jonas:** Jonas foi indicado pelo próprio Senhor Jesus como um antítipo Dele próprio. Do mesmo modo que Jonas esteve no ventre do peixe (lugar de morte) durante três dias, Jesus também esteve no “ventre” da terra. Jesus usou a experiência de Jonas para tipificar a maior verdade bíblica: sua própria ressurreição dentre os mortos.

6. Esboço do Livro de Jonas**I- A desobediência de Jonas e o seu livramento (1 – 2)**

- A – O Senhor envia Jonas (1.1-2)
- B – O profeta foge do Senhor (1.3)
- C – O Senhor persegue Jonas: a grande tempestade (1.4-16)
- D – O Senhor preserva Jonas (1.17)
- E – A ação de graças e o livramento de Jonas (2)

II- Jonas obediente e libertado (3 – 4)

- A – O Senhor envia Jonas pela segunda vez (3.1-2)
- B – O profeta obedece (3.3)
- C – A pregação de Jonas: Nínive se converte e é libertada (3.4-10)
- D – A ira de Jonas diante da compaixão de Deus (4.1-4)
- E – Uma lição do amor de Deus (4.5-11)

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

JONAS Parte II

Introdução

Conforme planejamos, hoje veremos o segundo estudo no livro de Jonas que abrange os capítulos 1 e 2 que tratam do chamado, rebeldia e castigo de Jonas. Seguiremos o esboço apresentado no estudo I.

1- A desobediência de Jonas e o seu livramento (1 – 2)

- A – O Senhor envia Jonas (1.1-2)
- B – O profeta foge do Senhor (1.3)
- C – O Senhor persegue Jonas: a grande tempestade (1.4-16)
- D – O Senhor preserva Jonas (1.17)
- E – A ação de graças e o livramento de Jonas (2)

A – O Senhor envia Jonas (1.1,2)

“**Veio a palavra do SENHOR Jonas...**”, essa frase marca o começo das duas grandes partes em que pode ser dividido o livro de Jonas (veja 3.1). Ela também marca a ação de Deus revelando Sua Palavra e vontade aos homens através de Seus servos. Em nota, a Bíblia de Estudo de Genebra ressalta que essa expressão aparece não menos que 112 vezes no AT.

Deus envia Jonas à Nínive, a principal cidade da Assíria (apesar de não ser sua capital) para “clamar contra ela”, ou seja, trazer à cidade a mensagem Divina de condenação porque de Nínive Deus disse que “**sua malícia subiu até mim**”.

Os servos de Deus sempre são enviados para o meio de ímpios e é entre estes que os filhos de Deus devem fazer a diferença.

B – O profeta foge do Senhor (1.3)

“**Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do SENHOR (...) para longe da presença do SENHOR**”. Como podemos fugir da presença do Deus “**...do céu, que fez o mar e a terra**” (v.9)? Veja o que diz o Sl 139.7-12.

Muitas vezes nós fazemos o mesmo. Embora admitamos que Deus é soberano sobre toda Terra e universo, todas as vezes que pecamos estamos de alguma forma “fugindo” da presença de Deus, ignorando-O como se Ele não visse o que fazemos. O nome disso é “ateísmo prático”.

C - O Senhor persegue Jonas: a grande tempestade (1.4-16)

Jonas se sentia seguro naquele navio; dormia profundamente no porão (v.5). Mas, vindo a tempestade, o navio estava para se despedaçar. Nada que o homem faça pode protegê-lo ira de Deus.

Os marinheiros, cada qual clamava a seu deus. Quando despertaram Jonas e lhe mandaram invocar a Deus, eles pensavam que Deus fosse apenas mais um deus (v.6). Porém, quando Jonas disse que o mar, a terra e o céu foram feitos pelo seu Deus, eles de pronto viram nessa declaração a solução. Além disso, a sorte havia sido lançada e caído sobre Jonas apontando-o como o culpado.

Três fatos me chamam a atenção:

- (1) No v.10. Ao que tudo indica, antes de ter acontecido tudo isso, Jonas em algum momento havia dito para eles a razão de sua viagem: fugir de Deus. Quando eles “ligaram” os fatos entenderam que o que estava acontecendo ali era a mão do SENHOR Deus que estava agindo, e, portanto, somente quando o culpado fosse punido, a paz voltaria àquele navio. E assim aconteceu.
- (2) Também me chama a atenção o fato de Jonas admitir sua culpa e assumir a responsabilidade diante do ocorrido (v.12). Os marinheiros não concordaram a princípio, em lançar Jonas na água. Mas, como essa era a única saída acabaram cedendo e o lançaram na água.
- (3) No v.14, os marinheiros se mostraram mais sensatos que Jonas pois, tiveram compaixão da vida dele, ao passo que ele, enquanto não foi incomodado em seu repouso, não se preocupou nem um pouco com a vida deles. Além disso, depois que Jonas foi lançado ao mar e a tempestade cessou, eles temeram muito a Deus e lhe fizeram votos (uma atitude de culto e adoração a Deus), coisa que Jonas não irá demonstrar pelos ninivitas ao ver a misericórdia de Deus para com eles (4.8-11).

D – O Senhor preserva Jonas (1.17)

O capítulo 1 encerra mostrando a ação de Deus em designar um grande peixe, que muitos pensam ser uma baleia cachalote ou um grande tubarão, ponto esse que não é muito importante, pois, o que realmente importa é que esse grande peixe foi a salvação de Jonas nos três dias e três noites que passara no fundo o mar.

O “sinal de Jonas” ao qual Jesus se referiu em (Mt 12.38-41; 16.4; Lc 11.29-32), não foi somente em relação ao tempo em que Ele passou no sepulcro assim como Jonas passou no ventre do peixe. Além disso, o Senhor Jesus se referia ao fato de que os ninivitas sem contemplar qualquer milagre, mas, somente pela instrumentalidade da pregação de Jonas, eles se arrependeram e se voltaram para Deus. Aquela geração a qual Jesus chamou de má e perversa (Mt 12.39) pediu sinais e milagres para confirmarem a autoridade de Jesus, mas, Ele apenas lhe deu a Sua mensagem, a qual era mais do que suficiente para salvá-los, caso cressem Nele, ou para condená-los por recusarem crer Nele, como de fato aconteceu (cf. nota da Bíblia de Estudo de Genebra).

E – A ação de graças e o livramento de Jonas (2)

A oração que Jonas fez dentro do ventre do peixe segue uma estrutura literária típica dos salmos:

- (1) Petição por livramento (v.2);
- (2) Exposição do problema (v.3-6);
- (3) Descrição da libertação (v.6-7);
- (4) Louvor pela libertação (v.8-9).

Jonas expressou sua confiança em Deus em responder-lhe a oração. O **“ventre do abismo”** é o mesmo que sepultura. Jonas estava cercado pela morte, mas, a mão de Deus fez com que aquele lugar de morte (o ventre do peixe) se tornasse em salvação para ele, pois, nas profundezas do mar, como ele poderia sobreviver?

“...tornarei, porventura, a ver o teu santo templo?” (v.4), o templo de Jerusalém era o símbolo da presença divina na terra. Estar no templo era o desejo de todo israelita piedoso. Jonas, em meio à angústia vê o quão importante é estar em comunhão com Deus e viver na presença Dele. Se antes seu desejo era fugir da presença de Deus, agora, é estar na presença Dele. As tribulações sempre são um meio que Deus usa para nos trazer para mais perto Dele. É sábio o coração que assim encara a tribulação.

“Os que se entregam à idolatria vã, abandonam aquele que lhes é misericordioso” (v.8), o tempo todo lutamos contra sentimentos idólatras em nosso coração. A idolatria é um pecado cometido não somente por quem se ajoelha diante de imagens, mas, também por servos de Deus que deixam de amá-Lo acima e antes de tudo e de todos, encontrando em outras coisas o prazer e a satisfação em vez de buscá-los em Deus. O Senhor havia mandado Jonas para os idólatras ninivitas afim de que se arrependessem de sua idolatria e se voltassem para Deus. Jonas sabia que Deus era misericordioso, mesmo assim, se rebelou contra Deus quando Ele exerceu Sua misericórdia.

“Ao SENHOR pertence a salvação!”. Jonas ainda tinha muito o que aprender sobre isso. Contudo, Jonas quis administrar a benção da salvação, no caso, negando-a aos ninivitas. Somos apenas mensageiros, não nos compete decidir a quem pregar e muito menos quem será salvo.

ESTUDO PANORÂMICO DOS **PROFETAS MENORES**

JONAS **Parte III**

Introdução

Nessa última parte do livro de Jonas onde estudaremos os capítulos 3 e 4, veremos a misericórdia de Deus sendo revelada a Nínive e a lição que Jonas recebeu do amor de Deus, temas esses que são centrais neste livro, pois, nos mostram como Deus pode amar pecadores tão desprezíveis como os ninivitas e o próprio Jonas.

1 – Jonas obediente e libertado (3 – 4)

- A – O Senhor envia Jonas pela segunda vez (3.1-2)
- B – O profeta obedece (3.3)
- C – A pregação de Jonas: Nínive se converte e é libertada (3.4-10)
- D – A ira de Jonas diante da compaixão de Deus (4.1-4)
- E – Uma lição do amor de Deus (4.5-11)

A – O Senhor envia Jonas pela segunda vez (3.1-2)

“Veio a palavra do SENHOR, segunda vez a Jonas...”. Vemos aqui não somente Deus dando a Jonas uma segunda chance de fazer Sua vontade, como principalmente vemos a vontade de Deus sendo executada como Ele quis.

Deus sempre nos concede o privilégio da “segunda chance”. Somos muito abençoados se a aproveitarmos, mas, melhor ainda, é não precisarmos da segunda chance por termos aproveitado a primeira.

B – O profeta obedece (3.3)

“Levantou-se, pois, Jonas, e foi a Nínive segundo a palavra do SENHOR”. Em Rm 11.29 lemos: **“porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis”**. Deus queria salvar Nínive, e para proclamar a Sua Palavra (condição primordial para a conversão) designou Jonas. A vontade de Deus não pode ser contrariada. Deus poderia ter levantado outro no lugar de Jonas, mas, ao dar a Jonas uma segunda chance, o Senhor estava mostrando na prática para Jonas a misericórdia que Ele queria mostrar a Nínive.

“Ora, Nínive era cidade muito importante diante de Deus...” a interpretação mais plausível para essas palavras é que Nínive era alvo do amor de Deus não porque merecesse mas, sim, porque carecia de Sua misericórdia (coisa que acontece com todos os pecadores).

C – A pregação de Jonas: Nínive se converte e é libertada (3.4-10)

A extensão da cidade era de três dias, isto é, era o tempo que uma comitiva diplomática gastava para percorrer a cidade de ponta a ponta. Jonas havia percorrido a distância relativa a um dia apenas e isso foi o suficiente para chamar a atenção dos ninivitas e eles serem tocados pela Palavra de Deus

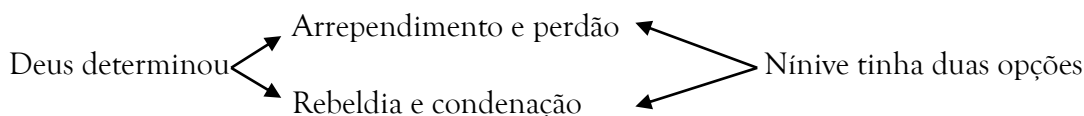
“Os ninivitas creram em Deus”. Tocados pela Palavra de Deus proclamada por Jonas, os ninivitas demonstraram profundo arrependimento pelos seus pecados. Proclamaram um jejum e se vestiram com panos de saco, um tecido rústico, geralmente feito de pelo de cabras. Era sinal de lamentação e de humilhação diante de Deus. Tinha a forma de um saiote ou uma faixa presos ao redor da cintura e usado em contato direto com a pele, algo extremamente incômodo.

“Chegou a notícia ao rei de Nínive...”. Geralmente, uma ordem como essa partia da liderança para o povo. Aqui vemos o contrário. O rei ao ver o arrependimento do povo, de pronto seguiu o exemplo do povo e também se pôs em humilhação diante de Deus. Nada pode ser mais desastroso para uma nação do que um líder arrogante e prepotente, como também é uma bênção para um povo um líder que se mostra temente a Deus.

A ordem real era para que toda a nação se mostrasse humilde diante de Deus e contrita pelo seu pecado. Até os animais deveriam ser incluídos nesse decreto não porque tivessem pecado e necessitassem de perdão, mas, isso era uma demonstração dramática do arrependimento do povo. Além disso, o rei reconheceu não só o seu pecado, mas, apontou também o pecado do povo como se vê no v.8.

O v.9 reflete uma estrutura do Antigo Testamento com relação ao perdão divino: (a) ameaça de julgamento; (b) reação penitente, (c) decisão divina de reter o juízo.

“...e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria e não fez”. Teria Deus mudado Seus planos? Com certeza não. Quando olhamos com atenção para toda o quadro dessa história veremos que Deus deixou claro que Nínive tinha duas opções e Deus já tinha determinado o resultado dessas duas opções: ou Nínive se arrependia e seria poupada, ou continuava rebelde e sofreria a condenação.



Qualquer uma das opções que Nínive escolhesse o resultado já estava determinado por Deus.

Contudo, justamente por Deus ser misericordioso, Ele agiu nos corações empedernidos e os amoleceu com Sua graça. É Ele quem faz isso, Rm 9.15-17.

Comentando esse verso, a Bíblia de Estudo de Genebra em nota diz:

A mudança dos planos do Senhor (i.e., a sua escolha soberana de fazer com que sua própria ação dependesse da resposta humana) é totalmente compatível com a soberania e a imutabilidade de Deus, visto que ele decreta tanto os meios bem como os fins da sua soberana vontade (Jr 18.7-10).

D – A ira de Jonas diante da compaixão de Deus (4.1-4)

A um pregador do Evangelho não existe alegria maior do que ver os pecadores se voltarem para Deus em arrependimento e serem por Ele salvos. No caso de Jonas, causa-nos estranheza o fato dele ter ficado profundamente desgostado com o resultado do que ele vira, a saber, a conversão dos ninivitas.

A ideia que o texto hebraico transmite aqui do desgosto de Jonas é a de que ele considerava o ato misericordioso de Deus um erro grotesco, afinal, o pior inimigo de Israel estava sendo alcançado pela misericórdia de Deus. O desejo de vingança mina a nossa alegria e vontade de viver (Hb 12.3). Foi justamente isso que aconteceu com Jonas (4.3)

“...és Deus clemente, e misericordioso e tardio em irar-se, e grande em benignidade e te arrependes do mal”. Essas palavras nos revelam a razão de Jonas ter fugido da presença de Deus e de não querer pregar a Palavra de Deus a Nínive. Jonas sabia muito bem como é o caráter de Deus. Mas, era inconcebível para Jonas que homens tão perversos tivessem uma chance aos olhos de Deus.

Mas, seriam os ninivitas tão mais ímpios que Jonas? Se levarmos em consideração o conhecimento que Jonas tinha de Deus em comparação ao conhecimento que os ninivitas tinham, Jonas era muito mais ímpio que eles, pois, tendo o conhecimento que tinha de Deus mesmo assim O desobedeceu, ao passo que os Ninivitas na primeira oportunidade, ouvindo uma mensagem nada esclarecedora, e mesmo assim se converteram a Deus.

E – Uma lição do amor de Deus (4.5-11)

No v.5 vemos que Jonas ainda abrigava em seu coração alguma expectativa de Deus mudar de ideia e destruir a cidade. Fez uma ramada sobre a qual se deitou para assistir ao espetáculo.

Assim como Deus usara um peixe para preservar a vida de Jonas, agora Ele faz uma planta crescer mostrando-lhe o Seu amor pelo profeta. Jonas se deleitava com a sombra daquela planta, e possivelmente, por alguns dias ficara ali esperando para ver o fim de Nínive. Deus então faz com que um verme mate a planta e com o sol e o vento (possivelmente, o temido siroco), a planta secou. Isso fez com Jonas ficasse irado **“até à morte”** (v.9).

Jonas mostrou-se terrivelmente mesquinho diante da maravilhosa graça de Deus: estava mais preocupado e sentiu-se tão mal por causa de uma planta que morreu, mas, não se importava com vidas, milhares de vidas (algo em torno de 120.000 habitantes).

Lastimavelmente, vemos muitos que se dizem servos de Deus estão agindo exatamente da mesma maneira hoje:

- abrigam ódio e desejo de vingança em seus corações;
- se veem como bons e melhores que os demais pecadores;
- valorizam as coisas mais do que as pessoas;
- querem ensinar Deus a usar Sua misericórdia.
- e, são petulantes e insolentes quando questionam a Deus em executar a Sua vontade.

Conclusão

Encerrando nosso estudo no livro de Jonas, ressaltamos que este livro é um “prelúdio” do Evangelho, pois, assim, como a Palavra de Deus chegou aos ninivitas o Evangelho também chegou aos gentios. A mesma resistência que Jonas teve em obedecer a Deus, também o tiveram os cristãos judeus.

O livro de Jonas termina com uma pergunta de Deus que deixa em aberto a questão do amor para com os perdidos. Assim como as parábolas de Cristo às quais Ele

sempre deixava em aberto para levar Seus ouvintes à reflexão, da mesma forma, o Livro de Jonas nos conduz a refletirmos sobre a nossa atitude em relação aqueles que nos rodeiam o tempo todo e em como temos reagido quando Deus nos manda pregar-lhes o Evangelho e até mesmo quando vemos os resultados misericordiosos de Deus salvando-os. O livro de Jonas pode muito bem ser um retrato nosso.

Que a misericórdia de Deus a nós revelada seja o combustível que mantém a chama do amor pelas pessoas que estão perecendo na ilusão do pecado.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

AMÓS Parte I

Introdução

Neste estudo veremos apenas os aspectos introdutórios do livro de Amós. Este livro tem muito a nos ensinar, especialmente sobre como o servo de Deus deve ver a realidade social. O livro de Amós bem que poderia ser publicado em qualquer jornal do dia, pois, sua mensagem (assim como todas as Escrituras) é muito atual.

1 – O Tema⁵

Sugerimos o seguinte tema com base em toda a mensagem do livro: **“O julgamento de Israel está próximo por causa da corrupção espiritual, moral e social do povo”**.

2 – Autoria

Como já vimos anteriormente, o nome de Amós significa “carregador de fardos”, e como o seu livro nos mostra, existem muitos “fardos” de julgamentos ou calamidades que o profeta transmitiu ao povo de Israel.

Praticamente todos os estudiosos e historiadores bíblicos concordam que não há nada significativo que ponha em descrédito a autoria do livro. Assim sendo, todos concordam que foi o profeta Amós que escreveu seu livro.

Amós era de Tecoá, uma pequena aldeia que ficava uns 8 quilômetros ao sul de Belém. Era um homem de negócios, um fazendeiro (pastor, boieiro e colhedor de sicômoros⁶). Também se mostrava um habilidoso intelectual que apesar de viver no interior do país, estava atento à realidade social de Israel denunciando com vigor os vários pecados cometidos pelo povo. Seu livro é considerado um “clássico” pela forma como foi escrito. Ainda é importante lembrarmos que ele não era um profeta como os demais que haviam sido treinados na escola de profetas (7.14). No entanto, quem o comissionara para tão importante obra fora o Senhor Deus e, por isso, ele foi tão eficaz em seu ministério.

3 – Data e Ocasião

Ao avaliarmos os dados que o próprio livro nos oferece, podemos com toda certeza datar a escrita do livro por volta de 762 a 760 A.C.

O grande terremoto mencionado em 1.1 foi acompanhado de um eclipse solar conforme (8.8-10). Segundo os astrônomos esse eclipse ocorreu em 15 de junho de 763 A.C. A profecia foi proferida em 765 A.C., porém, só foi escrita em 762 A.C.

O livro também nos informa sobre Jeroboão II e Uzias que reinaram simultaneamente de 767 a 752, e Amós foi contemporâneo desses dois reis.

⁵ As informações deste estudo estão baseadas no livro de Stanley Ellisen “Conheça melhor o Antigo Testamento” da Editora Vida, 2007.

⁶ Uma espécie de figo.

4 – Mensagem do Livro

Como podemos ver no tema do livro, Amós proclamou o julgamento de Deus contra três pecados específicos do povo de Israel:

Idolatria (pecado espiritual)

A adoração ao bezerro de ouro (Baal) persistia em Betel (Casa de Deus) há mais de 170 anos. Jeú em 841 A.C. banuiu esse culto idólatra, mas, infelizmente, ele não foi totalmente erradicado.

Injustiça Social (ganância dos ricos que oprimiam os pobres)

Amós anunciou veementemente que Deus haveria de fazer justiça pelos oprimidos. Tanto que a “Justiça de Deus” é um dos assuntos mais claros em todo livro.

Os ricos, por causa de sua ganância, estavam oprimindo os pobres cada vez mais. A perversidade do povo havia chegado ao limite da paciência de Deus. A injustiça social era visível. Os poderosos sempre tinham a razão. Usurpavam os pobres e viviam na suntuosidade e no vício. O povo de Deus se comportava como um povo pagão.

Imoralidade (liderança espiritual e política se entregaram à corrupção moral).

Moralmente, a nação estava corrompida tanto interna como externamente. Profetas e sacerdotes viviam a serviço de seus próprios interesses. Amós atribuiu a corrupção ao rei e ao sumo sacerdote. Por esta razão profetizou que as casas de Jeroboão (o rei) e a de Amazias (o sumo sacerdote) seriam destruídas pela espada (7.8,17).

5 – Como o povo recebeu a mensagem do profeta?

Entre os anos de 800 a 745 A.C. toda a região que vai do Egito até à Mesopotâmia conhecida como “Crescente Fértil” gozava de paz e tranquilidade. As nações inimigas, o Egito e Assíria, estavam em declínio e não significavam perigo para Israel.

Israel e Judá haviam guerreado entre si por muitos anos, mas, nos reinados de Jeroboão e Uzias, a paz foi estabelecida promovendo grande expansão a Israel. Ambos os reinos Judá e Israel viviam uma “era de ouro” (6.1).

Por esses motivos, quando Amós veio anunciando o julgamento de Deus, o povo o tratou com desdém, pois, para Judá e Israel era impossível Deus estar furioso com eles, haja vista tanta bênção ao redor deles.

Que lição preciosa podemos tirar desse fato! Ausência de problemas não quer dizer aprovação divina, até mesmo porque fazer a vontade de Deus inevitavelmente despertará o furor de muitos contra nós. Que o diga Amós e os outros profetas!

6 – Esboço do livro

I – Futuro Julgamento da Palestina Anunciado – Cap.1 – 2

(“Assim diz o SENHOR”)

Oito condenações

A. Julgamento apresentado (1.1,2)

B. Julgamento dos três vizinhos pagãos (Síria, Filístia e Fenícia) por crueldade a Israel (1.3-10)

- C. Julgamento dos três vizinhos parentes (Edom, Amom e Moabe) por crueldade a Israel (1.11 – 2.3)
- D. Julgamento de Judá por rejeitar a lei divina (2.4,5)
- E. Julgamento de Israel pela ganância social e indiferença religiosa (2.6-16)

II – Futuro Julgamento de Israel Ampliado – Cap.3 – 6

(“Ouçam esta palavra”)

Três discursos

- A. Julgamento certificado pelo Senhor (3)
- B. Julgamento justificado pela indiferença (4)
- C. Julgamento qualificado pelas reações (5 e 6)

III – Futuro julgamento de Israel Autenticado – Cap. 7 – 9.10

(“Foi isto que o SENHOR [...] me mostrou”)

Cinco visões ou descrições

- A. Visão dos gafanhotos – primeiro perdão rejeitado (7.1-3)
- B. Visão do fogo – segundo perdão rejeitado (7.4-6)
- C. Visão do prumo – agora o julgamento é inevitável (7.7-9)

INTERLÚDIO: Protestos do sumo sacerdote (7.10-17)

- D. Visão dos frutos maduros – julgamento iminente (8)
- E. Visão do grupo de destruição do SENHOR – Juiz identificado (9.1-10)

IV – Glória Messiânica de Israel Antecipada

(“O Senhor: Eu farei) (9,11-15)

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

AMÓS Parte II

Introdução

Na sequência dos nossos estudos no livro de Amós, veremos hoje a mensagem dos cap.1 e 2, os quais tratam do julgamento de Deus anunciado por Amós que aconteceu algum tempo depois de sua profecia, daí ser o “futuro julgamento da Palestina anunciado”. Eis a parte do esboço do livro que analisaremos hoje.

1 – Futuro Julgamento da Palestina Anunciado – Cap.1 – 2

(“Assim diz o SENHOR”)

Oito condenações

- A. Julgamento apresentado (1.1,2)
- B. Julgamento dos três vizinhos pagãos (Síria, Filístia e Fenícia) por crueldade a Israel (1.3-10)
- C. Julgamento dos três vizinhos parentes (Edom, Amom e Moabe) por crueldade a Israel (1.11 – 2.3)
- D. Julgamento de Judá por rejeitar a lei divina (2.4,5)
- E. Julgamento de Israel pela ganância social e indiferença religiosa (2.6-16)

A – Julgamento apresentado (1.1,2)

Amós teve uma visão (1.1) nos dias dos reis Uzias (Judá) e Jeroboão II (Israel) dois anos antes do terremoto (765 A.C.). A palavra do SENHOR que lhe viera apontava para o juízo de Deus que haveria de julgar a terra inteira, desde os campos até o topo do monte Carmelo.

A expressão “Assim diz o SENHOR” aparece 8 vezes nestes dois capítulos (1.3, 6, 9, 11, 13; 2.1, 4 e 6) marcando incisivamente a mensagem que Deus deu ao profeta Amós contra as nações: Damasco (1.3), Gaza (1.6), Tiro (1.9), Edom (1.11), Amom (1.13), Moabe (2.1), Judá (2.4) e Israel (2.6). Esses povos abrangiam toda a Palestina.

B – Julgamento dos três vizinhos pagãos (Síria, Filístia e Fenícia) por crueldade a Israel (1.3-10)

O refrão “Por três transgressões de... e por quatro...” repetido a cada profecia é um exemplo de paralelismo que usa números ascendentes para efeito de ênfase, e não deve ser entendido literalmente, mas sim, “por muitas transgressões de...” Deus haveria de puni-los.

A todas as oito nações Deus promete que “**meterei fogo...**”. O fogo simbolicamente aponta para o juízo divino. Ao mesmo tempo em que o fogo destrói o que não presta, também purifica o que é bom tal como o ouro que no calor do fogo fica

ainda melhor. Porém, no caso dessas nações que receberam a profecia, a promessa era de destruição e julgamento pela iniquidade.

As capitais mencionadas na visão apontam para os seus países:

Capital	País
Damasco	Síria
Gaza	Filístia
Tiro	Fenícia

Esses três povos eram pagãos, isto é, não temiam a Deus e por isso não o adoravam. Além disso, foram cruéis para com o povo de Deus.

Damasco

“...trilharam Gileade com trilhos de ferro”. Nos tempos antigos depois de arar a terra, usava-se uma tábua de madeira com dentes de ferro ou de basalto a qual era puxada por bois e sobre ela um homem ficava em pé fazendo peso para gradear a terra deixando-a própria para o plantio. Quando Amós disse que Damasco trilhou Gileade quis dizer que ele destruiu deixando-a reduzida a pó.

Deus faria justiça. Destruiria os castelos de Ben-Hadade (título do rei dos sírios) e humilharia aqueles que fizeram tamanha maldade ao povo de Deus, e acima de tudo zombaram de Deus. Biqueate-Áven era a cidade onde o culto ao sol era praticada na Síria.

Gaza

A cidade mais ao sul da Filístia ficava entre o Egito e a Canaã, era também um centro comercial. No seu comércio estava incluso o tráfico de escravos. E foi justamente isso que ao povo de Deus: venderam os filhos de Deus como escravos a Edom.

Deus prometeu pesar a mão contra as cidades da Filístia (Asdode, Asquelom e Ecom). Da mesma forma que essas cidades tomaram os filhos de Deus como escravos, anos mais tarde quando a Assíria tornou-se o grande império mundial, essas cidades foram tomadas e seus habitantes tornaram-se escravos também, tal como o Senhor Deus prometera.

Tiro

Repetiu o mesmo erro das duas outras cidades: entregou os filhos de Deus como escravos à perversa nação de Edom. Tiro quer dizer “pederneira” justamente por ter sido edificada sobre uma rocha no mar e por isso mesmo era considerada inexpugnável. A soberba tomou conta de seu coração. No século IV A.C., Alexandre, o Grande a tomou construindo um caminho elevado até ela.

Assim Deus pesou a mão sobre essas perversas nações por terem sido cruéis para com os filhos de Deus.

C – Julgamento dos três vizinhos parentes (Edom, Amom e Moabe) por crueldade a Israel (1.11 – 2.3)

Como vimos, Damasco, Gaza e Tiro entregaram os filhos de Deus como escravos a Edom. Mas, quem era Edom? Os edomitas são os descendentes de Esaú, irmão de Jacó (Israel).

Outros parentes de Israel que aparecem na profecia de Amós são Amom e Moabe. Os amonitas e os moabitas eram descendentes das filhas de Ló, sobrinho de

Abraão. Em Gn 19.30-38 lemos que as duas filhas de Ló planejaram embriagá-lo para que assim tivesse relações sexuais com as duas. Ambas engravidaram do próprio pai e originaram os perversos moabitas e amonitas, primos distantes de Israel.

Edom

Os edomitas não tiveram piedade dos filhos de Israel. Perseguiram, humilharam e massacraram os seus primos. Deus não poupou Edom. Temã foi neto de Esaú e seu clã deu nome à cidade contra qual Deus exerceu Seu juízo. Os habitantes de Temã eram conhecidos e famosos por sua sabedoria, a qual não foi vista quando Edom foi tão perverso contra o povo de Deus.

Amom

A maldade dos amonitas é indescritível. Eles **“rasgaram o ventre às grávidas de Gileade”**, possivelmente para que nenhum descendente viesse mais tarde fazer vingança. Mas, o que os amonitas não esperavam é que Deus viria vingar Seu povo! E tudo isso por causa de um orgulho animalesco de **“dilatarem seus próprios limites”**, isto é, ganância por quererem ter cada vez mais posses e terras.

Da mesma forma que eles escravizaram o povo de Deus, também tornaram-se escravos dos seus inimigos.

Moabe

Deus acusa os moabitas de terem queimado **“os ossos do rei de Edom, até os reduzir a cal”**. Trata-se do rei Mesa. Tal prática indicava um desprezo e desrespeito ao morto, pois, privava-o do descanso no além. Claro que isso era só uma crendice. O queimar os ossos era uma transgressão à Lei, pois, tocar num cadáver era algo abominável aos olhos de Deus (veja Lv 21.11). Mas também, acrescenta-se o pecado da impiedade em relação ao povo de Deus.

D – Julgamento de Judá por rejeitar a lei divina (2.4,5)

Judá não guardou a Lei e os Estatutos do Senhor e por isso sofreu duro castigo.

Rejeitar a Lei do Senhor é rejeitar Ele próprio, e foi por isso que sofreram as consequências. No Sl 109.17 lemos: **“Amou a maldição; ela o apanhe; não quis a bênção; aparte-se dele”**. Judá era o povo de Deus, e, por isso mesmo os privilégios que ele tinha implicavam em maior responsabilidade diante de Deus (Lc 12.48).

E – Julgamento de Israel pela ganância social e indiferença religiosa (2.6-16)

Israel (norte) seguiu na mesma direção. Também desprezou a Lei do Senhor, e por ter agido assim, Israel afastou-se do Senhor e entregou-se à sua ganância.

Os juízes eram corruptos e aceitavam suborno e vendiam os pobres à escravidão (2.6), tomados de sórdida ganância desejavam **“o pó da terra sobre a cabeça dos pobres”**, ou seja, queriam tirar do pobre o que lhe era mais básico para a vida.

A promiscuidade reinava na terra, pois, incestos eram praticados e tolerados como se fossem coisa normal (2.7). A idolatria levava seus corações para longe de Deus em rituais de orgias de prostituição cultural (2.8).

Do v.9-12, o Senhor recorda a Sua fidelidade para com Israel à qual ele desprezou fazendo coisas abomináveis como forçando os nazireus (homens consagrados a

Deus) a cometerem pecados dos quais eles deveriam se abster, e calando os profetas do Senhor,

Do v.13-16, o Senhor mostra o castigo que Ele haveria de trazer sobre o povo. No dia em que o Senhor fosse exercer Seu julgamento sobre o povo, de nada adiantaria os recursos e artifícios do povo. Nada disso teria algum proveito, pois, era o Senhor quem estaria exercendo o juízo, e Ele é justo.

Conclusão

Podemos guardar como lições importantes para nós neste estudo que a Justiça de Deus se revela:

- contra os inimigos do Seu povo: Ele vinga a maldade contra seus filhos. E Ele assim o faz por causa do Seu Nome e Aliança que estão sobre nós;
- contra os Seus filhos desobedientes: Deus zela por Sua Palavra e Aliança e Ele requer de nós o mesmo zelo, até mesmo porque Ele nos capacita para tal coisa.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

AMÓS Parte III A

Introdução

Na sequência dos nossos estudos no livro de Amós, veremos hoje a mensagem dos cap.3 – 6, os quais tratam do julgamento de Deus a Israel anunciado por Amós o qual agora, tem uma forma mais ampliada e abrangente. Dividiremos em dois estudos, sendo os cap.3 e 4 (Parte III A) e os cap.5 e 6 (Parte III B) para melhor aproveitamento.

Seguindo nosso esboço:

1 – Futuro Julgamento de Israel Ampliado – Cap.3 – 6

(“Ouçam esta palavra”)

Três discursos

- D. Julgamento certificado pelo Senhor (3)
- E. Julgamento justificado pela indiferença (4)
- F. Julgamento qualificado pelas reações (5 e 6)

A expressão característica desses capítulos é: “Ouvi esta palavra!”, a qual é uma ordem para o povo de Israel atender ao que o SENHOR falava por meio de Seu profeta. Essa expressão nos remete aos Mandamentos do Senhor, partes integrantes da Sua Aliança com Seu povo. Nestes capítulos encontramos os três discursos que o profeta proferiu anunciando a profecia do SENHOR contra o povo.

A – Julgamento certificado pelo Senhor (cap.3)

Deus havia escolhido a Israel dentre todas as famílias (nações) da terra (v.1 e 2),o que mostra não que Israel fosse bom o suficiente para Deus o escolher, mas sim, aponta para o maravilhoso amor de Deus amando seu povo. Por essa mesma razão (o amor de Deus) Ele haveria de punir Seu povo, pois, Ele o ama muito para vê-lo entregue ao pecado (Pv.3.11-12).

Dos v.3-6, Amós apresenta uma série de perguntas com o propósito de enfatizar a mensagem que veio da parte de Deus. Uma das perguntas aqui merece nossa atenção: **“Sucederá algum mal à cidade, sem que o SENHOR o tenha feito?”**. Este verso não está afirmando que Deus é o Criador mal. Ele pode enviar catástrofes, desastres e adversidades sobre indivíduos e nações a fim de lhes punir por seus erros, e as páginas da Bíblia nos relatam várias situações assim. Contudo **Deus não é o Criador do mal**, por dois motivos:

- (1) O mal e o bem são duas realidades, porém, eles não são “criação”; eles são expressões do caráter de uma pessoa. O bem é expressão do caráter de Deus, ao passo que o mal é expressão do caráter do Diabo. É por isso que Jesus disse aos fariseus que eles eram filhos do Diabo porque faziam o que ele mandava (Jo 8.44).
- (2) Pelo fato do caráter de Deus expressar somente o bem, então o mal não vem de Deus. Contudo, Deus é soberano sobre o mal e o usa para cumprir Seus

propósitos. Mas, lembremo-nos de que aqui “mal” significa “castigo” que veio em forma de cativoiro.

Os v.7 e 8 nos mostram a relação de Deus com “seus servos, os profetas”. A eles Ele dava a conhecer Seus desígnios e eles tinham de comunicá-los *ipsis verbis* ao povo e para isso eram compelidos **“Falou o SENHOR Deus, quem não profetizará?”**.

Dos v.9-12 nos mostram o disparate de Israel. O povo escolhido de Deus se desviara do Seu caminho e, agora, as nações pagãs (Asdode, Egito, etc.) são chamadas para testemunharem o julgamento que sobreveio a Israel. Dos montes de Samaria (v.9) essas nações são convidadas a assistirem ao julgamento. No v.12, a figura da ovelha mutilada nos lembra as leis antigas que diziam que os pastores deveriam ser diligentes em livrar uma ovelha que fosse apanhada por uma fera. Ainda que recuperasse a ovelha toda arrebatada, mas era dever do pastor resgatá-la. Israel seria como uma ovelha mutilada. Deus o resgataria, mas, o povo sofreria duras perdas.

Nos v.13-15 temos a promessa ameaçadora de Deus em julgar e punir Israel. A referência ao altar de Betel é o bezerro de ouro colocado por Jeroboão para que o povo do norte não descesse para o sul para adorar a Deus em Jerusalém e fosse influenciado a se rebalar contra ele (Jeroboão). Cortar as pontas do altar era um ato de desonrar o deus pagão, pois, nas pontas do altar havia chifres que conotavam poder. Assim Deus estava mostrando quem era o Todo-Poderoso. A referência também às casas de inverno e de verão, era para mostrar que Deus estava indignado contra a opulência dos reis (somente reis muito ricos poderiam ter esse luxo de uma casa para o inverno e outra para o verão) enquanto o povo vivia na miséria.

B – Julgamento justificado pela indiferença (cap.4)

Este capítulo nos mostra um segundo processo pactual contra Israel.

As “vacas de Basã” eram as mulheres ricas de Samaria que tinham sido criadas e cuidadas como o melhor gado daquela região. Basã era uma área fértil a leste do rio Jordão e o gado ali apascentado era muito belo e caro.

Deus **“jurou pela sua santidade”**, o que dava ao juramento e julgamento um peso incomparável. Era uma sentença terrível. Tais mulheres em sua arrogância e opulência seriam brutalmente envergonhadas, levadas com anzóis e arpoadas com fisgas. Os assírios, povo que levou Israel para o cativoiro, eram tão perversos que puxavam seus prisioneiros com cordas amarradas em argolas que perfuravam os seus narizes e lábios provocando intensa dor.

Nos v.4 e 5. Betel e Gilgal eram lugares importantes na história antiga de Israel. Betel tinha um santuário no período dos Juízes, onde o povo adorava a Deus e Gilgal era também um lugar onde Samuel julgava o povo (1Sm 7.16). Depois que o reino foi dividido, esses dois lugares se tornaram centros de adoração idólatra e repugnantes a Deus. Todo o ritualismo religioso descrito nestes dois versos, mostra a reprovação de Deus a tal culto, mas era disso que os israelitas gostavam (v.5).

Já os v.6 a 11 reafirmam e revisam todo o castigo de Deus para com Israel já descrito anteriormente. Seus dentes estavam limpos, isto é, nada tinham para comer, estavam passando fome (v.6), justamente esses que viviam regaladamente.

A chuva (v.7-8) que caía entre outubro e fevereiro era essencial para que os plantios comessem a crescer. As chuvas da primavera (as últimas chuvas) que caíam entre março e abril eram importantes para o amadurecimento dos grãos. Se Israel

obedecesse a Deus receberiam essas chuvas; se desobedecessem (como fizeram) as chuvas seriam retidas e a fome reinaria na terra, como de fato aconteceu.

As figuras do crestamento, ferrugem e gafanhotos apontam para o total fracasso na colheita. O pouco que colheriam por causa da escassez da chuva, seria consumido por essas tragédias naturais. Tudo isso porque eles não se converteram a Deus (v.9).

“...a peste à maneira do Egito... subverteu a Sodoma e Gomorra...” (v.10,11), isto é, assim como o Egito, Sodoma e Gomorra sofreram por sua maldade, Israel também sofreria mesmo sendo o povo escolhido de Deus porque Lhe fora desobediente tendo todas as condições de obedecê-Lo.

“...prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus” (v.12). Essa frase nos lembra o Sinai, onde o povo por três dias se santificou para se encontrar com Deus que ali Se revelou com graça (Ex 19.15-17), mas, agora, esse encontro seria para juízo aterrador.

“...quem forma... declara...pisa...” (v.13), essas ações descrevem a Deus como o Grande Rei do universo que forma (cria) a tudo, que declara (revela) o que há de mais secreto e oculto nos corações e também Sua vontade soberana, e, pisa os altos da terra, ou seja, a terra é o estrado de Seus pés (Is 66.1). Quem haveria de julgar (e julgou) Israel foi ninguém menos do que o próprio Deus.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

AMÓS Parte III B

Introdução

Continuando nossos estudos dos cap.3 – 6, os quais tratam do julgamento de Deus a Israel anunciado por Amós, veremos hoje os cap.5 e 6 (Parte III B) encerrando assim essa seção do livro.

Seguindo nosso esboço:

1 – Futuro Julgamento de Israel Ampliado – Cap.3 – 6

(“Ouçam esta palavra”)

Três discursos

- A. Julgamento certificado pelo SENHOR (3)
- B. Julgamento justificado pela indiferença (4)

C. Julgamento qualificado pelas reações (5 e 6)

No em 4.12 o profeta exorta o povo a se preparar para se encontrar com o SENHOR Deus, e agora, no capítulo 5 ele mostra que esse momento de se encontrar com Deus chegou.

Nos v.1-3, o capítulo começa da mesma forma que os capítulos 3 e 4: **“Ouvi esta palavra...”**. Deus levantou Amós para falar ao povo, o qual porque estava endurecido por causa do seu pecado, não deu ouvidos a Deus. Matthew Henry diz: “Onde Deus tem uma boca para falar, devemos ter ouvidos para ouvir”. Israel, que aqui é chamado de **“virgem”**, como tal, foi cortejada por outras nações, mas, no auge da sua arrogância e desobediência a Deus, foi severamente punida. **“Caiu”** do seu pedestal de vaidade. Deus prometeu dizimar a cidade por causa de seu pecado.

Nos v.4-9 Deus os chama para Si. Israel deveria se voltar para Deus e abandonar os ídolos. A ordem do SENHOR é: **“Buscai-me e vivei”** (v.4,6). Não era em Betel e Gilgal (centros idólatras) que o povo seria abençoado, mas, sim, na presença de Deus. Temos aqui uma verdade maravilhosa e libertadora. Quando uma pessoa está escravizada pelo pecado, ela deve buscar a Deus e Ele a libertará. Quantas vezes temos a tola pretensão de que devemos nos purificar primeiro, abandonar nossos pecados para somente depois buscarmos a Deus. Que transformação Ele teria de fazer em nós se nós mesmos já nos transformamos? Como diz o hino 74 do Novo Cântico *“Eu venho como estou, sim venho como estou”*, e assim sou transformado por Deus naquela pessoa que Ele quer que eu seja.

A referência aqui ao **“Sete estrelo e o Órion”** aponta para o pecado de se reger a vida pela astrologia e vez de confiar na soberania de Deus. O Sete estrelo é um grupo de estrelas na constelação de Taurus com podem ser vista a olho nu. O Órion é

outra constelação. Porque se orientar pela criação se podemos nos orientar pela Palavra do Criador?

Os v.10-13 encerram a denúncia de outro pecado do povo: desprezo para com a justiça e descaso para com a Palavra de Deus anunciada. A porta da cidade naqueles tempos era o fórum onde negócios eram feitos, documentos eram assinados, julgamentos promulgados. Amós acusa a Israel de chegar ao absurdo de odiar aqueles que davam testemunho verdadeiro falando **“sinceramente”** em tribunal só porque tais testemunhos depunham contra ele. Para punir tais pessoas, Israel as extorquia com pesadíssimos impostos e aceitava subornos, recusando-se socorrer os necessitados (v.12). A mão de Deus não tardaria a agir contra Israel: (1) não desfrutariam da segurança de suas casas bem edificadas (v.11); (2) não beberiam do vinho que eles produziam (v.11), (3) e deveriam aguentar isso calados (v.13).

Nos v.14 e 15 Deus novamente chama o povo dizendo: **“Buscai o bem e não o mal, para que vivais...”** (v.14). O “bem” está na pessoa de Deus, e a presença Dele com Seu povo é a maior promessa e bênção.

A expressão no final do v.14 **“...como dizeis”**, aponta para uma séria realidade. Dizemos o tempo todo que Deus está conosco, quando na verdade, não estamos caminhando na Presença Dele, isto é, com Ele aprovando nosso comportamento. Desejar que Deus esteja conosco isso é só metade do processo, pois, é necessário também que estejamos na Presença Dele em submissão a Ele. Era necessário a Israel (e a nós também) detestar o mal e amar o bem, estabelecer o juízo às portas da cidade (no nosso caso, fazer com que nossos fóruns sejam lugares de justiça e não de corrupção). Deus tende a exercer Sua misericórdia a corações que se mostram arrependidos de verdade. As palavras **“talvez o SENHOR... se compadeça...”** nos mostram que Deus nunca é obrigado a ser misericordioso com os pecadores. A única condição Dele exercer Sua misericórdia é quando os pecadores clamam, mas, Ele a usará se quiser, e não por que é obrigado a isso.

Os v.16-20 mostram que o juízo do SENHOR havia chegado. As duras consequências do pecado do povo estavam sendo trazidas sobre ele. Choro em vez de alegria, escassez em vez de fartura na colheita, trevas em vez de luz. O **“Dia do SENHOR”** embora fosse desejado por Israel, não traria consigo o refrigério e a paz desejada. Antes, traria flagelos que apontavam para o Juízo de Deus. Se Israel falhou em ser justo diante de Deus, Ele não deixou de ser Justo por causa da infidelidade do povo.

Os v.21-27, o SENHOR Deus condena o culto hipócrita e zombeteiro do povo. Um culto onde rituais sagrados eram levados sério, onde a religiosidade era presente, mas que, em sua alma estava corrompida pela idolatria. Israel não só caiu no pecado da idolatria curvando-se diante de outros deuses (os deuses pagãos, Sicute, uma divindade assíria associada ao planeta Saturno e, Quium – um termo babilônico também para Saturno), como também caiu no pecado da hipocrisia, pois, quando oferecia seu culto a Deus, tal culto era hipócrita e sincrético. A ira do SENHOR se acendeu contra Israel e Ele prometeu desterrá-lo para a Assíria – nenhuma das divindades adoradas pelo povo puderam fazer alguma coisa pelo simples fato de não passarem de invenção dos homens. O castigo sobre Israel viria da parte do **“SENHOR, cujo nome é Deus dos Exércitos”** (v.27).

No cap.6.1-7, descrevem a apatia e arrogância do coração pecador, que de tanto pecar e não sofrer de imediato as consequências de seu pecado se julga seguro, achando que tudo está bem e que seus pecados não são tão graves assim, pois se fossem Deus já os teria punido. Acontece que Deus é misericordioso e dá tempo ao pecador para

se arrepender e mudar de atitude. Não havendo essa mudança, a mão de Deus pesa sobre o pecador. A promessa do SENHOR aqui nesses versos é de que Ele agiria drástica e justamente contra o povo.

Os v.8-11 começam dizendo: **“Jurou o SENHOR Deus por si mesmo, o SENHOR, Deus dos Exércitos (...) abandonarei a cidade e tudo o que nela há”** (v.8), mostrando que Deus haveria de dizimar a cidade (v.9).

“Cala-te, não menciones o nome do SENHOR” (v.10). Antes, o nome do SENHOR era mencionado pedindo misericórdia e Ele deu todas as chances para isso, quando conclamou o povo a buscá-Lo. Mas agora, no Dia do SENHOR em que o juízo veio sobre o povo, clamar pelo nome do SENHOR atrairia com um raio a ira do SENHOR aumentando ainda mais o castigo.

Dos v.12-14 descrevem a loucura de confiar em si mesmo. Israel gabava-se de ter conquistado Lo-Debar e Carnaim, duas cidades cujos nomes foram usados por Amós de forma jocosa. Lo-Debar significa “nada” e Carnaim “par de chifres” (os chifres naqueles tempos simbolizavam poder). Amós disse a Israel: “Vocês se gloriam de ter conquistado um nada (Lo-Debar)?” e também: “O poder (Carnaim) que vocês conquistaram não é poder coisa nenhuma”. A alegria dessas conquistas seria desfeita diante da terrível destruição e derrota que Deus promoveria a Israel pelas mãos da poderosa Assíria.

Conclusão

Deus é misericordioso e nos convida ao arrependimento. Mas, há limites para a paciência de Deus, afinal, o nosso pecado é desonra ao Nome Dele.

É tolice de nossa parte acharmos que nosso pecado não será julgado. Tal procedimento demonstra o quão ímpios ainda somos se assim pensamos.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

AMÓS Parte IV

Introdução

Toda profecia de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento traz consigo a marca da certeza de sua concretização. Jamais, Deus prometeu ou prometerá algo que não possa cumprir.

Até aqui vimos a promessa do julgamento da nação de Israel por parte de Deus. Até então ela não havia se concretizado (ela se concretizou cerca de um século depois que Amós a proferiu). Nos capítulos 7-9 encontramos as visões dadas por Deus a Amós autenticando o julgamento anunciado até então.

Eis o esboço do estudo de hoje

1 – Futuro julgamento de Israel Autenticado – Cap. 7 – 9.10

(“Foi isto que o SENHOR [...] me mostrou”)

Cinco visões ou descrições

Todos estes capítulos começam com Amós anunciando suas visões:

“Isto me fez ver o SENHOR Deus...” (7.1);

“O SENHOR Deus me fez ver isto...” (8.1);

“Vi o SENHOR...” (9.1).

F. Visão dos gafanhotos – primeiro perdão rejeitado (7.1-3)

Essa visão tem uma estrutura: (1) Deus dá a visão; (2) Amós intercede pelo povo; (3) Deus volta atrás.

A figura do gafanhoto sempre esteve associada ao juízo divino. O mesmo aconteceu com o Egito por ocasião do êxodo.

Na visão, Amós contempla a destruição que esses gafanhotos fizeram na segunda colheita. A primeira colheita, era do rei, e, a segunda somente é que era do povo. Foi justamente essa colheita destinada ao povo que Amós viu ser destruída.

Ele então intercede pelo povo, e Deus “...se arrependeu...” (v.3). Deus mudou a punição pretendida. Mesmo assim, Israel continuou no pecado.

G. Visão do fogo – segundo perdão rejeitado (7.4-6)

Igualmente à primeira visão, essa segunda obedece à mesma estrutura de: (1) Deus dá a visão; (2) Amós intercede pelo povo; (3) Deus volta atrás.

Novamente encontramos a figura do fogo que nos remete também ao juízo de Deus. A expressão “...o grande abismo...” (v.4) pode apontar para o Mar Mediterrâneo ou o Mar Vermelho. Mas, o que importa é que aqui o fogo nos remete ao Juízo Final (2Pe 3.10 e Ap 21.1), do qual todos os outros julgamentos não passam de tipos.

H. Visão do prumo – agora o julgamento é inevitável (7.7-9)

A estrutura dessa visão é um pouco diferente das duas primeiras, e idêntica à quarta: (1) Deus dá a visão; (2) o Senhor questiona Amós; (3) Amós replica; (4) O Senhor explica e julga.

Um muro seria levantado **“a prumo”**, o que quer dizer, segundo os padrões de Deus, ou seja, as normas da Aliança de Deus com Seu povo. É por isso que os altares e santuários idólatras seriam destruídos, e punida a **“casa de Jeroboão”** que foi quem introduziu terrível idolatria no meio do povo.

E as duas primeiras oportunidades de perdão foram desprezadas, agora o juízo viria, como de fato veio. Deus é paciente conosco, mas, até a paciência de Dele tem limites. Ele zela por Sua glória.

INTERLÚDIO: Protestos do sumo sacerdote (7.10-17)

Este trecho lança luz sobre todo o livro de Amós. Aqui temos sua “autobiografia”.

Ao ouvir as profecias dadas através de Amós, Amazias, o sacerdote do templo de Betel, atuando como um verdadeiro bajulador do rei, foi dizer ao rei que Amós estava conspirando contra ele (v.10), dizendo coisas horríveis a respeito do rei e do povo de Israel.

Jeroboão ao ouvir tal acusação baniu Amós dizendo que fosse ganhar sua vida como profeta lá nas paragens Judá (v.12). Amós então respondeu ao rei que ele (Amós) não era profeta, mas, sim, um boieiro e agricultor, que nunca tinha estado numa escola de profetas, e, que, principalmente, **“...o SENHOR me tirou de após o gado e me disse: Vai e profetiza ao meu povo de Israel”** (v.15).

Amós então concluiu sua fala ao rei mostrando detalhes da tragédia que sobreviria ao povo e a Jeroboão por terem se afastado da presença de Deus (v.16,17).

I. Visão dos frutos maduros – julgamento iminente (8)

Essa visão significa que o fim chegara para Israel (v.2). Os frutos quando amadurecem estão prontos para serem colhidos – é o fim de um processo. Aquele dia foi de grande tristeza conforme indica o v.3: **“...os cânticos do templo, naquele dia serão uivos...”**. e esses gemidos ainda deveriam ser sufocados **“Silêncio!”**.

Dos v.4-6, Deus condena a Israel acusando-o de: injustiça social; desonestidade comercial, e indiferença para com os dias santos.

Dos v.7-10, o SENHOR anuncia a maneira como executará Seu julgamento. A expressão **“...glória de Jacó...”** (v.7) é uma referência ao próprio Deus; Ele executaria tudo isso por amor à Sua glória.

Deus atacaria no centro da idolatria do povo. No v.9, a referência ao sol ficar entenebrecido indica que Israel estava adorando o sol, coisa proibida por Deus. Assim como no Egito Deus humilhou e desbaratou a idolatria dos egípcios, aqui Ele fazia o mesmo com Seu povo infiel.

Toda a alegria do povo seria convertida em profunda amargura (v.10). É assim que o pecado destrói nossa vida. Somente a graça de Deus pode reverter tal situação.

Os v.11-14 são impressionantes. Eles relatam uma fome e sede que nada neste mundo poderá saciar: fome e sede da Palavra de Deus. Haveria um dia na história de Israel em que o povo suspiraria por aquilo que desprezam então: a Palavra de Deus. Mas o SENHOR retiraria qualquer contato com essa benção preciosa. Era dia de julgamento e não de misericórdia como a que é revelada na Sua Palavra.

J. Visão do grupo de destruição do SENHOR – Juiz identificado (9.1-10)

Nesta visão, Amós apenas ouve e registra o que Deus diz.

Nos **v.1-6**, estão registradas as várias formas como o SENHOR exerceria Seu julgamento. Estes versos nos remetem ao Sl 139 o qual fala da onisciência, onipresença e onipotência de Deus. Não há escapatória da presença de Deus em juízo.

“**Não sois para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos etíopes?**” (v.7). Isso quer dizer que por Israel ter quebrado a Aliança com Deus, eles não seriam tratados melhores do que os pagãos.

Nos **v.8-10** Deus chamou Israel de “**...reino pecador**” (v.8). A que ponto a arrogância de uma pessoa pode chegar! O simples fato de pertencer a uma igreja não nos garante estarmos em Aliança com Deus. Estar em Aliança com Deus significa zelar por essa Aliança afastando-se do pecado.

2 – Glória Messiânica de Israel Antecipada

(“O Senhor: Eu farei) (9,11-15)

Estes versos encerram a profecia de Amós. Neste oráculo, Amós anuncia a restauração do povo seguindo esta ordem⁷:

- (1) Reconstrução (v.11)
- (2) Conquista (v.12)
- (3) Abundância frutífera (v.13)
- (4) Reconstrução e replantio (v.14)
- (5) Segurança duradoura (v.15)

Se até a paciência de Deus tem limites, é certo também que até em Seu julgamento Deus tem misericórdia. Há um limite para a correção divina. Deus nos avisa e orienta; havendo insistência da nossa parte em continuar no pecado, Ele executa o Seu juízo. Em executando o Seu juízo, Ele não se esquece de ser misericordioso e nos restaura.

Conclusão

O livro de Amós nos traz a Palavra de Deus, viva e atual. É para nós um desafio especialmente no que diz respeito a atendermos ao chamado de Deus para o arrependimento. Que obedientes à mensagem desse livro possamos viver para a glória de Deus.

⁷ Cf. Bíblia de Estudo de Genebra, p.1037.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

MIQUÉIAS Parte I

Introdução

Seguindo na mesma temática de Amós, Miquéias aparece no cenário histórico condenando os abusos e injustiças sociais do povo de Israel e Judá. O seu nome traz consigo uma pergunta inquietante: “Quem é igual a Javé (YAHWEH)?”. Essa pergunta ressalta o julgamento de Deus contra o pecado do povo, mas, no último capítulo há outra verdade preciosa: o grande perdão de Deus (7.18).

1 – Autoria⁸

Ainda que haja opiniões contrárias (como sempre!), a autoria do livro deve ser creditada a Miquéias.

Profeta maior, Jeremias, assinalou que Miquéias fora um proeminente profeta nos dias do rei Ezequias (Jr 26.18) e o contexto histórico do livro confirma isso.

Assim como Amós, Miquéias era um homem do campo, simples e humilde, que vivia numa comunidade rural da cidade de Moresete-Gate, localizada entre Judá e a Filístia. Esse local ficava a uns 320 quilômetros de Jerusalém, a capital e centro político de então.

As alusões ao ofício de pastor que ele faz o tempo todo em seu livro possivelmente indiquem que ele era um pastor, como Amós.

Acredita-se que ele tenha sido um dos “servos do rei Ezequias”, citados em Pv 25.1, os quais, juntamente com Isaías, transcreveram e compilaram os provérbios de Salomão, dos capítulos 25 a 29 de Provérbios. Miquéias não deve ser confundido com outro profeta cujo nome é muito parecido, a saber, Micaías (1Re 22.8).

2 – Data e ocasião⁹

Em Mq 1.1 lemos: **“Palavra do SENHOR que em visão veio a Miquéias, morastita, nos dias de Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá, sobre Samaria e Jerusalém”**. Essas palavras indicam tanto tempo como o lugar em que Miquéias exerceu seu ministério profético.

Jotão (750 – 735 a.C.),
Acáz (735 – 715 a.C.),
Ezequias (715 – 686 a.C.).

Todos esses reis atuaram em toda a extensão do território do norte e do sul, como mostram as capitais mencionadas em Mq 1.1, Samaria (Israel) e Jerusalém (Judá).

Somando todos os três reinados temos mais de 64 anos durante os quais Miquéias exerceu seu ministério profético.

⁸ Cf. ELLISEN, 2007, p.360.

⁹ Cf. Bíblia de Estudo de Genebra.

Nos dias de Jotão, Miquéias profetizou mostrando o pecado do povo e a punição que Deus estava por enviar. Justamente neste período, os assírios estavam em franca ascensão no seu império mundial.

Nos dias de Acáz, o reino do Norte (Samaria), caiu sob o poder da Assíria comandada por seu rei Salmaneser em 722 a.C. Acáz aliou-se à Assíria e acabou profanando o culto a Deus, modelando-o às práticas assírias (2Re 16.7-18).

Ezequias, filho de Acáz, revoltou-se contra a Assíria e grande parte de Judá foi invadida pelo rei Senaqueribe, da Assíria. Mas, por um milagre de Deus, Jerusalém foi poupada (2Re 19.35-37).

Durante esse período uma desigualdade social se instalou vertiginosamente em Judá e Israel. Pobres cada vez mais pobres e oprimidos pelos ricos que se enriqueciam cada vez mais às custas dos pobres, e da exploração da classe média de Israel (2.1-5). Para piorar a situação, os opressores eram apoiados pelos líderes políticos e religiosos que eram corruptos também (cap.3). Seguindo o exemplo da liderança, toda a nação se corrompeu também vivendo toda sorte de imoralidade, o que atraiu a ira divina como um raio (6.9-16; 7.1-7).

3 – Esboço¹⁰ e Tema do livro

I – Cabeçalho (1.1)

II – Primeiro ciclo: ameaças e libertação (1.2 – 2.13)

- A- Juízo sobre Samaria (1.2-7)
- B- Juízo sobre Judá (1.8-16)
- C- Sentença contra os donos de terra gananciosos (2.1-5)
- D- Juízo contra os falsos profetas (2.6-11)
- E- A restauração do restante (2.12-13)

III – Segundo ciclo: degradação e exaltação (caps. 3 – 5)

- A- Condenação dos maus governantes (3.1-4)
- B- Denúncia dos falsos profetas (3.5-8)
- C- Sião será devastada (3.9-12)
- D- Sião será restaurada e exaltada (4.1-8)
- E- Do sofrimento presente à salvação futura (4.9-13)
- F- O governante messiânico (5.1-6)
- G- O restante de Jacó entre os gentios (5.7-9)
- H- O Senhor julga o seu povo e as nações (5.10-15)

IV – Terceiro ciclo: esperança na escuridão (caps. 6 – 7)

- A- A acusação do Senhor (6.1-8)
- B- O cumprimento das maldições da aliança (6.9-16)
- C- Lamento por uma nação destruída e corrupta (7.1-7)
- D- Hino de vitória (7.8-20)

Um tema que pode muito bem expressa a ideia total do livro é: “O caráter do Senhor como justo juiz e pastor cuidadoso do Seu povo”¹¹.

¹⁰ Bíblia de Estudo de Genebra

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

MIQUÉIAS Parte II

Introdução

Feita a parte introdutória do livro, vejamos agora o conteúdo do mesmo.

1 – Cabeçalho (1.1)

“...que em visão...”, ou seja, Deus deu uma mensagem a Miquéias a qual tomou forma de uma revelação sobrenatural captadas pela audição e visão do profeta. Algo idêntico teve o apóstolo João na revelação do Senhor Jesus que gerou o livro do Apocalipse.

Miquéias é identificado como “morastita”, ou seja, do vilarejo rural situado nos sopés das montanhas de Sefalá, divisa de Judá com a Filístia.

II – Primeiro ciclo: ameaças e libertação (1.2 – 2.13)

F- Juízo sobre Samaria (1.2-7)

Este trecho se divide em quatro partes¹²:

- A convocação das nações ao julgamento (v.2);
- Uma visão simbólica de Deus transformando a criação (v.3,4);
- Uma acusação contra as capitais de Israel (v.5);
- E a sentença divina acerca da destruição de Samaria (v.6-7).

A maldade, a idolatria e a injustiça social do povo fez com que Deus mandasse a Assíria sobre eles. Miquéias vê a Assíria como a Mão de Deus contra o povo. Grande destruição viria sobre a terra.

“...preço da prostituição...” (v.7), essas palavras indicam a prática religiosa dos pagãos à qual estava associada a prostituição cultural. Os lucros financeiros que tais práticas renderam ao povo seriam levados pelos assírios e utilizados por eles da mesma forma.

G- Juízo sobre Judá (1.8-16)

Este lamento se divide em três partes:

- O lamento de Miquéias (v.8,9);
- Um “jogo de palavras” com os nomes das regiões de Israel, e a predição da queda e exílio de Judá (v.10-15);
- Convite à lamentação porque a terra vai para o cativeiro com toda certeza (v.16).

As palavras de Miquéias no v.8 são um ato simbólico referindo-se ao cativeiro assírio que era certo e esperado (v.9).

O povo de Israel seria duramente humilhante (v.10) e deveria pesar todas as consequências de seus pecados.

¹¹ Cf. ELLISEN, 2007, p.358.

¹² Cf. Bíblia de Estudo de Genebra, nota.

Cada região de Israel (Gate, Bete-Leafra, Safir, Zaanã, Bete-Ezel, Marote, Laquis, Moresete-Gate, Aczibe, Maressa e Adulão) sofreria terrível dor e vergonha como resultado da sua desobediência e idolatria.

H- Sentença contra os donos de terra gananciosos (2.1-5)

Nestes versos o SENHOR acusou e sentenciou os homens maus que, movidos por sua ganância, tramaram tomar à força e por meios escusos as propriedades dos mais fracos.

Tais homens maus **“...no seu leito, imaginam a iniquidade e maquinam o mal...”** (v.1). Ou seja, antes de se levantarem e saírem de suas casas eles já tinham traçados em seus corações todo o mal que pretendiam.

O SENHOR Deus, usando um jogo de palavras aqui, lhes diz: **“Eis que projeto o mal contra esta família...”** (v.3). Isso mostra que, Deus lhes retribuiria ao mal com que eles arquitetaram contra seus compatriotas, com duas diferenças básicas: (1) Deus ao puni-los faria isso como demonstração da Sua justiça; (2) enquanto os que foram espoliados haveriam de ser restituídos, esses homens perversos depois de serem punidos por Deus com o cativo, jamais teriam de volta suas propriedades, pois, nem mesmo seus descendentes haveriam de recuperar a herança (cf. v.5).

I- Juízo contra os falsos profetas (2.6-11)

Nestes versos vemos que Miquéias dirige suas palavras contra aqueles que falsamente profetizavam que o povo estaria em paz e que mal algum viria sobre eles. A prosperidade adquirida com iniquidade cegou-os e eles estavam seguros de que tudo isso era sinal claro da bênção de Deus.

Miquéias rechaçou a mensagem mentirosa desses falsos profetas porque eles apoiavam os líderes gananciosos que roubavam as propriedades dos mais fracos (v.6). **“Não bajuleis tais coisas...”** (v.6), mostra essa atitude fraudulenta e mesquinha desses falsos profetas que diziam aquilo que os gananciosos queriam ouvir.

“...sem pensar em guerra” (v.8), essas palavras mostram o quanto esses homens iníquos estavam tranquilos em seus pecados e julgavam que Deus não os puniria e que Miquéias (e outros profetas do Senhor) estavam apenas conspirando e implicando contra eles.

Os v.10 e 11 revelam que o tipo de profeta que o povo quer é o tipo de profeta que ele terá e seguirá. O povo não quis dar ouvidos aos profetas do Senhor porque estes falaram contra o pecado e a maldade do povo; mostraram o erro – coisa que ninguém gosta. Antes, o povo correu atrás de falsos profetas bajuladores. Então, seriam estes os profetas que Deus lhes daria **“...do vinho e da bebida forte, será este tal o profeta deste povo”** (v.11), ou seja, um profeta com a lucidez de um bêbado!

J- A restauração do restante (2.12-13)

A profecia contida nestes versos aponta para dois momentos da história de Israel. É uma profecia com duplo resultado.

O primeiro momento aconteceu nos dias em que Senaqueribe da Assíria promoveu destruição em todo território de Israel, excetuando, Jerusalém, a qual Deus livrou miraculosamente na véspera da invasão assíria (2Re 18.17 – 19.37). O que estavam ali em Jerusalém, o “remanescente” do povo.

O segundo momento em que aconteceu o que essa profecia disse, foi com a vinda do Senhor Jesus, o Rei-Pastor (5.2). Ele congregou a Si todos os filhos de Deus, de todos os tempos.

Conclusão

Nestes dois capítulos destacamos as seguintes verdades:

- a) Injustiça social é um pecado que faz a mão de Deus pesar sobre a nação;
- b) O pecado não só enreda o homem em sua própria cobiça e ganância, como o faz surdo para com a voz de Deus – o homem ouve somente aquilo que lhe é agradável;
- c) Há uma interdependência mórbida e fatal entre o pecador ganancioso e o falso profeta – este para sobreviver fala aquilo que o pecador ganancioso quer ouvir e, assim, num relacionamento onde cada um vê os seus próprios interesses, ambos se iludem e fogem da verdade.
- d) Deus não deixa de ser misericordioso para com aqueles que fazem parte de Sua Aliança – o que levou e leva Deus a ser misericordioso para conosco é o Seu caráter imutável, amoroso e fiel em cumprir a Sua Aliança conosco.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

MIQUÉIAS Parte III

Introdução

Seguindo nossos estudos no livro do profeta Miquéias, hoje veremos a parte que abrange os capítulos 3 a 5 do livro.

1 – Segundo ciclo: degradação e exaltação (caps. 3 – 5)

Este trecho do livro começa mostrando a degradação em que se encontrava o povo de Israel como resultado da péssima liderança política e religiosa do povo (cap.3), segue mostrando o chamamento dos gentios para desfrutarem das bênçãos da Aliança de Deus (cap.4), e encerra mostrando o nascimento e o reinado do Messias estabelecendo assim a paz sobre a terra (cap.5).

I- Condenação dos maus governantes (3.1-4)

Os v.1-4 constituem a primeira profecia do cap.3.

Usando uma linguagem que lembra práticas canibais, tais como “...arrancais a pele e a carne de cima dos seus ossos; que comeis a carne do meu povo, e lhes arrancais a pele, e lhes esmieuçais os ossos, e os repartis como para a panela e como carne no meio do caldeirão?” (v.2 e 3).

Os líderes que deveriam cuidar do povo estavam explorando o mesmo de forma covarde. A ganância de uma liderança corrupta faz com que ela veja seus liderados não como pessoas que precisam de seus cuidados, mas, sim, como meios e fontes de renda para si mesma. A ira de Deus se acende contra esse tipo de ação.

J- Denúncia dos falsos profetas (3.5-8)

Nestes versos encontramos a segunda profecia do cap.3, a qual é contra os falsos profetas.

Em 2.11, vimos que Deus daria ao povo profetas segundo a vontade deles; profetas beberrões, que não tinham qualquer lucidez e domínio de si mesmos. Esses mesmos profetas, profetizavam o que o povo queria ouvir. Enquanto Miquéias e outros profetas de Deus anunciavam as terríveis consequências por causa do pecado, os falsos profetas levantavam a sua voz e diziam: “Paz! Paz! Paz”. Afirmavam que o que diziam os profetas de Deus era mentira e que Deus estava feliz com tudo o que o povo estava fazendo. O tempo mostrou quem era que estava certo...

Os falsos profetas além de mentirosos eram bajuladores dos ricos. Para estes eles profetizavam coisas boas; para os pobres, eles os esmagavam ainda mais (v.5). A ira de Deus se acendeu contra eles e Ele os envergonhou fazendo-os se confundirem em suas visões mentirosas (v.6 e 7).

K- Sião será devastada (3.9-12)

Esta é a terceira profecia contida no cap.3.

Esta profecia dirigida contra a liderança de Judá é um exemplo vívido de que Deus cumpre o que promete. A primeira vez que essa profecia foi dada, foi nos dias do rei

Ezequias, em 701 a.C. Como ele se arrependeu de seus pecados, Deus o poupou de tal sentença. Porém, como o povo persistiu no pecado, Deus cumpriu Sua sentença em 586 a.C. com Nabucodonosor que levou a termo o cativeiro babilônico.

L- Sião será restaurada e exaltada (4.1-8)

“Mas, nos últimos dias...” (v.1) é uma referência à Era Messiânica que começou com a primeira vinda de Cristo e se estenderá até à Sua volta. Não devemos ver o v.1 como uma profecia que retrata a “restauração de Israel” com nação de Deus, como pensam os dispensacionalistas. O que o texto bíblico está mostrando aqui é que, como na Antiga Aliança, Sião (Jerusalém) era o centro do culto a Deus, hoje, na Nova Aliança é a Igreja de Cristo (não como um lugar, mas, sim, como ajuntamento de pessoas redimidas por Deus) que é o centro religioso do povo de Deus (cf. Hb.8 especialmente o v.13).

É a Igreja de Cristo a responsável, na Nova Aliança, por conduzir as nações (gentios) à adoração do Senhor Deus. Devemos ver neste capítulo um forte incentivo para o avanço missionário, a saber, **fazemos missões para levarmos as pessoas à adoração do Senhor**. A razão das missões é a adoração a Deus. Todo aquele que é salvo por Cristo, é salvo *para* adorar ao Senhor Deus.

O v.3 descreve a conversão dos ímpios, pois, eles têm transformadas suas armas de guerra em instrumentos úteis para a subsistência: a morte dá lugar à vida!

Os v.4 e 5 mostram que cada um receberá de Deus o cuidado necessário para a sobrevivência. O cuidado de Deus com Seu povo é algo coletivo, mas, também pessoal, individualizado. Ele nos vê como somos e estabelece um relacionamento pessoal conosco.

Os v.6-8 indicam a restauração que o Senhor promoveria ao Seu povo. Ele os castigou, mas, não deixaria de ter misericórdia enquanto exercesse Sua justiça.

M- Do sofrimento presente à salvação futura (4.9-13)

Esses versos encerram uma profecia contra o povo, profecia esta que já fora anunciada várias vezes, a saber, o cativeiro babilônico. Mas, ela também mostra como Deus haveria de restaurar o Seu povo. Novamente nos deparamos com a Justiça de Deus sendo executada, mas também acompanhada de Sua misericórdia.

As muitas nações que se congregaram contra o povo de Deus (v.11) é uma referência ao exército assírio composto de muitas nações vassalas da Assíria. E nos v.12 e 13 vemos que da mesma forma que essas nações comandadas pela Assíria trouxeram sofrimento e vexame ao povo de Deus, Ele faria com que o Seu povo, sozinho, humanamente falando, desse “o troco” a essas nações.

N- O governante messiânico (5.1-6)

A profecia que consta nestes versos aponta para o Messias. Somente Ele é o Consolador do povo de Deus (Lc 2.25). Não há outro consolador para nós. Ninguém pode nos dar o consolo que a nossa alma precisa. Assim como o povo de Israel necessitava não só de um consolo, mas de Um Consolador, nós também necessitamos de Um Resgatador, Um Consolador, Um Salvador, e este é Jesus Cristo.

Quando Deus fez uma aliança com Davi, prometeu-lhe que nunca faltaria um sucessor no seu trono (1Re 2.4; 8.25). O trono de Davi passou a ser considerado “eterno”, mas, não porque Davi duraria para sempre, mas, sim, que um descendente dele se assentaria em seu trono, e esse descendente é Eterno porque é o Senhor Jesus Cristo, o Deus Eterno. A Davi foi dada a honra de ser um ancestral humano do Redentor do povo de Deus. É disso que se tratam os v.1-6.

“Este será a nossa paz” (v.5), note que a paz que Deus dá ao Seu povo, não é um fim em si mesma, mas, sim, é uma pessoa, ou seja, o Senhor Jesus Cristo.

Assíria e Babilônia (Ninrode) sofreriam danos piores do que os que elas provocaram ao povo de Deus (v.6).

O- O restante de Jacó entre os gentios (5.7-9)

Esses versos se referem ao método empregado pela Assíria e Babilônia em dispersar os povos promovendo uma miscigenação a fim de destruírem todo o sentimento de nacionalismo e patriotismo dos povos. Uma vez submetidos a essas condições, os povos não viam razão alguma para se rebelarem contra seus opressores. Mas, o povo de Deus não é unido por sentimentos tão pífios e humanos. O povo de Deus é unido pelo Nome do Senhor e amor por Ele. É Deus quem reúne e fortalece o Seu povo e o prepara para a luta.

P- O Senhor julga o seu povo e as nações (5.10-15)

Nestes versos vemos a promessa de Deus de purificar o Seu povo da imundícia que este permitiu que entrasse no meio do culto a Deus, e também vemos a promessa de Deus em julgar os povos ímpios que seduziram o povo de Deus com suas idolatrias.

Deus zela pelo Seu Nome. Ele não divide Seu culto e o Seu altar (nossos corações) como nenhum deus.

Conclusão

Nestes capítulos podemos destacar:

- 1) É Deus quem livra o Seu povo da degradação;
- 2) Ele é a nossa paz, o nosso consolo;
- 3) Ele não divide o nosso coração com nada e ninguém, porque só Ele pode dar sentido à nossa vida; só ele pode nos satisfazer de verdade. Ídolos nada mais são do que tentativas loucas do nosso coração buscando satisfação naquilo que jamais poderá nos satisfazer. Só Deus é Deus, e só Ele pode nos satisfazer de verdade.

ESTUDO PANORÂMICO DOS **PROFETAS MENORES**

MIQUÉIAS **Parte IV**

Introdução

Com o estudo de hoje encerramos nossos estudos no livro do profeta Miquéias. É importante lembrarmos o tema do livro sugerido no primeiro estudo: “O caráter do Senhor como justo juiz e pastor cuidadoso do Seu povo”.

Vejamos o último dos três ciclos do livro de Miquéias.

1 – Terceiro ciclo: esperança na escuridão (caps. 6 – 7)

Os dois últimos capítulos do livro de Miquéias tratam do terceiro ciclo de mensagens de Deus contra o Seu povo: “...o SENHOR tem controvérsia com o seu povo e com Israel entrará em juízo” (6.2).

E- A acusação do Senhor (6.1-8)

O cenário aqui é o de um tribunal, onde o SENHOR pleiteia contra o Seu povo. Ele é o que apresenta a queixa, Miquéias é o Seu enviado que proclama a sentença, os montes são as testemunhas, e Israel o acusado. A queixa do SENHOR consiste na quebra da Aliança por parte de Israel.

Nos v.3-5 Deus apela à memória do povo, lembrando-o dos Seus atos de misericórdia livrando-o das garras do Egito, por meio de Seu servo Moisés.

Nos v.6 e 7, retoricamente, Miquéias lembra o povo de que de nada valem sacrifícios e holocaustos a Deus, oferecidos por corações insensatos e desobedientes. Deus declarou o que é que Ele quer do Seu povo: justiça, misericórdia e humildade (v.8).

F- O cumprimento das maldições da aliança (6.9-16)

Novamente o SENHOR traz o assunto da injustiça social, corrupção moral e idolatria do povo. A cidade citada no v.9 é Jerusalém. Onde deveria ser o centro do culto a Deus, o que se via era:

- acúmulo de tesouros de impiedade
- efa (unidade de medida de alimentos) minguado, ou seja, roubado
- balanças falsas e bolsas de pesos enganosos

Tudo isso servia para enriquecer fraudulentamente os ricos mentirosos e inescrupulosos e esmagar os pobres ainda mais (v.12).

A ira de Deus se acendeu (v.13) e Ele não deixaria impune tanta maldade e perversidade.

O povo sentiria o horror de ver seus planos não se concretizarem, suas lavouras não produzirem pouco e o pouco produzido nada render (v.14 e 15), e tudo isso por que o povo quebrou a Aliança com o SENHOR e Ele faria vir sobre o povo todas as calamidades decorrentes da quebra da Aliança.

G- Lamento por uma nação destruída e corrupta (7.1-7)

Olhando ao seu redor, Miquéias vê a concretização das ameaças de Deus: fome, pestilência e dor decorrentes da ganância de homens inescrupulosos. Não bastasse a desolação da terra, Miquéias via também o cúmulo e o acúmulo da maldade dos

homens. O cenário era desesperador. Não se podia confiar em ninguém. Aqueles que deveriam inspirar confiança, eram como espinheiros, como cercas de espinhos que só ferem os que elas protegem (v.4).

A corrupção era explícita lá fora, e dentro dos lares, o que se via era uma total ruína também: o filho desprezando o pai, a filha desprezando a mãe, **“... os inimigos do homem são os de sua própria casa”** (v.8).

Olhar para onde? Tudo é desesperador! Tudo é lastimável! Mas, Miquéias sabia para onde olhar: **“Eu, porém, olharei para o SENHOR e esperarei no Deus da minha salvação; o meu Deus me ouvirá”** (v.9). O servo de Deus deve sofrer as dores do povo, deve gemer com o povo, mas, jamais ficar confuso como o povo, pois, o servo de Deus sabe para quem olhar, sabe em quem pode (e deve) por a sua confiança: em Deus!

H- Hino de vitória (7.8-20)

O hino de vitória aqui registrado celebra a misericórdia de Deus em se compadecer do Seu povo. Deus pune, corrige, mas, também restaura os Seus.

Este hino de vitória pode ser dividido em 4 partes¹³:

v.8-10: Jerusalém, em seu estado de decadência, confessa o seu pecado e a sua fé no Senhor – Deus nunca deixa de ser misericordioso com aqueles que arrependidos O buscam.

v.11-13: o profeta promete que a cidade tornar-se-á um redil de ovelhas a oferecer a salvação ao mundo sob julgamento – somente no meio do povo de Deus está a salvação; quem estiver fora desse povo sofrerá os terríveis efeitos da condenação.

v.14-17: o profeta ora para que o Senhor venha novamente pastorear o Seu povo (v.14) o que o Senhor promete fazer (v.15), e então profetiza que o inimigo incrédulo será conquistado (v.16,17)

v.18-20: o povo de Israel celebra o perdão e a fidelidade de Deus com um hino de louvor – o tema central do livro aparece aqui novamente: **“Quem é semelhante a ti... SENHOR?”**.

Conclusão

Ao chegarmos ao final desse livro, destacamos as seguintes verdades:

- 1) O homem é perverso e a sua maldade e corrupção chegam ao cúmulo do absurdo. Afirmar que o homem é bom é negar a Palavra de Deus. Se há alguma evolução moral no homem é para pior, e nunca para melhor.
- 2) Em contrapartida, Deus é maravilhoso, bom e justo. Sua misericórdia chaga ao ponto de resgatar o pior dos pecadores. Essa é a única esperança para o homem, a qual não se encontra nele, mas, em Deus.
- 3) Deus é justo e não tolera a injustiça na terra. De tempos em tempos o Seu juízo é real e se faz ver sobre os homens.
- 4) Ao povo de Deus cabe um viver que condiga com o caráter do Seu Deus que está sobre ele. Dizer-se servo de Deus é viver a Sua justiça e o Seu reino em nossos corações, atos e intenções.

¹³ Cf. Bíblia de Estudo de Genebra em nota.

ESTUDO PANORÂMICO DOS **PROFETAS MENORES**

OSÉIAS **Parte I**

Introdução

Estamos diante de um dos livros dos profetas menores mais desafiadores à interpretação das Escrituras. O fato de Oséias (“Salvação”), profeta do Senhor ser ordenado por Ele a unir-se a uma prostituta em casamento para simbolizar a relação de Deus com Seu povo, é de fato um assunto bem difícil.

Gleason Archer diz¹⁴:

“O tema deste livro é um testemunho sério contra o Reino do Norte por causa da sua apostasia da Aliança e sua corrupção, em grande escala, em assuntos morais, particulares e públicos. O propósito do autor é convencer seus compatriotas da sua necessidade de se arrepender e voltar ao seu tão paciente e amoroso Deus. Tanto a ameaça como a promessa se apresentam do ponto de vista do amor de Deus por Israel, como Sua prole amada, como Sua esposa pela Aliança”.

1 – Conceitos presentes no Livro¹⁵

- ✓ Amor imutável de Deus por Seu povo
- ✓ O julgamento justo de Deus
- ✓ O zelo de Deus por Sua Aliança
- ✓ A cura e restauração do remanescente fiel por Deus

2 – Autoria do Texto

Oséias, o profeta, era filho de Beerí e habitante de Israel durante a “era de ouro” do reinado de Jeroboão II. Apesar de haver alguns contrários a autoria do livro ser atribuída a Oséias, nada de substancial pode ser alegado contra esse fato. Definitivamente, Oséias é o escritor do livro que leva o seu nome.

Pouco mais que isso podemos saber dele, a não ser que foi profeta contemporâneo de Miquéias e Amós, o que o coloca entre os anos de 740 – 730 a.C. um pouco antes do cativeiro assírio. Evidentemente, mudou-se para o Sul (Judá) antes do cativeiro.

3 – Ocasão

Um profeta de Deus sente seu coração sangrar quando vê o povo afastando-se do Senhor e de Sua aliança. Não foi diferente com Oséias.

O cenário político era o da “era de ouro”, ou seja, período em que o Reino do Norte expandiu-se até Damasco sob a liderança de Jeroboão II. Esta foi a última demonstração da Graça de Deus ao povo rebelde, a fim de levá-lo a reconhecer o Seu cuidado e assim, se voltar para Ele (2Re 14.25-28). Mas, nem isso foi bastante. Israel continuou em sua depravação. Deus sempre nos concede Sua Graça a fim de nos trazer para perto Dele. Mas, aqueles que desprezam a Sua Graça haverão de sofrer terrivelmente. Foi justamente isso que aconteceu com Israel.

¹⁴ ARCHER, 2007, p.252.

¹⁵ HILL e WALTON, 2006, p.512

Na mesma decadência seguiu o cenário religioso. A idolatria iniciada por Jeroboão I com a divisão do reino chegara a proporções assustadoras. Os sacerdotes tinham se unido aos salteadores e assassinos (6.9), sacrificando crianças aos deuses e se prostituindo em rituais de culto a esses deuses. Diante de si Oséias tinha uma tarefa muito difícil.

4 – O drama de Oséias – o drama de Deus

“...então, o SENHOR lhe disse: Vai, toma uma mulher de prostituições e terás filhos de prostituição, porque a terra se prostituiu, desviando-se do SENHOR” (1.2).

Como conciliar essa ordem de Deus com a Lei do Senhor que dizia que uma pessoa que praticasse a prostituição deveria ser apedrejada (Lv 20.10; Dt 22.21-24)? Como conciliar os vários textos bíblicos inspirados por Deus que condenam a prostituição, com esta ordem dada a Oséias diretamente por Deus? Temos aqui o “nó górdio” do livro. Não temos como precisar se Gômer, a esposa de Oséias era prostituta antes do casamento ou se tornou-se uma depois. Ao que tudo indica, ela tinha tendências (e influências) para cair na prostituição, mas, ainda não praticava a prostituição. Somente depois de casada é que ela caiu na prostituição. De qualquer forma a Lei determinava o apedrejamento dela. Contudo, se levarmos em consideração que sua história exemplificava a história de Israel (como veremos no próximo estudo), ela era uma mulher de prostituição antes do casamento. Ainda que se tentasse justificar o comportamento dela (e também de Oséias casando-se com uma prostituta) como influenciado pela sua época (os sacerdotes estavam envolvidos com pecados como prostituição, assassinato, etc.), isso não atenuaria a situação. Gômer chegou a um grau tão baixo em seu pecado, que, veio a se tornar uma prostituta escrava (3.1,2).

A atitude de Oséias resgatando-a e comprando-a do mercado de escravos e de prostituição, foi um ato de obediência a Deus que queria através do drama pessoal de Oséias, mostrar para o povo que a mesma situação deplorável era vivida por este por ter deixado Deus para seguir atrás de outros deuses. A idolatria é reiteradamente chamada de “prostituição” na Palavra de Deus, e é considerada infidelidade conjugal. Deus e o Seu povo tem uma Aliança, a qual é simbolizada pelo casamento. Tanto no Antigo como no Novo Testamento somos considerados “esposa, noiva” do Senhor. Logo a idolatria nada mais é do que dar a outros deuses o amor que deve ser dado somente para o Senhor Deus. Ilustrando:

Israel

Não eram ninguém
Foram tirados da miséria
Foram amados graciosamente
Desprezaram o amor
Caíram em depravação
Sofreram as consequências
Foram resgatados

Gômer

Deus

Eram honrados
Tiraram da miséria suas esposas
Amaram-nas graciosamente
Foram traídos
Resgataram suas esposas
Restaurou-lhes a honra

Oséias

5 – Esboço

I – O treinamento do profeta 1.1 – 3.5

- 1.1. Sua vida no lar, simbolizando a nação: punição e restauração, 1.1 – 2.1
 - 1.1.1. O casamento com Gômer, adúltera em potencial, 1.2,3
 - 1.1.2. Os filhos: Jezreel, Desfavorecida, Não-Meu-Povo, 1.4-9
 - 1.1.3. O triunfo final da graça, 1.10 – 2.1
- 1.2. Sua tragédia doméstica é uma revelação do amor redentor de Deus, 2.2-23
- 1.3. Seu trato com Gômer: um mandamento e uma revelação, 3.1-5

II – O ensinamento do profeta, 4.1 – 14.9

- 2.1. A poluição nacional e sua causa, 4.1 – 6.3
 - 2.1.1. A sentença do Juiz e seu pronunciamento, 4.1-19
 - 2.1.2. Advertências a sacerdotes, ao povo e ao rei: os santuários pagãos são uma armadilha, 5.1-15
 - 2.1.3. Exortações ao arrependimento, 6.1-3
- 2.2. A poluição nacional e sua punição, 6.4 – 10.15
 - 2.2.1. Deus declara Seu caso contra Israel, 6.4 – 7.16
 - a) Infidelidade, culpa de sangue, a colheita sanguinária, 6.4-11
 - b) A rebeldia, adultério e bebedices constantes não deixam margem à misericórdia divina, 7.1-16
 - 2.2.2. Pronuncia-se o juízo, 8.1 – 9.17
 - a) Ceifando tormentas: devorados pelo mundo que adoravam, 8.1-14
 - b) Escravidão no exílio, Israel vai murchando, 9.1-17
 - 2.2.3. Recapitulação e apelo: a videira vazia, 10.1-15
- 2.3. O amor do Senhor, 11.1 – 14.9
 - 2.3.1. Seu amor inabalável ao tratar com o manhoso Israel, 11.1-11
 - 2.3.2. O exílio imposto por Deus é a única alternativa por causa da rebeldia obstinada de Israel, 11.12 – 12.14
 - 2.3.3. Princípios orientadores, e o resultado do exílio, 13.1-16
 - 2.3.4. Apelo final ao arrependimento; promessa da bênção final, 14.1-9

ESTUDO PANORÂMICO DOS **PROFETAS MENORES**

OSÉIAS **Parte II**

Introdução

Nesse estudo veremos os três primeiros capítulos do livro de Oséias, os quais abordam o treinamento do profeta, isto é, os fatos concomitantes ao seu chamado e as circunstâncias que o mesmo se deu.

I – O treinamento do profeta 1.1 – 3.5

No v.1 encontramos o contexto histórico do profeta. Assim como outros profetas do SENHOR, a Oséias foi dirigida (revelada) a Palavra de Deus, “**nos dias de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá**”, dias estes concomitantes aos “**dias de Jeroboão, filho de Joás rei de Israel**” o que nos remete aos anos de 740 – 730 a.C.

1.1. Sua vida no lar, simbolizando a nação: punição e restauração, 1.1 – 2.1

Este trecho pode ser subdividido em três partes:

1.1.1.O casamento com Gômer, adúltera em potencial, 1.2,3

Matthew Henry em seu comentário sobre esse verso entende que Gômer era uma prostituta quando Oséias foi buscá-la para se casar com ela. Há comentaristas que entendem que Gômer era uma moça de família (“filha de Diblaim”, v.3), mas que em seu coração abrigava desejos de prostituição. Quando Oséias se casou com ela, não sabia das intenções pecaminosas de sua esposa.

Contudo, é importante lembrarmos que Deus ao dar essa ordem a Oséias, Ele queria ilustrar a infidelidade do Seu povo para com Ele. Quando Deus resgatou Israel do Egito, este vivia numa penúria e miséria semelhantes a de uma prostituta em sua promiscuidade. Penso que a interpretação dada por Matthew Henry é mais plausível. De fato Deus mandou Oséias se casar com uma prostituta. Ao regressar à sua vida de prostituição, Gômer agora, acrescentava à sua miséria o pecado de adultério. Antes de casar-se com Oséias ela era prostituta; ao casar-se com ele recebeu toda honra de uma mulher casada, mas, preferiu voltar à prostituição mais tarde, e isso lhe acrescentou o pecado de adultério.

1.1.2.Os filhos: Jezreel, Desfavorecida, Não-Meu-Povo, 1.4-9

Com ela Oséias teve três filhos. Não bastasse ser conhecido como alguém que se casou com uma prostituta, agora, Oséias recebe a ordem de Deus para colocar os seguintes nomes em seus filhos, nomes esses cujos significados ilustravam também o pecado do povo e o conseqüente julgamento de Deus:

1º filho, Jezreel: O significado desse nome é “dispersão”. Enquanto o nome “Israel” significa “domínio”. O povo que deveria dominar, agora estava disperso por conta de seus pecados.

2ª filha, Lo-Ruama: O significado é “desfavorecida”. Israel abusara dos favores e misericórdia de Deus. Há um limite para a paciência de Deus. Enquanto que para o reino

do sul, Judá, o SENHOR ainda se mostraria misericordioso (v.6,7), do reino do norte não podia se dizer o mesmo. Mas, Judá também não aproveitou a chance que o SENHOR lhe dera e anos mais tarde também foi duramente punido por Deus.

3º filho, Lo-Ami: cujo significado é “Não é meu povo”. As palavras de Deus no v.9 mostram o profundo desgosto de Deus com Seu povo.

1.1.3.O triunfo final da graça, 1.10 – 2.1

Os v.10 e 11 do capítulo 1 mostram o quanto nosso Deus é misericordioso. Ainda que Sua paciência contra a nossa teimosia e pecado chegue ao fim, Deus não se transforma num Deus magoado e irado, incapaz de exercer misericórdia novamente. Antes, ser misericordioso é questão intrínseca ao Seu caráter. Por isso, mesmo Ele volta a ter compaixão de Seus filhos. O v.11 é um anúncio profético da restauração de Israel e Judá à condição de “um só reino”, fato este que aconteceu depois do cativeiro babilônico quando Judá foi deportado para a Babilônia e após 70 anos regressou. Por volta de 530 a.C. os judeus voltaram para a Palestina e reconstruíram a nação, cumprindo assim essa profecia do v.11.

Em 2.1, a misericórdia do SENHOR é restauradora. Ela restaura a sorte do povo e este recebe novamente a honra de ser reconhecido como “povo de Deus”.

1.2. Sua tragédia doméstica é uma revelação do amor redentor de Deus, 2.2-23

Este capítulo lembra muito o capítulo anterior em sua mensagem. Aponta para os mesmos eventos, e as causas deles.

Nos v.2, 5 e 8 vemos que Deus, pelo profeta, aponta o pecado do povo, e as consequências do seu pecado de idolatria, considerada por Deus como “prostituição espiritual”, adorando seus ídolos e deixando de servir e adorar a Deus, esquecendo-se de suas obrigações para com Ele

Nos v.3, 4, 6, 7, 9-13, vemos que Deus ameaça tirar-lhes a abundância de todas as coisas boas que Ele lhes dera, mas que, em vez de servi-Lo com essas coisas, eles foram servir os seus ídolos. A que ponto chega o pecado do homem! Tudo o que ele recebe de Deus, em vez de dedicar a Deus, oferece aos ídolos do seu coração!

No entanto, ele promete, finalmente, retornar misericordiosamente para com eles (v. 14), para restaurá-los à sua abundância em que viviam anteriormente (v. 15), para curá-los de sua inclinação para a idolatria (v. 16, 17), para renovar sua aliança com eles (v.18-20), e abençoá-los com todas as coisas boas (v. 21-23)¹⁶.

1.3. Seu trato com Gômer: um mandamento e uma revelação, 3.1-5

Por intermédio do profeta, Deus insiste em Sua mensagem, inculcando a mesma coisa sobre este povo descuidado, da mesma forma que antes, por um tipo ou sinal, a saber, o relacionamento do marido (o profeta Oséias) com uma mulher adúltera, relacionamento este que tipifica o relacionamento de Deus com Seu povo infiel.

Neste capítulo temos:

A esposa adúltera: No caso, povo de Israel, tipificado por Gômer (v.1), à semelhança do que se diz dos atenienses (At 17.16), “entregues à idolatria”. Gômer, mesmo depois de ter

¹⁶ Cf. Matthew Henry

recebido todo o amor e cuidado de Oséias, ainda assim se entregou à prostituição novamente, e acrescentou a si, o pecado de adultério.

O esposo fiel: No caso, Oséias, tipificando o SENHOR Deus que com amor vai em busca do Seu povo (v.2-4). O amor que Oséias devotou a Gômer é um pálido exemplo do amor com que Deus tem amado o Seu amor. As exigências que Oséias fez a Gômer lembram as exigências que Deus fez com Seu povo por ocasião da Aliança com este estabelecida. A linguagem desses versos nos lembram o ritual de noivado daqueles tempos. Ao assumirem o compromisso de noivado, os noivos se apartavam e ficavam vários meses sem se verem e sem terem qualquer contato um com o outro. Se a noiva aparecesse grávida nestes tempos, ela seria acusada de adultério, e, portanto, apedrejada. Essa espera era uma “comprovação” de que os noivos estavam se casando puros. Acontece que Gômer era esposa de Oséias e com ele teve três filhos. Obviamente, o que Deus estava querendo aqui era mostrar, mais uma vez através do drama de Oséias, que Ele espera do Seu povo fidelidade enquanto este espera a concretização das promessas que Ele fez ao Seu povo quando estabeleceu uma aliança com este.

A restauração Divina: No v.5, assim como em 1.11 e 2.23, o SENHOR faz promessas de restauração do povo. **“...e, nos últimos dias, tremendo, se aproximarão do SENHOR e da sua bondade”**. Os “últimos dias” aqui são uma referência à vinda do Messias, o que será ao mesmo tempo um momento maravilhoso da manifestação da bondade do Senhor, mas, que, também será demonstração da Sua santidade e majestade diante da qual todos devem se aproximar “tremendo”. A Glória de Deus sempre foi objeto de medo e pavor, pois, nenhum ser humano poderia contemplá-la sem morrer. Quando Cristo veio ao mundo, Ele, a expressão exata do ser de Deus (Hb1.1-4) revelou-nos o Deus Eterno. Em Apocalipse, Ele é descrito como o Cordeiro assentado no Trono (Ap 7.17), que ao mesmo tempo transmite-nos uma imagem de docilidade e bondade, Ele também é descrito como assustador em Sua glória (Ap 1.17,18). A restauração que Deus fez em Seu povo é por meio de Sua bondade em nos enviar Seu Filho amado.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

OSÉIAS Parte III A

Introdução

Continuando nossos estudos no livro do profeta Oséias, iniciaremos a segunda grande sessão do mesmo que vai do cap.4 – 14.

II – O ensinamento do profeta, 4.1 – 14.9

Nesta sessão encontramos o ensinamento e a mensagem do SENHOR dirigida ao profeta Oséias que por sua vez transmitiu ao povo.

2.1 A poluição nacional e sua causa, 4.1 – 6.3

Lançando mão de um linguajar jurídico, o profeta aponta o pecado dos filhos de Israel em ter quebrado sua parte na Aliança que o SENHOR fizera com eles.

2.1.1 A sentença do Juiz e seu pronunciamento, 4.1-19

Nos v.1-3, a acusação é de que não havia mais, verdade, amor e conhecimento de Deus em Israel, e que, em lugar dessas virtudes prevaleciam, perjúrio, mentira, assassinato, latrocínio, adultério, arrombamentos e homicídios sobre homicídios. Tudo isso caracterizava a quebra da Lei do SENHOR. O resultado disso se fazia ver em toda criação. O pecado afeta toda a ordem da vida e estende seus tentáculos mortais à toda criação, v.3 (compare com Rm 8.19-22).

Os v.4-10 mostram a acusação de Deus contra os sacerdotes: **“porque o teu povo é como os sacerdotes aos quais acusa”**. Segundo a Lei Mosaica cabia aos sacerdotes o juízo sobre o povo, mas como toda a nação de Israel, a começar pelos sacerdotes, todos haviam se apartado da Lei do SENHOR, a repreensão de Deus foi: **“Todavia, ninguém contenda, ninguém repreenda”** (v.4). Os sacerdotes rejeitaram a o conhecimento de Deus, isto é, o próprio Deus (v.6). O povo perdeu seu relacionamento de aliança com Deus por falta de conhecimento da Lei (v.8,12). Aqui temos uma preciosa lição para nós: só podemos nos relacionar verdadeiramente com Deus se estivermos arraigados em Sua Palavra e com ela mantermos contato constante e sincera obediência. O conhecimento de Deus é inseparável da Lei de Deus.

No v.8 vemos uma descrição horrível do comportamento dos sacerdotes. Conforme a Lei, para o seus sustento, eles podiam reter partes dos animais sacrificados em oferta pelo pecado do povo, só que em vez de ensinarem o povo a se afastar dos seus pecados, incentivavam o povo a pecar ainda mais para que mais sacrifícios fossem oferecidos e eles pudessem retirar ainda mais carne para si mesmos. Assim, quanto mais comessem menos se satisfariam (v.10); o sexo ilícito não multiplicaria a nação, pois, o povo havia abandonado Aquele que é a fonte da vida, Deus.

Os v.11-13, apontam os pecados de sensualidade (imoralidade), bebedeiras e idolatria. Estes pecados já foram apontados na vida dos sacerdotes, e o povo se tornara tal qual seus sacerdotes. Nos v.12 e 13 vemos o povo buscando o conforto na idolatria, impulsionado por um **“espírito de prostituição”** que é um poder inebriante e sedutor que os atraiu para tais pecados e o resultado do adultério espiritual (idolatria) se fez ver

no comportamento das mulheres de Israel que se entregaram à prostituição e ao adultério. Outra lição preciosa que tiramos aqui é o fato de que o nosso culto rege a nossa vida, a quem adoramos nos assemelhamos (Sl 115.8).

No v.14 vemos Deus agindo contra a hipocrisia do povo. Tais palavras nos lembram daquele caso da mulher apanhada em adultério e foi trazida até Jesus para que fosse julgada (Jo 8.1-11). Deus não puniria somente as prostitutas e adúlteras do povo, mas, também os homens que pecavam com elas.

Nos v.15-19 a sentença judicial contra Israel continua. Apontando o pecado dos príncipes do povo. A frase **“...nem venhais a Gilgal e não subais a Bete-Áven...”** aponta para o fato de que Gilgal que antes era um importante centro de adoração a Deus se tornara então um lugar de sincretismo religioso e idolatria, e Bete-Áven (casa da iniquidade) era um apelido de desprezo à cidade de Betel (Casa de Deus) por causa da idolatria. Novamente vemos aqui o pecado afetando aquilo que fora consagrado a Deus.

“nem jureis dizendo: Vive o SENHOR”. De que adiantava fazer juramentos ao SENHOR se o povo se rendia de forma rebelde (**“vaca rebelde”**) diante dos ídolos? Assim como o povo e seus líderes religiosos e políticos trouxeram tamanha desonra para Deus, o pecado deles traria desonra a eles também.

Deus estava profundamente aborrecido com Israel. A nação que Ele escolhera para viver em santidade e pureza refletindo o Seu caráter entre as nações, tornara-se tão deplorável e promíscua quanto as demais nações. Eis um alerta para todos nós: o povo de Deus foi chamado para em santidade. Enquanto nos mantivermos firmes na vontade de Deus e em cumpri-la certamente cumprimos o nosso papel de sal da terra e luz do mundo. O dia em que nos deixarmos levar pelos convites sedutores desse mundo fatalmente perderemos nossa relevância como povo de Deus.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

OSÉIAS Parte III B

Introdução

Dando continuidade ao assunto iniciado no estudo anterior, tratando da corrupção generalizada na nação de Israel, a qual afetou os sacerdotes, os príncipes e também o povo.

II – O ensinamento do profeta, 4.1 – 14.9

A mensagem do profeta nos caps. 5 e 6 é destinada aos sacerdotes, ao povo e ao rei na qual consta não só as advertências pelos pecados cometidos como também as exortações ao arrependimento.

2.1.2 Advertências aos sacerdotes, ao povo e ao rei: os santuários pagãos são uma armadilha, 5.1-15

Nos v.1-4 Deus dirige Suas palavras aos sacerdotes e ao rei. Aos sacerdotes cabia o ensino da Lei de Deus e ao rei cabia a administração da justiça. Contudo, **“Na prática de excessos vos aprofundastes...”**, os líderes da nação se afastaram dos caminhos do SENHOR e ainda levou o povo com eles. Tal situação de pecado atraiu o castigo divino, e Deus disse: **“...mas eu castigarei a todos eles”** (v.2).

Seguindo os seus líderes políticos e religiosos, o povo estava tão distante de Deus que a descrição que deles foi feita diz tudo: **“O seu proceder não lhes permite voltar para o seu Deus, porque um espírito de prostituição está no meio deles, e não conhecem ao SENHOR”** (v.4). Obedecendo a um espírito de prostituição, do qual já foi falado em 4.12, que se trata de um desejo, vontade e disposição para o pecado, e não de um espírito (ainda que a idolatria seja um instrumento usado pelo diabo, cf. 1Co 10.20). Em Is 19.14 este é chamado de **“espírito estonteante”** e em Is 29.10 de **“espírito de profundo sono”**. Ambos apontam para um estorvo que impede o povo de conhecer a Deus.

Os v.5-7 nos mostram como o pecado corrói o coração humano. **“A soberba de Israel, abertamente, o acusa...”**, ou seja, em sua arrogância, o povo mesmo estando atolado no pecado, se via como bom e justo. A arrogância do povo era tão grande que o impedia de ver sua própria calamidade. Tal arrogância irritou tanto a Deus que nem se Israel viesse com todo o seu rebanho para oferecer em sacrifício a Deus, seria por Ele aceito. Assim como a esposa de Oséias gerou filhos ilegítimos, também o povo de Israel gerou filhos bastardos. A Festa da Lua Nova na qual o povo celebrava as bênçãos do SENHOR, agora seria testemunha do castigo divino. O pecado cega o indivíduo e muitas vezes chega num ponto em que não há mais retorno, como aconteceu com Esaú que com lágrimas buscou o arrependimento mas já não havia mais lugar de arrependimento para ele (Hb 12.17).

Os v.8-14 parecem descrever a guerra que está relatada em 2Re 16.5-9 e 2Cr 28.5-21. Efraim (uma das tribos de Israel) aliou-se à Síria para atacar Jerusalém. Daí as palavras do v.8 mostrarem que o povo deveria ficar alerta, pois, estava sob a ameaça dos inimigos. Aqui em Oséias é descrita a união de Efraim (e Judá) com a Assíria para atacar

os seus próprios irmãos israelitas. Tal atitude de Efraim atacar seu próprio irmão foi abominável aos olhos de Deus.

Eis o que o pecado faz no coração dos homens:

- ganância (v.10) **“mudam os marcos”**, ou seja, o povo estava alargando suas fronteiras que foram estabelecidas por Deus na ocasião da posse da Terra Prometida; nessa ganância eles lesavam seus próprios irmãos;
- inimizade contra seus próprios irmãos (v.8,9): Efraim e Judá se colocaram como inimigos de seus irmãos;
- atrai a ira de Deus (v.11-14): Deus mesmo retribuiria a tamanha maldade com a Sua ira. Seria para Judá e Efraim qual uma traça e podridão que causa destruição. As palavras: **“...eu mesmo, os despedaçarei e ir-me-ei embora; arrebatá-los-ei, e não haverá quem os livre”**, demonstram o desgosto e o juízo de Deus que foi verdadeiramente severo.

O v.15 está relacionado ao cap.6. O que destacamos dele é que ainda na Sua ira contra o pecado, Deus se permite ser achado por aqueles que O buscarem sinceramente. A estes, Ele revela Sua misericórdia.

2.1.3 Exortações ao arrependimento, 6.1-3

Estes versos apresentam um cântico de arrependimento por parte do povo, porém, tem um tom fingido e não sincero.

“Vinde, e tornemos...” a chamada ao arrependimento é constante no livro de Oséias. O verdadeiro arrependimento e conversão trazem reconciliação que inclui a cura das feridas (Dt 32.39).

“Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dias, nos levantará...”, essas palavras apontam para o fato de que o socorro de Deus na vida do Seu povo é tão maravilhoso e rápido se comparado ao Seu castigo. No Sl 3.5 lemos: **“Porque não passa de um momento a sua ira; o seu favor dura a vida inteira. Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã”**. Ou ainda como vemos em 2Co 4.17: **“Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação”**.

No v.3 voltamos a um dos temas centrais do livro de Oséias: o conhecimento de Deus. Esse assunto já foi abordado no cap.4 e aqui somos lembrados novamente de que se buscarmos a Deus, certamente seremos abençoados com o conhecimento de Sua pessoa.

Até aqui vimos as causas da poluição espiritual em que o povo se encontrava. Não nos enganemos em relação ao pecado: ele nunca nos trará benefícios. A solução para o pecado é arrependimento e busca do conhecimento de Deus, que inclui é claro, Sua misericórdia e perdão.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

OSÉIAS Parte IV A

Introdução

Na seção anterior (4.1 – 6.3), vimos que a depravação espiritual do povo de Israel (assim como a de todos nós) tem uma causa: rompimento da comunhão com Deus. Uma vez que rompemos nossa comunhão com Deus, a estrada para uma vida depravada no pecado está aberta. Adão e Eva (que são mencionados aqui no texto, veja 6.7) romperam sua comunhão com Deus e por conta disso caíram no pecado, o qual levou-os para ainda mais longe de Deus.

Na presente seção (6.3 – 10.15) veremos que a poluição moral e espiritual do povo trouxe consequências trágicas. O mesmo verificamos em nossa vida e, que, somente na misericórdia de Deus encontramos a solução para o nosso pecado.

2.2. A poluição nacional e sua punição, 6.4 – 10.15

“Porque o vosso amor é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa” (v.4).

O povo foi conclamado a buscar a Deus (v.1-3), num chamado aparentemente sincero e cheio de fervor e arrependimento pelos pecados cometidos. Exteriormente, parecia que tal conversão era verdadeira; mas **“Aquele que sonda os corações” (Rm 8.27)**, sabe o que realmente se passa no interior coração das pessoas e sabia que aquelas conversão foi insincera.

Um amor que se assemelha à neblina e orvalho matutinos, isto é, que desaparece no menor sinal de calor, não é o amor verdadeiro.

2.2.1. Deus declara Seu caso contra Israel, 6.4 – 7.16

a) Infidelidade, culpa de sangue, a colheita sanguinária, 6.4-11

“Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá?” (v.4). As ações pecaminosas do povo eram repulsivas a Deus; Sua ira se acendeu contra o povo ao qual Ele dirigiu Sua palavra por meio dos Seus profetas. É a Palavra de Deus que é a “régua”, a medida para as ações do homem. É por meio de Sua Palavra que Deus julga os pecadores (v.5).

No v.6, o SENHOR repete a temática presente em toda a Bíblia: Deus quer o exercício da misericórdia e não uma religiosidade cheia de rituais mas, vazia de amor por Deus e pelo próximo.

“Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim” (v.7). Portar-se aleivosamente significa que eles traíram a Deus que com eles fez uma aliança. É uma referência à infidelidade do povo que abandonou o SENHOR para ir atrás de outros deuses.

“...praticam a injustiça...” (v.8), aponta para o comportamento de ímpios que se colocam contra Deus e Seus filhos, como indicam as palavras **“manchada de sangue”** que parecem aludir aos cinquenta homens de Gileade envolvidos no assassinato de Pecaías (2Re 15.25).

O v.9 aponta para mais um pecado dos sacerdotes. Eles se colocavam no caminho de Siquém, cidade situada entre os montes Gerisim e Ebal, e era um importante

centro político e religioso, para onde se dirigiam as pessoas para adorarem a Deus. Os sacerdotes aproveitavam do povo que ia adorar a Deus. Sempre vemos na história bíblica sacerdotes que aproveitavam da boa fé das pessoas. Tal pecado suscita a ira de Deus (v.10,11).

b) A rebeldia, adultério e bebedices constantes não deixam margem à misericórdia divina, 7.1-16

Os v.1-7 descrevem a pecaminosidade da liderança do povo. **“Quando eu me disponho a mudar a sorte do meu povo e a sarar a Israel, se descobre a iniquidade de Efraim, como também a maldade de Samaria, porque praticam a falsidade...”** (v.1). Deus sempre se revela misericordioso, mas, não podemos nunca nos esquecer que o pecado sempre suscita a Sua ira. Deus não age de acordo com as nossas ações. Ele age e reage conforme a Sua santidade. Onde Ele vê arrependimento sincero, Sua misericórdia é revelada; onde existe rebeldia e falsidade, Ele pesa a Sua mão.

No v.2 fica claro como a hipocrisia provoca a ira de Deus, e como ela é um ato de desdém para com Ele. No v.3 vemos que quanto mais o homem se afunda no pecado, mais insensível ele fica à voz de Deus que o chama ao arrependimento.

O v.4-7 a figura de um forno que é aquecido para assar pão, é aplicada à iniquidade do povo mostrando que este leva até ao fim seu desejo maligno e não para enquanto não atinge seus propósitos iníquos.

Os v.8-16 descrevem outro pecado do povo de Deus e de seus líderes: confiar nos povos pagãos.

“Efraim se mistura com os povos e é um pão que não foi virado” (v.8), essas palavras indicam as alianças que Israel fez com o Egito, Filístia, Síria e Assíria, povos estes que de tempos em tempos foram cruéis e carrascos de Israel. **“Estrangeiros lhe comem a força...”** (v.9), isto é, lhe empobreceram tanto, pois, a cada aliança que Israel fazia com eles, era cobrado aluguel de seus exércitos, e isso empobreceu a Israel.

“A soberba de Israel o acusa” (v.10), essas mesmas palavras já apareceram em 5.5 onde o profeta mostrou que Israel era soberbo, isto é, além de não admitir seu pecado, também não admitia sua degradação.

“Eu os remiria, mas eles falam mentiras contra mim (...) não clamam a mim de coração (...) contra mim se rebelam” (v.13,14). Deus sempre Se mostrou solícito a Israel, pronto a ajudá-lo e restaurá-lo caso este se voltasse sinceramente a Ele. Mas, além de se afastarem de Deus, ainda falavam mentiras contra o SENHOR, ou seja, tanto foram falsos e fingidos em seu arrependimento, como também quebraram os juramentos da aliança que o SENHOR fizera com eles. De uma forma ou de outra isso é mentira contra Deus.

“...mas dão uivos nas suas camas...” (v.14) isso indica a prostituição de Israel. As “camas” aqui significam os lugares de adoração aos ídolos. Como a idolatria é considerada uma prostituição, então os altares idólatras são tais quais camas de prostituição.

Os v.15 e 16 mostram que mesmo Deus tendo cumprido Suas promessas da aliança feita com Israel, o povo afastou-se Dele. E assim, Ele permitiria que aqueles a quem Israel recorreu (os egípcios) se levantassem para atacá-lo como de fato aconteceu. Essa passagem nos lembra das palavras de profeta Jeremias: **“Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e se aparta o seu coração do SENHOR!”** (Jr 17.5).

ESTUDO PANORÂMICO DOS

PROFETAS MENORES

OSÉIAS Parte IV C

Introdução

Com o estudo de hoje encerramos a seção que vai de 6.4 – 10.15. O assunto desse capítulo pode muito bem ser apresentado nas palavras de 8.7: **“Porque semeiam ventos e segarão tormentas”**.

2.2 A poluição nacional e sua punição, 6.4 – 10.15

2.2.3 Recapitulação e apelo: a videira vazia, 10.1-15

Nos **v.1-4** descrevem a idolatria de Israel como um **“plantar ventos e colher tormentas”**. Ele creditava aos ídolos a abundância de suas colheitas e prosperidade, e por isso mesmo levantou ainda mais altares para esses ídolos (v.1). A falsidade do coração de Israel apontada por Deus (v.2) nos lembra do que prescreve a Lei Mosaica sobre ter o coração totalmente voltado a Deus (Dt 6.5), e no momento em que o coração do povo ficou dividido entre Deus e os ídolos atraiu a ira de Deus conforme prescrevia a Lei em Dt 29.14-29.

Os juramentos e palavras do povo não tinham qualquer valor para Deus, pois, eram ratificados ante os ídolos assírios (cf. v.6). Algo “vão” é algo vazio. Tão vazio e sem vida quanto os ídolos eram as palavras e juramentos do povo, muito diferente do que acontece com a Palavra de Deus e os juramentos feitos numa aliança com Ele. Estes são cheios de vida porque expressam o caráter do Deus Vivo (Jo 6.63).

Nos **v.5-8** vemos que o “vento” que Israel semeou foi a idolatria, e, portanto, a “tormenta” que ele haveria de colher era o vexame do cativo. Os ídolos em que tanto confiaram não poderiam fazer nada por eles quando a Assíria tomasse a capital de Israel, Samaria. O próprio bezerro de ouro, o ídolo principal do povo, seria levado como uma oferenda para o rei da Assíria, mostrando assim, o quão fútil e inútil era esse ídolo. O v.7 descreve de forma vívida o que aconteceria ao rei de Israel. Seria levado para a Assíria como uma lasca de madeira que flutua sobre as águas de um rio, a saber, sem qualquer domínio sobre si.

O pecado faz com que percamos o controle de nossa vida. Faz-nos andar sem rumo totalmente contralados por outras forças. Entregar-se aos prazeres do pecado é abrir mão do controle de sua própria vida. O v.8 descreve o resultado do juízo de Deus sobre a terra. O pavor tomaria conta dos habitantes. O Senhor Jesus citou essa passagem em Lc 23.30 e em Ap 6.16 ela também aparece referindo-se ao Dia do Senhor, o Dia do Juízo Final.

Nos **v.9-15**, apontam para outra fonte da confiança de Israel: **“confiastes nos vossos carros e na multidão dos vossos valentes”** (v.13). Além de entregar seu coração à idolatria dos deuses falsos, também se entregaram à confiança em homens. Israel olhava para o seu exército e se sentia seguro quando ameaçado pelos inimigos.

A **“dupla transgressão”** de que Deus acusa o povo (v.10) é justamente pelo fato de Israel ter confiado nos ídolos e nos seus exércitos em vez de fazer a vontade de Deus. Israel não precisaria temer o cativo e nem qualquer ameaça se estivesse agindo conforme a vontade de Deus. No Sl 119.165 vemos que **“Grande paz têm os que amam a**

sua Lei; para eles não há tropeço". Mas, Deus pôs pesado julgo sobre Efraim e Judá (todo o povo de Israel), conforme vemos no v.11. O julgo suave da aliança foi substituído pelo fardo pesado das maldições decorrentes da desobediência.

No v.12 Oséias conclama ao povo a se voltar para Deus que é quem realmente dá chuva, faz a terra produzir e encher os celeiros do Seu povo. Mesmo assim, o povo deu as costas a Deus e seguiu em sua rebeldia (v.13).

O v.14 nos traz algumas dificuldades. Quem foi Salmã? Geralmente, ele é identificado com Salmaneser III da Assíria (859 – 824 a.C.). Quanto à atrocidade cometida em que as grávidas foram despedaçadas, não se sabe ao certo sobre o ocorrido. Contudo, ao usar esse exemplo, Oséias mexeu com a memória do povo o qual entendeu claramente sua mensagem. Quanto a Bete-Arbel, a localização é situada na região de Gileade.

No v.15, Oséias ironiza Betel (Casa de Deus) chamando-a de Bete-Áven (Casa da iniquidade), e justamente por sua iniquidade ela seria totalmente destruída.

Diante dessa seção do livro constatamos que mesmo Deus apontando o pecado do povo se indignando com este por causa de sua desobediência, Ele não deixou de apregoar a necessidade de arrependimento por parte do povo e a promessa de Sua misericórdia para o mesmo.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

OSÉIAS Parte V A

Introdução

Caminhando para o final do livro de Oséias, iniciaremos hoje os estudos da última parte do livro que vai de 11.1 – 14.9. Veremos agora os cap.11 e 12.

2.3. O amor do Senhor, 11.1 – 14.9

O capítulo 11 trata da ingratidão de Israel em face do amor de Deus. Numa linguagem terna, porém, carregada de dor e desgosto, Deus revela a ingratidão de Israel.

2.3.1. Seu amor inabalável ao tratar com o manhoso Israel, 11.1-11

v.1-4 Quem era Israel antes de Deus revelar-lhe Seu amor? Um escravo no Egito, de onde Deus o tirou (Ex 4.22). As palavras do v.1 são aplicadas também a Jesus, afinal Ele é o “Israel Verdadeiro” de Deus, e do Egito Ele também foi trazido quando ainda menino (Mt 2.15). Deus tirou Israel do Egito e colocou-o em Canaã. Em cumprimento da Aliança que o Senhor Deus estabeleceu com Israel, este deveria afastar-se das “abominações” dos cananeus, isto é, da idolatria. Mas, quanto mais o Senhor o chamava, mais este se afastava e caía diante dos ídolos. Enquanto o Senhor o ensinava a andar, ou seja, guiava Israel amorosamente pelo deserto, e o curava, ou seja, poupou a Israel de tantas moléstias no deserto, este sequer se deu conta de tanto amor. Com **“cordas humanas, com laços de amor...”** Deus cuidou de Israel dando-lhe tudo o que necessitava. No entanto, ao menor contato com os pagãos, Israel sucumbiu diante dos altares idólatras e deu às costas a Deus. Tal qual fizera a Gômer, esposa de Oséias quando amada por ele.

v.5-7 Estes versos declaram que Israel não voltaria a ser escravo no Egito. O mesmo não podia ser dito em relação à Assíria (v.5), pois, esta viria sobre Samaria (Israel) como de fato veio em 722 a.C. e devastou a terra levando parte do povo em cativeiro (v.6). A autossuficiência de Israel que confiava em suas cidades fortificadas (**“ferrolhos”**, v.6) e nos seus falsos profetas, levou-o à ruína total (v.7).

v.8,9 Um Deus que se compadece e tem compaixão de pecadores teimosos! Quanta esperança para o nosso coração! Enquanto a ira do homem é carregada de raiva e vingança, a ira de Deus é movida por Sua santidade, o que O diferencia totalmente dos homens (**“...porque eu sou Deus e não homem...”**, v.9). Em Sua ira santa Deus não se esquece de ter compaixão e misericórdia. Admá e Zeboim eram cidades da planície ao sul do Mar Morto que foram destruídas juntamente com Sodoma e Gomorra (Gn 10.19; 14.2,8).

v.10-12 Nestes versos o tema da misericórdia de Deus continua. Ele não quer destruir, mas, sim, restaurar o Seu povo com quem fizera Sua aliança. Ele se mostra moderado em Seu juízo e até mesmo alivia o sofrimento de Seu povo (v.11). Mas, o povo não se importou com tamanha demonstração de amor e cuidado. Antes, rebelou-se terrivelmente contra Deus, provocando-O com sua sórdida idolatria (v.12).

2.3.2. O exílio imposto por Deus é a única alternativa por causa da rebeldia obstinada de Israel, 11.12 – 12.14

Enquanto Israel (Norte) estava totalmente corrompido pela idolatria, Judá (Sul) ainda permanecia fiel ao Senhor embora começasse a dar indícios de rebeldia (cf. 12.2) e, por conta dessa rebeldia, posteriormente, vemos Judá seguindo pelo mesmo caminho e sendo levado em cativeiro para a Babilônia pouco mais de 100 anos depois do cativeiro de Israel.

v.1-10 “Efraim apascenta o vento e persegue o vento leste todo o dia...” (v.1), ou seja, corriam atrás de alianças, ora com o Egito, ora com a Assíria. Para quem planta ventos, segar tormentas (cf. 8.7), “correr atrás do vento” é consequência óbvia. Tanto confiar no Egito para salvá-lo da Assíria, ou confiar na Assíria para não ser por ela atacado, revelou a loucura de Israel. O pecado de Israel alastrou-se como uma praga e atingiu também Judá (v.2).

Nos v.3 e 4, lançando mão de fatos da vida do patriarca Jacó (Israel), o seu nascimento cheio de lutas com seu irmão gêmeo, sua luta com o anjo de Deus no vale do Jaboque, e por fim seu encontro com Deus em Betel onde ele travara uma luta não física, mas, espiritual com Deus suplicando-Lhe Sua bênção, são tomados como exemplos positivos para a nação de Israel que deveria imitar seu patriarca e buscar a Deus com todo o seu coração desejando Sua bênção. O nome “Israel” tem em sua raiz a palavra “luta”, o que nos dá a ideia de empenho, esforço e desejo intenso para alcançar o que é eterno.

Os v. 5,6 por meio de uma doxologia (palavra de exaltação) a Deus, Oséias chama o povo ao arrependimento e à conversão, o que envolve guardar o amor, o juízo e ter esperança somente em Deus.

Mas nos v.7,8, em vez de mostrar arrependimento, Israel (aqui chamado de Efraim) mostra arrogância, perversidade e maldade, pois, mesmo sabendo de seu pecado fazia questão de escondê-lo e ainda zombava de Deus, pois, cria que ninguém descobriria seu pecado.

Nos v.9,10 Deus declara que ninguém poderia se desculpar ou alegar inocência, até mesmo porque Ele, por meio dos Seus profetas, visões e parábolas (o drama de Oséias foi uma dessas parábolas), ensinara ao povo Sua vontade, e apesar de tantos recursos por Ele empregados o povo deu-Lhe as costas. Tal rebeldia levaria o povo ao deserto do cativeiro novamente, e assim como no passado o povo perambulou pelo deserto por quarenta anos vivendo em tendas, essa experiência seria vivida novamente como castigo divino.

v.11-14 Gileade e Gilgal eram centros idólatras (v.11). Essa região foi conquistada e destruída pela Assíria em 734 – 732 a.C., sendo um dos primeiros territórios a serem ocupados pela Assíria.

Os v.12-13 misturam fatos da vida de Jacó (que trabalhou 14 anos por sua esposa) e do povo de Israel no Egito, de onde Deus por meio de Moisés, o profeta, salvou o povo de Israel. No v.14 uma vez mais a fidelidade de Deus é contrastada com a infidelidade do povo. Não foi soa idolatria o pecado do povo; foi também o proceder homicida do povo. A injustiça se alastrara terrivelmente, e Israel não cumpriu sua parte na Aliança que Deus com ele fizera.

Para refletir: Deus é fiel à Aliança que fez com você. E você tem sido fiel a essa Aliança com Deus?

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

OSÉIAS Parte V B

Introdução

Chegamos ao final do livro do profeta Oséias. Hoje, com os capítulos 13 e 14 encerraremos a última parte do livro que trata do amor do Senhor pelo povo.

O assunto desses dois capítulos é: a causa da calamidade é sempre o pecado do homem (cap.13), mas Deus vem ao seu encontro chamando-o ao arrependimento prometendo restauração e perdão caso haja arrependimento sincero (cap.14).

2.4. O amor do Senhor, 11.1 – 14.9

2.3.3. Princípios orientadores, e o resultado do exílio, 13.1-16

v.1-4 Efraim (aqui simbolizando as 10 tribos do Norte, Israel) é descrito como alguém que perdeu sua moral e autoridade por ter caído em pecado, e o pecado de que ele é acusado aqui é a idolatria, que é descrita como obra ridícula das mãos dos homens, pois:

“...da sua prata fazem imagens de fundição... obra de artífices” (v.2);

“segundo o seu conceito...” (v.2);

“Homens até beijam bezerros” (v.2).

Tão efêmeros como seus ídolos são seus adoradores:

“serão como nuvem da manhã...” (v.3);

“como orvalho que passa...” (v.3);

“como palha...” (v.3);

“como fumaça...” (v.3).

Contrastando com tudo isso, Deus se apresenta como:

-Deus libertador que os tirou da escravidão no Egito (v.4);

-Deus único, porque é o único Deus Vivo (v.4).

v.5-11 Somente o Único e Verdadeiro Deus pode ser conhecido pelos homens, e pode conhecê-los profundamente porque os criou (v.5).

Estando bem, Israel afastou-se de Deus (v.6), ensoberbeceu-se em seu coração, e o resultado foi que se esqueceu de Deus. Grande perigo há para nós quando pensamos que temos o controle de nossas vidas!

No v.7 e 8 Deus se descreve usando a figura de animais ferozes que destroem rebanhos. Não podemos nunca nos esquecer da mensagem dos profetas que nos mostram o quanto o pecado acende a ira de Deus contra nós.

Por isso, as palavras do v.9 “**A tua ruína, ó Israel, vem de ti, e só de mim o teu socorro**” soam como:

-Esclarecimento, pois, todo sofrimento tem uma causa, e sempre, essa causa está em nós mesmos;

-Esperança, pois, se buscarmos a Deus, sinceramente arrependidos, não nos faltará o Seu socorro.

Contudo, devemos tomar muito cuidado para não colocarmos nossa confiança em coisas que inventamos (como os ídolos) ou em seres humanos como nós (como os líderes e governantes), v.10,11. Lembremo-nos sempre que nosso socorro vem somente de Deus (v.9).

v.12-16 As palavras do v.12 nos mostram que Deus não faz vistas grossas ao pecado; antes, Ele sabe muito bem de quais pecados somos culpados.

O v.13 descreve Israel como uma criança no ventre de sua mãe, que em vez de se posicionar corretamente para facilitar o parto, posiciona-se de modo errado, trazendo sérias consequências para si e para a mãe. Israel deixou a aliança com Deus (essa era a “posição” correta) para seguir ídolos de seus corações. Consequências terríveis lhe sobrevieram.

O v.14 é citado por Paulo em 1Co 15.55, e é claramente aplicado à obra salvadora de Cristo. Se o antigo Israel não aproveitou a oportunidade de ser redimido por Deus, o novo Israel, isto é, a Igreja de Cristo, vive confiante no amor remidor de Cristo. Por essa razão Deus declara que **“Meus olhos não veem em mim arrependimento algum”** (v.14), mostrando que Deus não mudaria os Seus propósitos porque os homens mudaram os seus.

O castigo veio sobre o povo como foi prometido (v.15); cada um é culpado por seus pecados, e grande tristeza Israel sofreu, assim como todos quantos se apartam de Deus (v.16).

2.3.4. Apelo final ao arrependimento; promessa da bênção final, 14.1-9

v.1-3 O chamado ao arrependimento vem antes do anúncio das promessas. Toda mensagem bíblica deve ser assim apresentada. Primeiramente, se mostra o pecado e a consequente miséria espiritual do povo (v.1), em seguida deve-se chamar os homens ao arrependimento e conversão (v.2), e abandono da confiança em seus próprios recursos (v.3), e, depois, apresenta-se a solução e bênçãos divinas.

v.4-7 Somente depois desse processo é que anunciamos então as bênçãos de Deus. A graça de Deus que busca o pecador arrependido (v.4), e o cura de sua principal enfermidade que é espiritual, o pecado.

Nos v.5-7 Deus promete ser como um orvalho restaurador para o seu povo de Israel o qual seria como;

- um lírio que se abre,
- um cedro arraigado profundamente que floresce e exala seu perfume,
- uma árvore frondosa que dá sombra,
- grãos vicejantes,
- uma vide exuberante,

Tudo isso aponta para o poder de Deus que restaura o pecador tal qual o orvalho restaura a vegetação.

Em 13.5 Deus declarou que conheceu Israel no deserto, em terra muito seca, e agora, Ele promete vida tão abundante que se contrasta completamente àquele Israel do deserto.

v.8 **“...que tenho eu com os ídolos?”**. Ainda que em sua idolatria o povo confundisse os ídolos julgando que eles eram imagens do próprio Deus (13.2), Ele deixa

bem claro que tal coisa Lhe é abominável. Deus nada tem a ver com os ídolos. A glória Dele não é conferida a ninguém (Is 42.8; 48.11). Enquanto os ídolos nada podem fazer por ninguém, nem por eles mesmos, Deus é o único que pode restaurar o povo e fazê-lo frutificar.

v. 9 O livro encerra com essa exortação vigorosa. Quem é sábio se voltará para Deus e viverá de acordo com a Sua vontade. Nos caminhos de Deus, o sábio e prudente encontra a Vida Eterna, enquanto que o insensato e louco nele tropeçará e cairá.

Não nos enganemos! Anunciar a Palavra de Deus corretamente requer de nós fidelidade tal para que esse duplo propósito se concretize: tanto convencer e levar ao arrependimento os escolhidos de Deus, como endurecer o coração daqueles que O desprezam.

O mesmo sol que amolece a cera endurece o barro!

Conclusão

O livro de Oséias é sem dúvida alguma, atual e profundo em sua mensagem. Devemos meditar em suas palavras e obedecê-las para que por elas possamos viver nos caminhos do Senhor.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

NAUM Parte I

Introdução

Em nota introdutória ao livro de Naum, a Bíblia de Estudo de Genebra faz o seguinte comentário:

Este livro, frequentemente esquecido e desprezado, nos fornece uma chave importante para a compreensão da história passada, presente e futura. Os acontecimentos não se sucedem como mero acaso, mas cada detalhe da história é determinado pela vontade, propósito e poder de Deus. No hino de abertura (1.2-8) e especialmente em 1.2-3 (o “texto” do sermão de Naum), aprendemos que o governo divino da história está de acordo com o seu caráter de Deus da aliança. Por toda parte e individualmente, ele exige submissão exclusiva. A rejeição de Deus e de sua lei levam não apenas às consequências necessárias do caos na sociedade e na natureza, mas também, inevitavelmente provoca seu desagrado pessoal, resultando na justa retribuição.

1- O Autor

O significado do nome Naum é “consolação”. Ele se apresenta como o “elcosita”, possivelmente da localidade chamada Elcós, contudo, os esforços feitos para identificar esse lugar têm encontrado certa dificuldade. A melhor opção é relacioná-lo com Cafarnaum, na parte norte da Galiléia, cujo significado é “cidade de Naum”. Stanley Ellisen diz: *“A melhor conjuntura é que ele nasceu perto de Cafarnaum, na parte norte da Galiléia, fugiu ou emigrou para Elcós, na parte sul de Judá, depois da queda do Norte, e profetizou para Judá numa época de muita necessidade de consolação com referência aos inimigos assírios”* (ELLISEN, 2007, p. 365).

2- Ocasão e Tema

Ele foi o único dos profetas menores que não trouxe denúncias contra o pecado do povo de Deus, mas, somente consolo aos seus corações devido à opressão causada pelos assírios, aqui representados por sua capital perversa, Nínive. Por isso mesmo, o tema do livro é: **Grande julgamento divino sobre Nínive, a violenta rainha do Oriente**¹⁷.

A data em que Naum escreveu seu livro e atuou como profeta não está explícita no texto. Porém, quando reconstruímos a história do período do domínio assírio e as suas invasões a Israel, podemos constatar que Naum escreveu seu livro entre os anos de 710 – 650 a.C., o que nos permite colocar a data de 663 a.C. (durante o reinado de Manassés) como a possível data da atuação do profeta e a escrita do livro, sendo a mensagem de seu livro uma mensagem consoladora ao povo de Judá que viu seu irmão do norte, Israel, cair sob o domínio assírio, e, sabendo que Judá caiu em 608 – 596 a.C. sob o poder de Babilônia, então parece-nos plausível a data de 663 a.C., pois, ele profetizou a queda da Assíria sob o poder da Babilônia, fato que se deu por volta de 622 a.C.

¹⁷ ELLISEN, 2007, p.364.

3- A Mensagem do Livro

Uma de suas profecias chama-nos a atenção. Em 2.6 ele diz: **“As comportas dos rios se abrem, e o palácio é destruído”**. A História nos revela que tal se deu quando uma inundação levou os muros de Nínive, e isto possibilitou aos medos e caldeus a invasão da cidade e sua tomada.

O júbilo de Naum ao ver a ruína de Nínive não deve ser visto como um sentimento de vingança, mas, sim, como o sentimento de alegria por ver que Deus executando Sua Justiça sobre os inimigos retribuindo-lhes por terem desonrado o Seu Deus. Naum estava consumido por seu zelo para com Deus, e não por um nacionalismo carnal como muitos afirmam.

Seu desejo sincero é ver o Senhor vindicar Sua santidade aos olhos dos pagãos, comparada com a tirania desumana do império pagão que desafiava a Deus e que por tanto tempo havia pisoteado todas as nações súditas com brutalidade desalmada. Somente através duma destruição total e exemplar da Assíria é que o mundo pode ser ensinado que a força, em última análise, não produz a justiça, e que até o mais poderoso dos infiéis é absolutamente impotente perante a ira judicial de Deus. O fato de que o Deus de Israel podia predizer com exatidão tão marcante o fato e a maneira da queda de Nínive era a melhor maneira de comprovar ao mundo antigo a soberania do único Deus verdadeiro¹⁸.

4- Esboço do Livro

Seguiremos aqui o esboço apresentado pela Bíblia de Estudo de Genebra a qual sintetiza muito bem o livro.

I- Cabeçalho (1.1)

II- O Juiz Justo e Misericordioso de Nínive (1.2-14)

2.1. O ciúme e o poder do Senhor (1.2-8)

2.2. Aflição para os maus (1.9-14)

III- Nínive impotente diante dos exércitos de Deus (1.15 – 2.13)

3.1. Boas novas para Judá (1.15 – 2.2)

3.2. Nínive capturada e saqueada (2.3-10)

3.3. O Senhor destrói o poder de Nínive (2.11-13)

IV- A destruição irreversível de Nínive (3)

4.1. O julgamento profetizado da cidade pecaminosa (3.1-7)

4.2. A ruína de Nínive semelhante à de Nô-Amom (3.8-11)

4.3. A finalidade do julgamento divino (3.12-19)

¹⁸ ARCHER, Jr. 2007, p.292

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

NAUM Parte II

Introdução

Depois do estudo introdutório do livro de Naum, vejamos agora a mensagem do livro. Lembrando que a mensagem do livro pode ser resumida no seguinte tema:

Grande julgamento divino sobre Nínive, a violenta rainha do Oriente.

Enquanto no livro de Jonas vemos Deus tendo misericórdia para com Nínive, e esta respondendo com arrependimento à mensagem do profeta, aqui em Naum vemos que com o passar dos anos, Nínive voltou às suas práticas idólatras, homicidas e perversas, e, por esta razão, sofreu o julgamento divino.

I- Cabeçalho (1.1)

O próprio cabeçalho do livro apresenta a mensagem do julgamento divino: **“Sentença contra Nínive...”**.

Quando estudamos o livro de Jonas vimos que uma das razões dele não ter obedecido a Deus e fugido de sua responsabilidade inicialmente, foi porque lhe era inconcebível Deus ter misericórdia com uma cidade tão perversa. Nínive era a capital da Assíria e conhecida por suas práticas perversas na dominação de outros povos. Esta cidade não demonstrava qualquer sinal de misericórdia pelas grávidas, crianças, idosos e outros indefesos. Técnicas como a do empalamento eram praticadas a fim de torturar os prisioneiros de guerra. Mas, acima de tudo estava a idolatria desse povo, a qual era na verdade, a razão de toda a impiedade dele.

II- O Juiz Justo e Misericordioso de Nínive (1.2-14)

O capítulo primeiro traz essa mensagem: Deus é Justo e Misericordioso. Aliás, Ele já demonstrara a sua misericórdia nos dias de Jonas. Mas, Deus também é Justo. Ele julga o pecado, pune o pecador, e no caso de Nínive o seu descaso para com a misericórdia de Deus agravou ainda mais seu julgamento!

2.1. O ciúme e o poder do Senhor (1.2-8)

Aqui temos um hino no qual destacam-se as seguintes verdades:

O Caráter de Deus que é:

- ✓ **Zeloso:** Deus zela por Sua santidade de glória. Todo pecado é uma afronta à santidade de Deus e é um insulto à Sua glória, tanto quando o pecador rouba para si a glória que deve ser dada a Deus, ou quando este se rebela contra Deus não se submetendo à Sua vontade deixando assim de glorificá-Lo como se deve.
- ✓ **Vingador:** só no v.2 essa palavra se repete três vezes (vingador... vingador... vingança). Em dias como os nossos em que tal apresentação “espanta” as pessoas, pois, o que elas querem é ouvir somente do amor de Deus, e, portanto, verdades como a justiça, o zelo e a vingança de Deus contra o pecado causam desconforto nos corações que querem continuar no pecado. Mas é importante, enfatizarmos que Deus não deixa impune quaisquer pecados. Ele faz justa retribuição à impiedade de Seus inimigos e adversários.

- ✓ **Paciente:** sim, Deus é paciente e por isso mesmo é descrito como **“tardio em irar-se”** (v.3). Mas, Sua paciência tem limites. Aliás, este é um assunto presente em todos os profetas. Ele **“não inocenta o culpado”**. Mesmo nós que estamos sob o sangue de Seu Filho, Ele não nos considera inocentes, mas, sim, perdoados. Somos culpados dos nossos pecados, e a nossa culpa exigiu reparação, e por isso mesmo Ele teve misericórdia de nós e nos enviou Seu Filho para assumir nosso lugar na cruz.

O Senhorio de Deus

Deus não é só Salvador, Ele é também Senhor. Recebê-Lo como Salvador implica em recebê-Lo também como Senhor de nossas vidas. Aqui nestes v.3-8 temos uma descrição do poder de Deus governando e fazendo o que bem quer da Sua criação.

No v.1-6, Naum mostra que Deus tem total controle sobre a natureza e que esta revela a magnitude de Deus. Porém, em momento algum a natureza e a criação devem ser adoradas pelo homem. Foi por cometerem esse pecado que os homens caíram na promiscuidade (veja Rm 1.18-32).

2.2. Aflição para os maus (1.9-15)

Este trecho (1.9-15) começa falando da queda dos ímpios representados aqui por Nínive e termina com o triunfo do povo de Deus. Temos aqui uma “tipificação” do Dia da Volta do Senhor Jesus, quando os inimigos serão subjugados e condenados eternamente, enquanto que, o povo de Deus será reunido na glória eterna.

Nos v.9 e 10 vemos como o pecador é arrogante e presunçoso. Confia em seus recursos e astúcia chegando ao ponto de desafiar Deus. Mas, que é o ímpio para pensar algo contra Deus?

O v.11 refere-se a Assurbanipal, imperador assírio. Mas, por mais astuto e vil que ele tenha sido, Deus escarneceu de seus recursos: **“Por mais seguros que estejam e por mais numerosos que sejam, ainda assim serão exterminados e passarão; eu te afligi, mas, não te afligirei mais”**. Ao dizer que não mais haveria de afligi-los, Deus não estava dizendo que seria por misericórdia, mas, sim, que eles seriam exterminados, e uma vez exterminados não restaria ninguém mais para ser afligido.

Nos v.13-15 vemos o consolo de Deus para o povo Seu povo Judá. As seguintes ações de Deus revelam Seu intento e confirmam o consolo de Seu povo: **“quebrarei o jugo deles...”**: isto é, os assírios não mais teriam poder para subjugar a ninguém, principalmente o povo de Deus;

“rompereí os teus laços”: indica a libertação do povo de Deus;

“exterminarei as imagens de escultura e de fundição”: todas as guerras nos tempos antigos eram o que chamamos de “teogonias”, ou seja, uma disputa entre as divindades. Quando uma nação vencida outra, a que era derrotada sentia-se brutalmente humilhada porque os seus deuses não foram competentes o suficiente para defendê-los. Por isso mesmo, um dos nomes dados ao Senhor Deus é **“SENHOR DOS EXÉRCITOS”**, pois, não há deus como Ele, até mesmo porque Ele é o único Deus Vivo – os demais não passam de **“imagens de escultura e fundição”**.

“farei o teu sepulcro, porque és vil...”: ou seja, Deus é quem sepultaria o cadáver de Seus inimigos depois de exterminá-los. De fato, onde está Nínive hoje? O que sobrou dela senão meros relatos históricos e algumas ruínas que só servem para ocupar os arqueólogos?

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

NAUM Parte III

Introdução

Depois de mostrar Sua glória e senhorio sobre toda a criação, o SENHOR Deus ridicularizou os recursos de Nínive nos quais ela confiava (cap.1). **O grande julgamento Divino sobre Nínive, a violenta rainha do Oriente** (tema central do livro de Naum) estava determinado por Deus.

III- Nínive impotente diante dos exércitos de Deus (1.15 – 2.13)

O v.15 do primeiro capítulo introduz o cap.2. Temos aqui o que é conhecido como “presente profético”, ou seja, Naum viu os acontecimentos futuros como se eles estivessem acontecendo no presente momento, e outros acontecimentos ainda mais distantes bem próximos dele. É como alguém que contempla uma cordilheira de montanhas e que aquela montanha que está mais longe, embora seja maior que as outras, lhe dá a impressão de ser do mesmo tamanho ou menor. O objetivo de Naum aqui não é um relato histórico detalhado dos fatos futuros, mas, sim, relatar o juízo de Deus sobre Nínive, o que aconteceu em 612 a.C.

A paz anunciada aqui em 1.15, não é apenas o fim da hostilidade dos inimigos, mas, principalmente, o retorno ao bem-estar e às condições normais de vida.

3.1. Boas novas para Judá (1.15 – 2.2)

Nestes versos Deus chamando o povo de Judá para celebrarem suas festas religiosas que haviam sido interrompidas pelo inimigo. De fato, muitas vezes nossa alegria e celebração a Deus são interrompidas quando somos atacados pelos inimigos, mas, Deus, é fiel e vem em nosso socorro e nos restaura a alegria e o louvor.

O “destruidor” que viria eram os medos e babilônios que em agosto de 612 a.C. invadiram Nínive tal qual a profecia de Naum. Um pouco mais a diante na História, o império assírio também ruiu como a sua perversa capital. Subjugando os inimigos, Deus restaurou a alegria do Seu povo. A vingança pertence ao SENHOR e não a nós.

3.2. Nínive capturada e saqueada (2.3-10)

O nosso Deus é o SENHOR dos Exércitos, ou seja, é Ele quem comanda os exércitos numa batalha. Até quando o inimigo vence o Seu povo, Ele o permite como correção. Assim havia acontecido com os exércitos assírios que foram instrumentos nas mãos do Senhor para corrigir Seu povo. Mas, agora, a Assíria experimentaria a fúria do Senhor Deus levantando outros exércitos com seus escudos manchados de sangue como diz o v.3: **“Os escudos de seus heróis são vermelhos...”**.

O caos da guerra se instalaria em Nínive (v.4). Nem toda força do povo seria capaz de deter o inimigo fortemente armado (v.5).

Embora no v.6 Naum esteja usando de uma linguagem poética ao se referir às “comportas dos rios”, sabe-se que Nínive situava-se às margens do rio Tigre e um rio menor cortava a cidade. Os caldeus desviaram o curso dos rios e abriram as barragens o que ocasionou a inundação da cidade.

No v.7, Nínive é representada na figura de uma mulher, uma cidade-rainha cujas servas foram levadas em cativeiro e de lá não voltariam mais. O julgamento de Deus foi definitivo e irreversível.

No v.8, outra figura descreve Nínive “**açude de águas**”. Geralmente, os profetas empregam a figura das muitas águas para simbolizar as nações ímpias (cf. Ap 17.1). Assim como um açude que estourou, Nínive estava se secando diante do juízo do Senhor.

Os v.9 e 10 mostram que terror ainda maior que o que Nínive impôs sobre os outros povos e o povo de Deus ela haveria de sofrer.

3.3. O Senhor destrói o poder de Nínive (2.11-13)

Com uma pergunta retórica “**Onde está agora...**”, Deus faz os ninivitas perceberem que não havia mais escapatória para eles.

Assim como uma família de leões (cf. v.11 e 12) era Nínive. Ela despedaçava a todos com seu poder, mas, chegou para ela o julgamento do Senhor. Ele disse: “**Eis que eu estou contra ti, diz o SENHOR dos Exércitos...**”. É impossível ao homem encontrar um inimigo mais terrível do que Deus. Perante Ele todos os inimigos não são nada terríveis. O pecado de Nínive (assim como o de qualquer pessoa) atrai a ira de Deus terrivelmente.

Não importa a bravura, violência e a força do homem quando Deus se lhe opõe. Das mãos do Senhor não há quem possa livrar o pecador. Se nos é um maravilhoso consolo o que diz Rm 8.31 “**Se Deus é por nós, quem será contra nós?**”, inversamente proporcional é a certeza de termos Deus como nosso adversário por causa do nosso pecado.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

NAUM Parte IV

Introdução

Neste último capítulo do seu livro, Naum enfatiza por meio de um lamento que perpassa todo o capítulo, o juízo divino que é certo e virá sobre a perversa Nínive.

IV- A destruição irreversível de Nínive (3)

4.1. O julgamento profetizado da cidade pecaminosa (3.1-7)

Nestes versos, Naum apresenta as acusações contra Nínive (v.1-4) e as suas faltas (v.5-7) de forma detalhada.

Nínive é descrita como:

Cidade sanguinária: o que aponta para a crueldade dela e trata os outros povos, e essa crueldade ainda é tida e enaltecida pelos assírios que se gabavam de ser assim.

Mentirosa: Nínive sempre usou de diplomacia mentirosa para enganar as nações.

Um campo de guerra: a figura de cadáveres pisoteados pelos exércitos mostra a desolação da luxuriante cidade.

Prostituta: acordos infames, adoração a ídolos caracterizavam a “prostituição” de Nínive.

Feiticeira: ela enganava não só por meio de acordos mentirosos como também lançava mão da feitiçaria para iludir as nações.

Por todas essas práticas malignas Nínive atraiu a ira do SENHOR Deus: **“Eis que estou contra ti, diz o SENHOR dos Exércitos; levantarei as abas de tua saia sobre o teu rosto, e mostrarei às nações a tua nudez, e aos reinos, as tuas vergonhas”** (v.5). Essa era a humilhação pública pelas quais a prostitutas eram punidas. O Senhor Deus exporia diante das nações a vergonha do pecado de Nínive.

Os v.6 e 7 completam esse quadro de vergonha que sobreviria a Nínive. Quando Deus agir contra ela, disse Naum, **“quem terá compaixão dela?”**.

4.2. A ruína de Nínive semelhante à de Nô-Amom (3.8-11)

A cidade de Nô-Amom era a cidade do deus Amom, também conhecida como Tebas. Em 663 a.C. os assírios tomaram essa imponente cidade egípcia. Ela era localizada à beira do rio Nilo, a uns 640 quilômetros distante de Mênfis, outra cidade egípcia muito importante. A navegação era um ponto a favor dessa cidade. Bem provável que a alusão que Naum faz aqui sobre o mar seja num sentido figurado, pois, o mar, figuradamente falando, é uma força que só Deus poderia deter. Assim como Nô-Amom não resistiu ao poder de Deus, Nínive também não haveria de resistir. Nínive ficaria embriagada com a taça da ira de Deus da qual todos os que desafiavam a Ele são obrigados a beber (veja Is 51.17-23).

Até que Nínive tentaria encontrar refúgio, mas, onde? Quem poderia livrá-la da mão de Deus? Ele é refúgio para os que Nele confiam, mas, quando é Ele quem está no percalço de Seus inimigos, quem poderá livrá-los?

4.3. A finalidade do julgamento divino (3.12-19)

A autoconfiança de Nínive foi a sua ruína. Suas muralhas que inspiravam segurança, diante do poder de Deus, nada poderiam; seriam como figueiras que em vez de

oferecerem resistência, oferecem prazer aos que a atacam. Quão tolo é aquele que confia em si mesmo!

Os exércitos de Nínive pareciam “**como mulheres**”, isto é, sem qualquer preparação para a batalha. Nínive se gabava de sua crueldade e capacidade de conquistar povos, isso porque não havia enfrentado um inimigo tão terrível como Deus. É fácil se gabar diante de inferiores; difícil é resistir um inimigo tão poderoso quanto Deus!

Os v.14-17 apontam para o fato de que os babilônios haveriam de invadir Nínive e esta nada poderia fazer, a não ser se preparar para tal invasão. Como Nínive construiu seu comércio sobre mão de obra escrava vinda de outros povos, estes escravos ao verem a assolação causada pelos babilônios, ajuntariam suas coisas e pertences e como um bando de gafanhotos que ao amanhecer levantam voo, estes estrangeiros que viviam em Nínive fugiriam levando tudo o que ajuntaram em seu tempo de escravidão. Nínive não focaria com absolutamente nada e nada teria para se reconstruir depois.

Os v.18-19 são uma conclusão muito apropriada da mensagem do livro. Sem liderança, os assírios seriam tomados pelo desespero e desamparo. Sem esperança de restauração eles amargariam a certeza de uma destruição completa, como uma ferida que não tem cura. Assim como os assírios trouxeram tantas dores e tormento aos povos, agora, chegou a vez deles, e ninguém menos do que o próprio Deus executaria tal juízo.

Conclusão

Diante do que foi exposto em todos os estudos no livro de Naum, ressaltamos as seguintes verdades:

- ✓ Deus cumpre Suas promessas;
- ✓ Deus executa a justiça contra os pecadores;
- ✓ Não há como escapar das mãos de Deus quando Ele exerce Sua justiça.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

SOFONIAS **Parte I**

Introdução

A profecia que há muito foi feita estava às portas. A misericórdia de Deus chegara ao seu limite não porque Deus esgotara Sua paciência, mas, porque Ele é zeloso por Suas promessas. Dera ao Seu povo inúmeras chances de arrependimento, mas, este, não aproveitou. **O Dia do Senhor chegou!** A indignação de Deus contra Seu povo se concretizou, e os adversários de Judá vieram para executar o castigo de Deus contra Seu povo, porém, não saíram ilesos.

1- O Autor

Sofonias, cujo significado é “O SENHOR esconde, protege” é o mesmo nome de um sacerdote que atuou nos dias do profeta Jeremias (Jr 21.1; 29.25) e de outros personagens do Antigo Testamento (Zc 6.10,14). Não temos como afirmar com precisão se Sofonias era um sacerdote apesar do seu linguajar ser próprio de um sacerdote. O fato dele apresentar em sua genealogia a quarta geração de seus ancestrais chegando a Ezequias, e de possivelmente este ter sido o grande rei Ezequias (715-686 a.C.) coloca Sofonias assim, dentro da aristocracia de Judá.

2- Ocasão em que o profeta atuou e o livro foi escrito

Josias era o rei de Judá nos dias em que Sofonias atuou como profeta também nesse reino, 660-609 a.C. Há uma questão sobre a data que deve ser considerada. Não sabemos ao certo se ele profetizou antes ou depois da grande reforma religiosa que o rei Josias realizou em 621 a.C. (2Re 22 e 23). Fato é que Sofonias denunciou a idolatria e o sincretismo religioso de Judá, pois, o povo havia introduzido no culto a Deus elementos de idolatria e culto ao deus Baal. Justamente por isso, os estudiosos do Antigo Testamento afirmam que o livro foi escrito antes de 621 a.C.

Um fato pode ser confirmado: Nínive, capital da Assíria, contra quem Naum levantou sua profecia, ainda não havia caído sob o poder da Babilônia (2.13-15), consequentemente, a mensagem do profeta foi proferida antes de sua destruição em 612 a.C. (cf. Bíblia de Estudo de Genebra).

3- A mensagem do livro

“**A espada do SENHOR**” (2.12), a saber, um inimigo estrangeiro seria o juízo de Deus contra Judá, destruindo Jerusalém por causa do pecado e rebeldia do povo. O dia em que os inimigos viriam sobre Jerusalém ficaria conhecido como **O Dia do SENHOR**. Essa mensagem está presente em todos os profetas, e tanto apontava para um dia de castigo e punição, como para um dia de salvação (3.11,12 e 17). No caso da mensagem do profeta Sofonias, o Dia do SENHOR apontava para o castigo de Deus contra Judá, o qual seria executado por estrangeiros (os babilônios). Este assunto ele trata extensamente.

Sofonias descreve o Dia do SENHOR das seguintes formas:

“... o Dia do SENHOR está perto...” (1.7)

“...dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas” (1.15)

“Naquele dia...” o orgulhoso e soberbo será abatido (3.11); e o humilde será salvo (3.12,17).

Diante disso, Stanley Ellisen propõe o seguinte tema o qual adotaremos neste estudo: **“A grande ira do SENHOR e a redenção do Dia do SENHOR”**¹⁹.

Sofonias também destaca a importância da Aliança de Deus com Seu povo. Ainda que ele não tenha usada a palavra “aliança”, algumas passagens do seu livro apresentam esse assunto.

A Bíblia de Estudo de Genebra apresenta o seguinte comentário:

Como muitos dos outros livros proféticos, Sofonias começa com uma mensagem de juízo universal (1.2,3) e termina com um oráculo de salvação, em que tanto as nações (3.9) quanto o remanescente revitalizado de Israel (3.12,13) são conduzidos para uma relacionamento salvífico com o Senhor (3.19,20). Sofonias considera o juízo como um agente transformador do mundo, reunindo as obras de todos os povos, tanto boas quanto más, sob o exame minucioso de Deus. A natureza restauradora da ira de Deus é indicada pela mudança de tom de suas ameaças em 1.2,3 (“consumirei todas as coisas”) para a esperança expressa em 3.14-17”.

4- Esboço do livro

Seguiremos o esboço apresentado pela Bíblia de Estudo de Genebra.

I- Cabeçalho (1.1)

II- Profecias de juízo (1.2-6)

A- Contra todas as nações (1.2-3)

B- Contra Judá (1.4-6)

III- O Dia do Senhor: acusação e juízo (1.7-18)

IV- Chamado ao arrependimento (2.1-3)

V- Profecias contra as nações (2.4-15)

A- Filistia (2.4-7)

B- Moabe e Amom (2.8-11)

C- Etiópia (2.12)

D- Assíria (2.13-15)

VI- Acusação contra Jerusalém (3.1-5)

VII- Juízo contra todas as nações (3.6-8)

VIII- Purificação e restauração dos restantes de Judá (3.9-20)

¹⁹ ELLISEN, 2007, p.377.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

SOFONIAS Parte I

Introdução

Iniciando nossa breve análise da mensagem do livro de Sofonias.

I- Cabeçalho (1.1)

“Palavra do SENHOR que veio...” essa expressão nos mostra que a revelação de Deus é um ato que parte Dele em direção aos homens. É Deus quem sempre tomou a iniciativa de Sedar a conhecer aos homens. Não tivesse Ele feito isso, jamais O conheceríamos.

Neste verso também somos informados sobre os ancestrais de Sofonias e da época em que ele exerceu seu ministério profético. Esses dados são muito importantes, pois, atestam a historicidade dos fatos bíblicos. São pessoas reais e situações e lugares reais.

II- Profecias de juízo (1.2-6)

Temos aqui a descrição do juízo de Deus contra todo o povo de Judá.

As acusações:

- Idolatria (v.4)
- Sincretismo religioso (v.5)
- Ateísmo prático (v.6)

Esses três pecados caminham juntos. Onde Deus não é adorado com integridade e exclusividade, ídolos concorrem com Ele pelo amor e atenção das pessoas; o culto sofre com a terrível mistura de elementos idólatras; e, por fim, esses corações se afastam de Deus e abraçam um ateísmo prático, a saber, Deus passa a não ter qualquer importância para eles.

As consequências:

- Destruição total (v.2)
- Extermínio do toda vida sobre a terra (v.3)
- Castigo dos idólatras (v.4)

Dessa forma Deus promete agir

C- Contra todas as nações (1.2-3)

Toda terra e seus habitantes, animais e vegetação sofreria o dano por sua desobediência e pecado. É justamente essa figura que o Novo Testamento emprega para o Dia do Senhor Jesus (Sua volta) onde toda a Criação será expurgada do pecado, por meio do fogo purificador de Deus.

D- Contra Judá (1.4-6)

Com relação ao povo de Judá, Deus prometeu que puniria aqueles que estavam desviando o povo. Os que estavam desviando o povo eram os líderes religiosos, os sacerdotes, os quais deveriam conduzir o povo na vontade de Deus. Estes levavam o

povo a se render diante do deus amonita Milcom (ou Moloque), a quem eles sacrificavam suas crianças, prática essa terminantemente proibida por Deus (Lv 18.21).

III- O Dia do Senhor: acusação e juízo (1.7-18)

Do v.7-13 encontramos dura repreensão de Deus por parte de Sofonias.

“**Cala-te**” diante do Deus santo que está julgando, diz o profeta. Diante da santidade de Deus o pecador deve se calar; ele é indesculpável diante de Deus. “**O Dia do SENHOR está perto**”, dia este em que o Senhor viria acertar contas com o povo pecador. Tão santo Ele é que primeiramente, santifica os Seus convidados para que estes possam comparecerem diante Dele (v.7).

Deus prometeu castigar os filhos dos reis e seus oficiais, pois, estes estavam tão comprometidos com o pecado das nações que até se vestiam como eles, com “**vestiduras estrangeiras**” (v.8). Haviam abraçado a idolatria das nações subindo “**o pedestal dos ídolos**” (v.9), cometendo toda sorte de pecados e violência. A mão do Senhor pesaria tão fortemente sobre eles que em todos os cantos da cidade se ouviria o lamento e gemido deles (v.10). Deus vasculharia os seus corações “**com lanternas**” (v.12), ou seja, com a luz da Sua santidade. É a santidade de Deus a medida para a nossa vida.

“**...homens que estão apegados à borra do vinho...**” (v.12), isso quer dizer, que eles se entregavam à bebedeira de tal forma que enquanto não viam a borra no fundo o copo não paravam – bebiam até o fim. Também pode ser entendido figuradamente, pois, assim como a borra do vinho se acomoda no fundo da vasilha, os judeus estavam acomodados em seus pecados, e o que é pior, passaram a ver Deus como alguém irrelevante que “**não faz bem, nem faz mal**”. O castigo que viria (e veio) sobre Judá será implacável (v.13). Edificariam, mas, não morariam; plantariam, mas, não colheriam. Isso mostra que sem a bênção de Deus, nossos esforços não vingam.

Dos v.14-18 Sofonias intensifica o assunto e a descrição do Dia do SENHOR.

Quanto a este Dia terrível:

- Todos devem estar atentos (v.14);
- Ele será amargo até para quem tinha uma vida “doce”, o “**homem poderoso**” (v.14);
- Ele será de indignação e angústia, carregado de alvoroço e desolação, do qual a luz do sol fugirá (v.15);
- A guerra não será só uma ameaça, mas, uma realidade iminente – “**dia de trombeta de rebate...**” aponta para o que acontecia na guerra antigamente quando um soldado avisava que o inimigo se aproximava, tocando a trombeta, e outro soldado rebatia tocando a sua trombeta avisando que entendera o aviso (v.16).
- Terrível angústia se apoderaria deles, e uma vez que rejeitaram a Luz de Deus para ficarem com os ídolos, como estes ficariam cegos sem saberem a direção. E por terem trocado Deus pelos ídolos, assim como seus ídolos que viraram pó diante de Deus, também o povo seria desbaratado e seu sangue seria derramado “**como pó**” (v.17). Essas palavras nos lembram do Sl 115.4-8. Tal qual é o ídolo é quem o fabrica e o adora.
- Nenhum recurso humano pode livrar o homem do julgamento de Deus (v.18).

Para o Dia do Senhor devemos estar preparados, e, no nosso caso, essa preparação se dá por meio de uma vida confiante e entregue a Cristo.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

SOFONIAS Parte II

Introdução

Lembremo-nos do tema principal do livro de Sofonias: **“A grande ira do SENHOR e a redenção do Dia do SENHOR”**.

IV- Chamado ao arrependimento (2.1-3)

“Concentra-te e examina-te...” (v.1), é um chamado a um autoexame no qual o ideal de Deus é levar o povo ao arrependimento. A uma nação despudorada, que merecia ser alvo da ira de Deus e do Seu furor no Dia de Sua visitação, em vez disso recebeu o convite da Graça, para abandonar o pecado e viver de forma agradável e esse Deus gracioso.

Eis o convite: **“Buscai o SENHOR, vós todos os mansos da terra, que cumpris o seu juízo; buscai a mansidão...”** (v.3). Havia nas palavras do profeta uma esperança de que um remanescente fiel e manso buscasse a Deus, e também um pessimismo em relação ao restante da **“nação sem pudor”** de que esta viesse a se arrepender²⁰. Assim é que a Palavra de Deus cumpre o seu propósito: tanto convence os escolhidos como endurece o coração dos perversos e rebeldes.

V- Profecias contra as nações (2.4-15)

Voltando-se agora para as nações vizinhas, o profeta anuncia quatro profecias dirigidas contra essas nações, por que estas se tornaram reprováveis em suas ações. A soberania de Deus não é somente sobre o Seu povo, mas, sobre todas as nações.

A- Filístia (2.4-7)

As cidades mencionadas no v.4: Gaza, Asquelon, Asdode e Ecom, são cidades litorâneas da Filístia (cf. v.6). Todo o litoral filisteu seria dado em posse aos filhos de Judá depois que estes retornassem do cativeiro, fato que aconteceu uns 80 anos depois que Sofonias apresentou sua profecia. Ao mesmo tempo em que o SENHOR julgaria as nações perversas Ele preservaria o Seu povo em meio a tanta tribulação. Essa mensagem é trazida para o Novo Testamento, pois, Deus cuida do Seu povo enquanto o mundo está em calamidade.

B- Moabe e Amom (2.8-11)

Zombar de Deus é a maior prova de loucura. Tanto Moabe como Amom escarneceram do povo de Deus, e conseqüentemente, do próprio Deus (cf. v.10). Ao compará-las a Sodoma e Gomorra, o SENHOR estava mostrando a impiedade e pecaminosidade dessas cidades. Sodoma e Gomorra se tornaram símbolos do pecado, e assim como elas foram destruídas, o pecado, esteja onde estiver também será punido.

As figuras do **“campo de urtigas, poços de sal e assolação perpétua”** (v.9) apontam para o juízo de Deus sobre tais cidades. Essas desgraças sobreviriam a essas cidades **“por causa da sua soberba, porque escarneceram e se gabaram contra o SENHOR dos Exércitos”** (v.10).

²⁰ cf. Bíblia de Estudo de Genebra, em nota 2.3.

C- Etiópia (2.12)

A Etiópia fica no extremo norte da África divisando com o sul do Egito e Canaã.

A Etiópia também sofreu o castigo do SENHOR. Não sabemos exatamente qual a transgressão da Etiópia. Contudo, a julgar pelo que Deus fez com as outras nações já mencionadas, o castigo que Ele trouxe à Etiópia, a saber, a Sua espada, foi resultado também de grotesco pecado.

D- Assíria (2.13-15)

A última nação a sofrer o castigo do SENHOR aqui no cap.2 foi a Assíria. Ela ficava ao norte de Canaã. Todas essas nações mencionadas no cap.2 mostram que Deus de leste a oeste, de norte a sul, pesou Sua poderosa mão. Não houve quem escapasse de Seu juízo, assim como não haverá escapatória para ninguém no Dia do SENHOR, quando Jesus voltar, exceto para os que O receberam como Salvador e Senhor de suas vidas.

“Esta é a cidade alegre e confiante, que dizia consigo mesma: Eu sou a única, e não há outra além de mim” (v.15). Essas palavras expressam a arrogância, orgulho e soberba da Assíria, aqui representada pela sua capital Nínive. Mas, quando o SENHOR visitou-a pesando Sua poderosa mão sobre ela, a mesma se transformou **“...em desolação, em pousada de animais!”**, e em vez de ser admirada e aplaudida por sua opulência **“Qualquer que passar por ela assobiará com desprezo e agitará a mão”**.

Mais uma vez fica a mensagem para nós de que Deus **“resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça”** (1Pe 5.5).

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

HABACUQUE Parte I

Introdução

Viver pela fé em Deus não deveria ser algo difícil para o crente, mas é. Nosso coração é traiçoeiro; com muita facilidade colocamos nossa confiança na instabilidade das riquezas e dos bens materiais. Por isso, estudar um livro bíblico como o de Habacuque é para nós algo muito importante, pois, ele vem nos lembrar de que **“Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide, o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento, as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação”** (Hc 3.17 e 18). Deus está no controle de tudo não importando quais sejam circunstâncias.

1 – Tema central do livro de Habacuque

A mensagem do profeta Habacuque tem como assunto principal:

“O justo viverá pela fé no Deus santo e justo” (Hc 2.4).

Foi justamente esse assunto que o apóstolo Paulo abordou em sua carta aos Romanos. Em Rm 1.16 ele cita Hc 2.4: **“...o justo viverá por fé”**. Sim, o justo (aquele a quem foi imputada a justiça de Deus) vive pela fé em Deus. É importante destacarmos que o justo não vive pela fé na fé, mas, sim em Deus. É Ele quem lhe sustenta a fé, a qual o impulsiona nessa vida.

2 – O Autor

Temos poucas informações sobre Habacuque; somente as que constam em seu livro. O possível significado de seu nome é **“abraçar”**, o que pode indicar sua proximidade com Deus. O uso que Habacuque faz das tradições do culto judaico coloca-o como um profeta ligado ao templo de Jerusalém, embora alguns estudiosos coloquem dúvida nesse ponto²¹. Contudo, temos no livro motivos suficientes para vermos Habacuque como um profeta autorizado por Deus e sua mensagem divinamente inspirada.

Habacuque foi muito zeloso pela honra de Deus. Viveu uma profunda crise espiritual ao ver Deus pesando Sua mão sobre o povo por causa do pecado. O povo havia quebrado a aliança com Deus e O rejeitado. Outros deuses foram colocados em sua vida. Sabendo que Deus não pouparia o povo por tão terrível pecado, Habacuque se põe a interceder pelo povo e a buscar na justiça e misericórdia de Deus a salvação para o povo. Mas, Deus estava determinado a **“curar”** o Seu povo pelas mãos dos perversos caldeus. A cura parecia pior que a doença, e isso angustiava profundamente o profeta (Hc 1.12-17).

O profeta sabia que a História não era regida pelo acaso, mas, sim, pelas mãos do Senhor, e, por isso mesmo, buscou-O colocando Nele toda a sua esperança. *“A presença do Senhor em seu templo confirma o senhorio sobre a história e nos assegura de que no final, sua legítima reivindicação ao domínio do mundo inteiro será universalmente reconhecido”*²².

²¹ Cf. ELLISEN, 2007, p. 372.

²² Bíblia de Estudo de Genebra, p. 1058.

3 – Objetivo do livro

O objetivo do livro era enfatizar a santidade divina ao julgar o violento reino de Judá por seus pecados, muito embora Deus tivesse usado uma nação ainda mais iníqua para executar tal julgamento, nação que ele mais tarde destruiria por sua idolatria e iniquidade ainda maior²³.

4 – Data e ocasião

Em Hc 1.6 temos uma evidência da ocasião em que a profecia foi dada e possivelmente o livro foi escrito: **“Pois eis que suscito os caldeus, nação amarga e impetuosa, que marcham pela largura da terra, para apoderar-se de moradas que não são suas”**.

Os caldeus (ou neobabilônios) como o novo poder mundial, que sucedeu os assírios por volta de 612-605 A.C., tomaram Jerusalém em definitivo no ano 597-596 A.C., o que coloca Habacuque como contemporâneo do profeta Jeremias.

“Um importante acontecimento durante esse período foi a batalha de Carquemis em 605 A.C., quando o Faraó-Neco II e seu exército egípcio, que tinham vindo auxiliar os assírios contra os babilônios, foram totalmente derrotados por Nabucodonosor II. Pouco tempo depois, também Judá, como outros reinos outrora independentes da Siro-Palestina, foram subjugados pelos poderosos neobabilônios. A visão inspirada de Habacuque, portanto, pode ser datada como pertencendo ao período entre 605-600 A.C., quando os babilônios se tornaram a força dominante no cenário internacional, devastando impiedosamente qualquer oposição (1.5-17)”²⁴.

5 – Esboço do livro

A Bíblia de Estudo de Genebra apresenta o seguinte esboço o qual utilizaremos para estudarmos este livro:

I – Cabeçalho (1.1)

II – Primeiro lamento: o povo de Deus afastado da vida na aliança (1.2-4)

III – Primeira resposta: o Senhor envia os babilônios (1.5-11)

IV – Segundo lamento: por que os ímpios babilônios? (1.12-17)

V – Segunda resposta: vida para os fiéis, mas aflição para os ímpios (2)

A – A distinção crucial é revelada (2.1-5)

B – Da aflição à adoração (2.6-20)

VI – A oração do profeta (3)

A – Cabeçalho: invocação (3.1-2)

B – A autorrevelação de Deus (3.3-15)

C – A expectativa e o júbilo da fé (3.16-19)

²³ ELLISEN, 2007, p.374.

²⁴ Bíblia de Estudo de Genebra, p. 1058.

ESTUDO PANORÂMICO DOS PROFETAS MENORES

HABACUQUE Parte II

Introdução

Relembrando a mensagem central do profeta Habacuque: **“O justo viverá pela fé no Deus santo e justo”** (Hc 2.4), iniciemos então o estudo do conteúdo do livro.

I – Cabeçalho (1.1)

“Sentença revela ao profeta Habacuque”. Como foi que Habacuque recebeu essa profecia não sabemos. Se foi por meio de uma visão ou se ele ouviu a voz de Deus, ou se Deus falou-lhe por meio das circunstâncias, não sabemos. O que sabemos é que Deus lhe revelou os Seus desígnios às nações.

II – Primeiro lamento: o povo de Deus afastado da vida na aliança (1.2-4)

Nestes versos o profeta revela a seguinte situação:

- O povo de Deus quebrou a Aliança vivendo em pecados como a idolatria e a imoralidade;
- O resultado de quebrar a Aliança com Deus foi a maldição e o julgamento de Deus;
- Entregue aos seus pecados o povo afundava cada vez mais na sua própria maldade;
- O profeta levanta o seu lamento a Deus na esperança de que Deus intervisse na situação; contudo, aos seus olhos parecia que Deus apenas o fez ver toda a calamidade sem ter qualquer iniciativa de interrompê-la.

A mesma situação foi vista e descrita por Paulo em Rm 1, onde ele mostra que porque as pessoas optaram por um estilo de vida reprovável (idolatria, homossexualismo, etc) Deus os entregou **“à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si”** (Rm 1.24). Ao abandonar a Deus, o homem também experimenta o abandono de Dele. **“Por esta causa a lei se afrouxa...”** (v.4). Essas palavras indicam que o modo pecaminoso de vida escolhido pelo povo levou a um abandono da Lei de Deus.

Quando olhamos para nossa sociedade e vemos os absurdos nela cometidos pensamos que quando Deus executar o Seu juízo nada restará. Mas, é um engano pensarmos que o juízo de Deus será apenas no futuro. O “abandono de Deus” no qual Ele deixa os homens viverem entregues a si mesmos (como em nossos dias) já é manifestação do juízo de Deus, ainda que seja somente o começo.

Deus se deixa achar pelos que O buscam, mas, também se esconde daqueles que Dele se afastam. Habacuque constatou isso e por isso mesmo clamou a Deus.

III – Primeira resposta: o Senhor envia os babilônios (1.5-11)

Não há clamor feito a Deus que fique sem resposta. Nestes versos encontramos a primeira resposta de Deus ao clamor do profeta. Uma resposta que não trouxe consolo, mas, sim, mais pavor. Ele haveria de suscitar os caldeus (babilônios) para serem Seu instrumento de punição ao povo de Judá. As nações estão nas mãos de Deus e Ele as usa conforme o Seu querer.

Os caldeus aqui são descritos como **“pavorosos e terríveis”** e também como os autores do **“seu direito e sua dignidade”** (v.7), ou seja, eles faziam suas próprias leis e tomavam-se a si mesmos como medida para dizer o que era ou não dignidade. O homem

sem Deus cria suas próprias leis e estabelece sua própria maneira de viver. Mas, assim como Deus levantou a Babilônia para subjugar Judá, Ele levantou outros povos para subjugar a Babilônia que hoje não passa de ruínas. O homem ao tentar ser medida para si mesmo prova a sua loucura.

Ao usar as figuras do leopardo, lobo e águia aplicando-as à Babilônia, Deus quis mostrar a agilidade, sagacidade e velocidade com que eles subjugavam os inimigos. Não haveria qualquer escapatória para Judá. Seu juízo estava selado.

Os babilônios só reconheciam um deus: o seu próprio poder. O homem que confia em si mesmo é idólatra (adora e cultua a si mesmo). O resultado disso é que eles zombavam dos outros povos e seus reis. Autoconfiança e arrogância andam sempre juntas e por isso caem juntas diante do único poder verdadeiro, o de Deus.

IV – Segundo lamento: por que os ímpios babilônios? (1.12-17)

Nesse segundo lamento, o profeta Habacuque constata que há um flagrante disparate: como Deus que é **“desde a eternidade... o Santo”** lançar mão de um povo tão iníquo e perverso como os babilônios para executar o Seu juízo contra Judá?

Uma coisa que devemos sempre entender é que todas as coisas, nações e elementos estão sob a autoridade de Deus, e Ele os usa como quer para fazer o que bem lhe apraz sem com isso ter o Seu caráter manchado pelo pecado dos homens.

Habacuque lança mão de uma acusação pesada contra Deus: **“Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?”** (v.13).

Veremos no próximo estudo a resposta de Deus. Por hora, o que devemos destacar aqui é que Deus permitiu Seu profeta fazer-Lhe esses questionamentos. Contudo, em momento algum Habacuque questionou o caráter de Deus, tal como fazem aqueles que dizem que “Deus não é justo”, que “Deus é cruel” porque Ele permite tais coisas acontecerem. Habacuque questionou o que estava acontecendo, e pelo fato de Deus ser Santo, Justo e Fiel à Aliança Dele com Seu povo, porque Ele permitia que tal calamidade acontecesse?

Outro fato a ser observado aqui é que é que nem mesmo Habacuque escapou do senso de justiça própria comum a todos nós. Para ele era inconcebível Deus se valer dos ímpios babilônios para castigar aqueles que eram mais justos do que eles. O capítulo 2 é a resposta de Deus. Veremos isso no próximo estudo.

BIBLIOGRAFIA

BRUCE, F.F. *Comentário Bíblico NVI – Antigo e Novo Testamentos*. 1ª edição, (São Paulo) SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2008.

Bíblia de Estudo Almeida. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia de Estudo de Genebra. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1980.

CALVINO, João. *Comentário à Escritura Sagrada Velho Testamento - O Livro dos Salmos, Vol. 1*. São Paulo (SP): Edições Paracletos, 1ª edição, 1999.

CALVINO, João. *Comentário à Escritura Sagrada Velho Testamento - O Livro dos Salmos, Vol. 2*. São Paulo (SP): Edições Paracletos, 1ª edição, 1999.

CALVINO, João. *Comentário à Escritura Sagrada Velho Testamento - O Livro dos Salmos, Vol. 3*. São Paulo (SP): Edições Paracletos, 1ª edição, 2002.

CALVINO, João. *Comentário à Escritura Sagrada Velho Testamento - O Livro dos Salmos, Vol. 4*. São Paulo (SP): Editora Fiel, 1ª edição, 2009.

DAVIS, John D. (org). *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro (RJ): Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.

DOUGLAS, J. D. (org). *O Novo Dicionário da Bíblia vol. 1 e 2*. 1ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1962, reimpressão 1990.

HARMAN, Allan M. *Comentário do Antigo Testamento – Salmos*. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.

HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Antigo Testamento, Vol.3*. 1ª edição, Rio de Janeiro (RJ): Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

KIDNER, Derek. *Salmos 1 – 72 – introdução e comentário*. São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1980.

KIDNER, Derek. *Salmos 73 – 150 – introdução e comentário*. São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1981.

MACDONALD, William. *Comentário Bíblico Popular Antigo Testamento*. 1ª edição, São Paulo (SP): Mundo Cristão, 2011.

STRONG, James. *Dicionário Bíblico*. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

VAN GEREMEN, Willian A. (Org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo*

Testamento, Vol.1. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.

VAN GEREMEN, Willian A. (Org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo*

Testamento, Vol.2. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.

VAN GEREMEN, Willian A. (Org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo*

Testamento, Vol.3. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.

VAN GEREMEN, Willian A. (Org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo*

Testamento, Vol.4. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.

VAN GEREMEN, Willian A. (Org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo*

Testamento, Vol.5. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2010.

WIERSBE, Warren. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento, Vol.3*. Santo André (SP):

Geográfica, 1ª edição 2010.